



10/2/95

155

... não foi
... do lado
... de 1940
... para a
... Exposição
... Litografia
... São Paulo
Livro sobre a
Paulo Riquini
no Museu de Arte de

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

PROLOGO.

Eis-nos trilhando a senda do jornalismo!... Eis-nos fazendo gemer os prélos, e já suppondo que temos uma reputação collossal, um nome illustre nos annaes das Lettras!... Eis que encetamos a viagem n'essa vereda tão semeada de espinhos, tão cheia de rodeios e precipicios, e tão difficil de eaminhar!...

A imprensa periodica é um mar perigoso, em o qual a cada momento, se encontram mil syrtès, e innumeraveis cachopos naufragos, onde o palinuro, por mais experiente, que seja, vê-se muitas vezes em risco de naufragar!... E quantas outras, man grado preze a vida sempre ehara, encontra a morte n'esse pelago insondavel?!... Mas, que valem reflexões, quando um ente racional intenta uma empreza, e jura leval-a ao cabo, por mais arriscada, e difficil-tosa que seja?!...

O homem é a peor animal e o mais teimoso, que conhecemos, e nem para proval-o seria mister ir muito longe. Poderiamos citar milhares de exemplos em nosso apoio; o que não fazemos agora, porque o não julga-

mos mister para o nosso assumpto. E quando mesmo apparecesse algum individuo que nos compellisse a exhibir factos, com a sua propria *teima* provariamos exuberantemente o que acabamos de referir.

Ora, bem conhecemos o risco que temos de correr n'esta aventureosa empreza, e as innumeradas difficuldades, que nos empre superar: mas o que é que se faz, sem trabalho, n'este valle de lagrimas?... — *Labor omnia vincit* — Temos diante dos olhos; e conscios de que o trabalho tudo vence, trabalharemos constantes... e bem pagos ficaremos, se algum fructo, posto que immaturo, colher o publico, de nossas penosas fadigas.

Demais, não suleam igualmente o temivel pelago da Imprensa, possantes *náus*, e humildes *chavecos*?!... Não temos visto tantas vezes fraquissimos *bateis* navegar empavezados e ufanos chegar ao almejado porto?!... Seremos nós somente os infelizes *naufragos*?!... — Deus o não permittirá por certo.

Demos ao nosso pequeno *esquife*... (não se assustem que não é de conduzir mortos) o engraçado nome de — AMOR-PERFEITO —. Nem s'espantem; porque, segundo a *grammatica*, a qual,

O Amor-Perfeito.

se nos não enganamos, deve ser conhecida dos nossos leitores,—o nome e uma voz com que se dão a conhecer as cousas—; isto é:—boas e más,— não podendo influir, por consequencia, nas qualidades ou attributos das pessoas ou cousas. E para prova d'esta asserção, bastará dizer—que ha cousas, e pessoas tão parecidas com os nomes como a luz com as trevas.—Mas, no caso presente, trataremos de empregar todos os meios a nosso alcance, para que possamos desempenhar, se for possível, o lindo nome, que adoptamos.

O AMOR-PERFEITO, se apresentará ás vezes alegre e prazenteiro,—se o tempo estiver bom, e a estação for propicia; murcho, e sentimental,—se o *sudueste* o quizer desarraigar, e o *sol do verão* reduzil-o a misero pó; critico e picante, porém com decencia,—se o circumdarem hiervas agrestes, e o quizerem, por força, acanhar, e fazel-o fenecer antes do tempo; espinhoso, e eriçado,—quando se lhe approxime alguma *serpe venenosa*, com o intuito de feril-o.

Mas, em qualquer d'estes easos, será sempre modesto e attencioso para com o—Bello-Sexo, pois que é flôrzinha sempre apreciada das Bellas, e não quer perder, por motivo algum, o bom conceito, de que goza.

Aceitará, para fazer incluir em suas columnas, tudo quanto lhe quizerem offertar, sendo escripto em estilo decente e correto.

Esforçar-se-ha por tornar-se variado e interessante, juntando a uma critica razoavel, e bem dirigida, uteis

e proveitosas lições, que sempre serão unidas ao mais delizioso recreio.

Em conclusão:—se para alguns formos—*silva espinhosa*,—para a maior parte contamos que havemos de ser sempre—

AMOR-PERFEITO.



REVISTA THEATRAL.

UM dia d'estes que pertencem ainda—*par droit de conquête, et par droit de naissance*—á semana de que hoje é o ultimo dia—andava eu passeando no salão do theatro de S. Pedro, com o maior conquistador do bello sexo, que por abi campêa. O TAMERLAO, é um mancebo elegante, janota *pur sang*, physionomia arabe, olhos vivos e penetrantes, bigodes povoados, e graciosamente retorcidos, talhe esbelto, e traje simples, mas bem composto. Se trouxera umas botas á Frederico, uma farda branca de largos canhões vermelhos, um chapéo de *trois cornes* e uma d'estas espadas que carregavam denodadamente em Nerwende, ou em Fontenay, seria o mais aprimorado capitão de dragões de Luiz XIV.

Então, finalmente, sahio-se com uma descripção apaixonada; disse-me elle interpellando-me, como se eu tivesse professado, e cingido o cilicio de TRAPPA.

— Como? interrompi eu.

— O baile do Cassino inspirou-o.

— Nem lá estive....

— Mas a sua Ella, que sahio em certo jornal. como a borboleta surgindo do estado de chrysalida.

— Está enganado. Nunca me servi do jornal para namoros typographicos. E' uma cobardia. E' peor do que metter cartas de amores pela greta da porta, ou deixar o coração ás furtadellas, esmagado entre duas folhas de um album.

— Então não era o seu retrato?

— Quero dar-lhe um preceito critico, e hermenutico. Quando nas chronicas da *Revista Theatral*, como no mostrador do *Desmarais* vir trouxas d'ovos e alcorcas, attrahua-as ao meu collega, que tem a desventurara de ser solúvel como assucar nas agnas de Cythera.

— Não, solúvel não é. E' esthetic, ama o bello, devora-o.

— Tome-o como quizer. Fique aqui entre nós. E' uma predisposição d'alma. O bello admiro-o, descrevel-o não posso. O vocabulario ou é muito curto ou muito safado: Não podendo rasteal-o, acolho-me aos monossylabos, ás interjeições, etc.

— Quer um conceito que eu já tinha formado?

— Qual?

— Custava-me a crer que fosse sua aquella lamuria.

— Porque? disse eu, já quasi arrependido de lhe haver dado as premissas para tal consequencia.

— Essa é boa! A sua physionomia não mente. Lê-se-lhes nos olhos o indifferntismo.

Aqui me puz eu a scismar, e achei que n'este oraculo estavam incluídos dois juizos contrarios. Um d'elles fazia de mim um homem serio, grave, inflexivel, prudente, uma especie de Endymion, insensível ás frechas de Diana. Era lisonjeiro; mas o outro era pungente. Dava-me carta de sceptico, votava-me ao ostracismo, quebrava-me gratuitamente a corda do sentimento, e encanecia-me os cabellos em um momento, como a perda de seis manuscritos gregos os tinham feito alvejar, d'um dia para outro, ao philologo Guarini.—Consultei comigo a ponderação do negocio; reflecti que ainda não tinha completado os annos em que a prudencia e principalmente o senso, e as tranquillias electoraes empurram a gente para as freguezias...., colligi reminiscencias, entrei no theatro,—folhiceo aquelle livro sibylino

que se estende desde as torrinhãs até as frizas para achar a minha pagina, amoleci a alma, torci as palpebras com força para se me abrirem, melhorei os olhos, procurei convencer-me de que me encendia o peito uma paixão volcanica, arrebatei-me, torci-me, suspirei, e embriaguei-me n'um estado da alma que participava do enlevo do extasis e da prostração do delirio, trazendo á memoria todos os amores entusiasticos, e ardentes, que povoam os fastos do sentimentalismo desde a poetisa de Lesbos, até ás negruras romanticas de Werther, e d'ali ao ideal incomparavel da *sympathia platonica*, e infeliz de Julia e Raphael.

Alargava-se-me a alma com vezes. O volcan rebentára para dar relevo á monotonia do plaino. Desde então julguei que entrara a frequentar a suavidade das regiões bemaventuradas de Dante, de Petrarca, de Byron. Tinha na cabeça como delineada e prompta a fabula inteira de uma epopeia de amor. Entrara a conversar com os mysterios do sentimento. Tinha apreciado o padecer de Heloisa, provado a taça de fel de Herpanti, chegado a decifrar a metaphysica do suicidio de Werther.

Tinha-me submettido a uma metamorphose provocada, e como que artificial. Cingiam-me agora as roupagens vaporosas dos apaixonados, sentia os pes despegarem-se da terra, e tinha como umas velleidades de voar. Mas as azas? — Esmoreci concebendo que me faltava este orgão sobrenatural.

As azas dá-as a linguagem, o estylo, o colorido, e a riqueza da elocução.

Era lastimoso este convencimento da insufficiencia de todos os vocabularios. Desejei realisar a unidade da arte na sua maior plenitude. Suspirei porque a palheta se identificasse com o verbo,—que o buril se aliasse ao pincel,—que o rythmo se fundisse com as proporções da statuaría,—que o vocabulo se absorvesse de novo na unidade pantheistica do templo. Eu não queria ser

O Amor-Perfeito.

Raphael, porque as madonas dormem acordadas na tela. Rejeitava ser Canova, porque as Venus são pallidas e frias, como se dormissem ainda nas pedreiras de Carrara. Olhava ao Solaiio a Musa de Byron, ou de Lamartine, porque as Haidées, e as Julias ficam invisíveis sob o véu cerrado dos periodos poeticos. Detestava Bellini e Verdi, porque a harmonia stringindo-me o sentimento, cegava-me para criar ás apalpadellas em busca das Normas, e das Elviras, que me fugiam nas azas dos zephyros. Desejava ser mais do que isto. Queria uma palavra, uma côr, uma linha, uma nota, que resumisse mysteriosamente todas as manifestações do bello n'um syncretismo impossivel; almejava um talisman, um sopro, um conjuro, com que reproduzisse n'um momento o que eu sonhava no fando d'alma; porque o amor só dura um momento. Ai d'elle se chega a durar o que vivem as folhas do arbusto! O amor só tem duas estações,—a primavera, e o estio—. A primavera para abrir—o estio para morrer. A primavera para se refrescar com o bafejo da viração, que embala o sentimento sem irrital-o; o estio para lhe dar-dejar os raios do sol que o abrazem; a primavera para crêr e esperar; o estio para gozar e soffrer. O outono não o consente o amor, que não seja para as lagrimas; o inverno para as saudades. Deve a flôr colher-se de prompto para que se não mirre na arvore. Mais vale haurir-lhe o perfume um só dia na jarra de Sevres, do que vel-a ir cedendo ao tempo no ramusculo da arvore. Tudo tem principio, meio, e fim. O meio suppõe a primasia sobre os seus extremos. No principio cresce-se; no meio para-se; no fim declina-se. Do nada ao nada passa-se por uma existencia gradual: o amor é excepção. Ou não nasce, ou aborta, ou cresce sempre. Fecha e um baobab gigante dos tropicos nas estufas da Europa. Entestou com as vidraças do tecto, roçou por ellas; mas a seiva não parou, as fibras continuaram a

robustecer. Não esperéis que desca, e se encurte gradualmente para se sumir de novo nas cotyledones. Não: estala-se o vidro, a temperatura torna-se-lhe insolente, o clima ha de lhe enregelar os tecidos e a planta morrerá.—Ali tendes o amor.

Quando verdes as aguas recrescer tumultuosas no lago, e bauliar as cumiadas da margem, tende o diluvio por certo e fugi. A alma tambem transborda. Quando o amor se espriair pelo infinito, não lhe esforceis o envoltorio deixai-o que estale. Perdestes o gnzo no presente; vivereis nn passado. A saudade do que se perde pinge, mas deleita. A saciedade do que perdeu as prenicias da nnvidade, enoja e martyrisa. Escolhei entre a suavidade da alma e a desordem dos sentidos.

Era assim que eu dizia, quando ouvi a palavra *horriavel*... que horror! que horror! O *Artista* ja não tem dias destinados. Vou á imprensa!..... vou á imprensa.... Mas o que... o que é, redargui eu, e pondo-me a abanar-lhe o rosto com um lenço de cambraia de linho, que não era meu.... Nada.... Nada... uma desfeita d'estas: preferir o corpo.... á alma.... Que horror... Preferir o perna torta ao elegante, ao dandy, ao tudo!... Preferir a venta atulada de tabaco, que cujá havia descripto com todas as forças da elocução!!!... A mim!... a mim! que morro por ella?!... Foi então que percebi que se representava o Barbeiro de Syvglia, composição d'este... poesia d'aquelle. — A Sr.^a Ida Idelvira—este passarinho da primavera trina, gorgeia e dá taes saltinhos nas cordas d'alma que mais não pode ser!— Eu tambem morro por ella!... Mas sempre o mesmo?!... Isso não passarinho, trina n'um canto igual tudo quanto a poesia do autor deramou de dentro d'alma em cada nota... segue assim, e olha... olha que harmonia se repercute em todos os ouvidos, em todos os corações, e que accentos tu tiras e fazes ouvir em cada nota d'orquestra que se mistura com os jorros do teu sentimento: não fa-

cas calar d'outra soite e tão barbaramente a melodia pura d'alma onde existe toda a expressão da vida! O Sr. Brunacci continua com os seus padecimentos de larynge, e nas articulações da perna esquerda, e já agora uma vez que o folhetaista do *Mercantil* nos declarou que este Sr. era mesmo de facto e de direito — *et par droit de conquête, et par droit de naissance*—coxa—pode-se declarar — porque longe de haver pronunciação — haverá o respeito e a compaixão que o seu pouco mérito *artista* reclama. O baixo constata-nos que todos os dias faz preces com muitos padres nossos e avc Marias—para que a *parterre* não cáia uma noite em si..... O baritono é um homem que canta como muitos que por ali se ouvem... esforça-se por nos agradar é verdade; mas a sua larynge precisa muito descanso e reforma— Vá para o Morro Queimado, com vencimento por inteiro, provada e justificada, com authenticas certidões, a molestia— e isto tudo bem reconhecido— porque não quero vê-lo ir despoticamente entre dois pretos!... Olhe o bichinho da Caixa!... Olhe essa caricatura que por ali anda— que mesmo assim pareceria spectro, ou mumia; se lhe não cahisse de vez em quando o fedorento pingo do rapé!..—Basta meu amiguinho!—

Não precisa fazer acto de *contradição*; mas creia que vamos no numero seguinte chamar á authoria os accionistas, para que lhe tomem estreitas contas.... Vm. anda muito arredo — Deixe-se de jornaes, e muito mais de um tal qual tem.— E' de fórmula!... Mas como o redactor cahiu na esparrella, é que eu não sei, aconselhámos que se segure, senão leva codillo, e se quizer pedir resposta á tal eriança, não aceite, porque abafa sempre os azes!.....

O Lago das Fadas foi perfeitamente em tudo. A 1.ª dançarina enloqueceu-nos mostrou-se eximia e encartadura ainda, nas mais subidas difficuldades: o corpo de haile é a vergonha do theatro, pernada, cabeçada e

pontapé, que ferve, e a menos de real. Recommendamos quem competir que mande essa gente para Petropolis, afim de a's se abastecer a colonisação tão necessaria como proveitosa n'este santo paiz!.....

Por hoje não podemos mais, não só por falta de espaço, como porque são horas de almoço, e eu depois não trabalho... Até domingo... Adeus.. sem mais... Ora então!... Adeus!....

O MONTANHEZ



VARIEDADE.

Um homem de espirito, e simultaneamente muito instruido, e bastante desgraçado, cuidou que preencheria um pequeno logar, um tanto lucrativo, tão bem como qualquer tuba de parvos convenientemente pagos, e que só curava de sua felicidade. Requereu um emprego; porém não tinha patronos, e é corrente que o merito só, nao póde proteger; gastou em balde tres ou quatro requerimentos que, segundo velha usança, não foram presentes ao monarcha.

Cangado, impaciente e cada vez mais pobre, lembrou-se de um estratagem, que não seria indigno de um corteção. A necessidade ás vezes é mãe de idéas felizes, e elle creveu com todo o cuidado um pequeno bilhete, que dirigiu a — S. M. o rei de Roma. — Pedia um emprego de seis mil francos, o que *era muito modesto*.

Com o coração palpitando de esperanças, foi em busca de um official general, familiar á pessoa do imperador; confessou-lhe o apuro em que se achava, mostrou-lhe o bilhete, e disse lhe: « Senhor, farieis ainda uma acção generosa, e grangearieis direito á minha eterna gratidão, se me facilitasseis o meio de entregar este papel ao impera-

dor. — O general que era tão tratavel como valente, levou o petionario á presença de Napoleão.

O imperador tomou o bilhete, reparou no enderço, e ficou agradavelmente surpreso. — Senhor, disseram-lhe, é uma petição a S. M. o rei de Roma. — Muito bem! respondeu o imperador; levem a petição a seu destino.... O rei de Roma tinha então seis mezes. Quatro camaristas tiveram ordem de conduzir o requerente á presença da pequena magestade. O solicitador não se acanhou; via sorri-lhe a fortuna. Chegando-se ao berço do principe, desenrolou o papel, e deu d'elle leitura em alto, e bom som, depois dos mais respeitosos cumprimentos. O meunorrei balbuciou alguns sons durante a leitura, e não respondeu á súplica. O cortejo saudou o pequeno monarcha, e o imperador perguntou que resposta tinha havido.

Senhor, S. M. nada respondeu.

Quem cala consente, respondeu Napoleão: está despacliado como requer.



POESIA.

O BARDO.

Mal que os seus primciros vóos,
Tremendo, a razão tentou,
Amor invadiu-lhe o peito,
Seu coração suspirou.

E sêde ardente o devora,
Que elle não sabe matar;
Que a doce causa do incendio
Não póde o triste encontrar!

Se ouvia trinar saudade;
Da roseira n'um raminho,
Pousado o cantor plumoso,
O innocente passarinho:

Suppunha amor esse canto,
Que em sua alma se embestia,
Tão terno, que arrebatava
Sua tenra phantasia.

Mas as margens d'um ribeiro,
Vendo fugir-lhe a corrente
Por sobre os alvos seixinhos
Pouco a pouco e brandamente,

Logo mudava de idéa,
Esquecia-lhe o cantor,
E todo só no ribeiro
Concentrava o seu ardôr.

Quando a leda primavera
Bordava o campo de flôres,
E o campo se embalsamava,
Resplendendo mil odôres:

Elle era amigo das flôres,
Do campo, que se esmaltava,
Do grato aroma orvalhado,
Que alegre ali respirava.

Mas ah! não durava muito
Do novo affecto a firmeza,
Tocando o zenith a lua,
Namorava-o com a belleza!

E a aurora candida e pura,
Que banha as faces no mar,
Vinha breve entre perfumes
Sua memoria apagar,

Até de angelica nymphã
A extremada formosura
Não tinha asylo em seu peito
Contra o olvido segura!....

Mas oh! porque assim elle era,
Como o beija-flôr ligeiro?
Porque pelo amor recente
Suffocava o amor primeiro?!

Porque errava duvidoso
Da borboleta ao jasmim,
Da rosa ao cravo elegante
Sem á escolha pòr um fim?!

Não te assuste, ingenuo vate,
Terrível accusação:
Acaso, seria um crime,
Seguires o coração?!

Ah! nunca foste inconstante,
Teu segredo alfim roubei;
Vigiei, segui teus passos,
Té que o abysmo penetrei.

D'incerto não sabias
Vêr teu engano singelo;
Um só ser pôde agradar-te,
Prender-te assiduo o desvelo.

Vem do céu, como um reflexo,
Que o sol dardeja, o teu bem;
Como o sol tudo abrilhanta,
Elle abrilhanta tambem.

Do passarinho o gorgeio,
O serpear da corrente,
A lua, o prado florido,
Como a aurora alvi-nitente.

Se tua attenção roubavam
Por seus mimos, seu primor,
E' que bellos procederam
Do pincel do grande autor.

Nos lindos olhos da virgem,
Cheios de graça e pureza,
Tu não amavas os olhos,
Adoravas a belleza.

Assim, na pompa da noite,
Nos resplendores do dia,
No som queixoso das vagas,
D'universo na harmonia.

Flór.

A abelha, que de continuo
Passeia de flór em flór,
E' pelo cheiro attrahida,
Que rompe d'almo licór.

Olha-a, e vê a historia tua;
Como ella incerto vagaste:
S'ella ama o nectar de Flora,
A belleza sempre ama-te.

Oh! d'esse amor sacro-santo
O fogo não se extinguiu;
Por castas mãos avivado,
Perenne clarão luziu!

Cada instante n'elle queimas
D'arabio incenso mil bagas,
Que em fumo no ar s'enrolam,
Como no oceano as vagas.

Sóbe o aroma, como um anjo
Até aos pés do Senhor,
Que no seu throno o acolhe
C'um sorriso approvador.

ANTONIO CEZAR DE BERREDO.



RECORDAÇÕES.

O' premier promenade de l'amour!
il faut que votre souvenir soit bien
puissant, puis qu'après tant d'années
d'infortune, vous remuez encore le
coeur du vieux Chatás.

ATALA — CHATEAUBRIAND.

Por este prado
Com os meus amôres
Brincando andava
Por entre as flôres.

Já mais tratavel
O sol luzente
Sumia ao mundo
Seu rosto ardente.

Subtil favonio
Ledo adejava,
E á Flôra beijos
Brincão furtava.

Limpido arroio
Ao chão verdoso
A face amena
Regava airosa.

Fragante lyrio
Com seu candôr
Lindo avivava
Da rosa a côr.

O alado bando
D'entre os raminhos
Cantava em coros
Ao pé dos ninhos.

Canções sonoras,
Do verde oiteiro,
Soltar se ouvia
O pegureiro.

D'Eusina ao lado
Com taes delicias
Fazer soá-lhe
Eutão caricias.

De mil boninas
Que amor juntava,
Mimoso ramo
Lhe offertava.

Ora enlevado
Em seus beicinhos
Libava ardentes
Fieis beijiuhos:

Ora em seus olhos
Os meus fitava
E n'elies lia
Que m'ella amava.

As mudas provas
Do meu amôr
Cessou a ingrata
Com o seu rigôr.

Sósinho agora
Aqui vagando,
Saudoso d'ella
M'estou lembrando:

D'Eusina a ausencia
Cortou-me o ser.
Meus dias finda
Cruel viver!

FREDERICO JOSÉ CORRÊA.



CHARADA.

A charada seguinte obtivemos de um nosso amigo pharmaceutico, na occasião em que a ia embrulhar em uma porção de *camphora*, (droga que está agora no galarin!) por achal-a muito mal feita, o que tivemos occasião de verificar; porém como consagramos particular estima aos medicos e boticarios, (perdoem-nos a sua ausencia) aqui a consignamos, para prazer seu, e trabalho de quem a quizer *desenrolar*.

Na cintura das mulheres,
Dos homens, e em Portugal; — 1
O meu trabalho ao vivente,
Dá sustento, e não faz mal. — 1

No tronco mais elevado,
E no mais pequeno arbusto;
Nas pennas de qualquer ave
Me hayeis de encontrar sem custo. — 2

Fórmo palacios, cidades,
Longos mares, fertes prados;
Mas, que sina! sou composto
De frageis papeis pintados!

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O VALOR DA IMPRENSA.

A IMPRENSA é o grande poder constituído do seculo XIX. É a unica soberania que não vacilla, a só dictadura que não abdica. Em quanto a Europa se offerece á contemplação do homem d'estado, e do philosopho, como um vasto museu do direito público, resumindo contemporaneamente todas as variedades, todas as formulas parciais da civilisação, desde a autocracia immobil, até á demoeracia inquieta e devoradora; desde a monarchia representativa, até a anarchia desvairada; desde a theocracia espirante, até a emancipação das consciencias; desde a fé tradicional, no passado, até as esperanças nebulosas do futuro, e as contemporizações egoistas do presente; a IMPRENSA alevanta-se triumphante e consagrada.

É o pharol alumando immobil as scenas da tempestade; é a montanha tocando as nuvens, com a cima illuminada, a zombar do diluvio, que lhe brame ao redor; é a voz poderosa dos destinos humanos, apregoada eternamente entre a agitação das paixões.

Similhantes ás pyramides do Cairo,

as gerações tumultuam-lhe ao pé, vacillam, caem.... e a IMPRENSA fica sempre! Tudo passa, tudo morre! A opinião, este tyranno cruel, mas idolatrado das multidões, transforma-se como a moda; os interesses se debatem, supplantam-se e esquecem. O que kontem alimentava o enthusiasmo basta hoje apenas para alimentar a indifferença. Os cultos, decretados e propensos a um principio, a uma nacionalidade, a um homem, ao estampido dos canhões nas batalhas, ao vozcar da sedição nas praças publicas, envelhecem-se e sómente no limbo da historia; mas a IMPRENSA é superior a tudo. É inflexivel, como a lei,— immutavel como a causa. No mundo physico, as fôrmas da materia são infinitas;— as transformações innumeraveis:— a lei que as regula é eterna. No mundo social a gravitação é a IMPRENSA.

Quem sabe se amanhã, ás linhas divisorias dos estados se terão deslocado?! Os Pyreneos poderão amanhã desaparecer da carta politica da Europa;— os Alpes poderão refugir das fronteiras, e situar-se no intimo de um grande estado! Não admirará. A balança politica não é um systema concebido *ab eterno*. A fortuna, a se-

trategia e a diplomacia explicam de sobra estes phenomenos !!!...

Mas annullai a IMPRENSA! — Não o podereis conseguir jámais.

É vedado ao mortal ler no futuro.

Ninguém poderia asseverar que no delirio das metamorphoses sociaes, no entusiasmo febril da aspiração indefinida para o ideal da humanidade, não verá amanhã os pendões historicos das nações abaterem-se um momento ante o estandarte vermelho, inaugurado no cenaculo de alguns sectarios. Ninguém pôde affirmar que não curvará um dia o collo aos grilhões do despotismo hereditario, ou ao gladio homicida das dictaduras populares.

Mas ninguém ousará interromper por uma prophecia insensata o curso triumphal da IMPRENSA.

Nunca destruireis a familia o — AMOR, a CARIDADE, — as tendencias espirituaes e sublimes da humanidade! Nunca destruireis a IMPRENSA, que as resume, que as explica, e que as traduz admiravelmente.

Os proselytos grupam-se com fervor junto do dogma que tem por eterno; a superioridade incontestavel de um principio congrega-lhe partidarios e campeões: eis-aqui porque todos profiam, e se desvelam no culto da IMPRENSA. — O escriptor é o seu sacerdote.... E d'entre os sacerdotes, é o jornalista o que vela constante junto do fogo sagrado da IMPRENSA!

Ha um orgulho fundado na participação íntima aos ritos d'esta religião universal. É o prazer de afiliar-se n'esta oligarchia poderosa, que do-

mina sem constringer — que resume um poder formidavel sem o usurpar, e que o impõe ás multidões, sem as aviltar; que as submete animando-as e que as vence engrandecendo-as.

Eis a razão porque empreendemos a publicação do nosso jornal, e n'ella proseguiremos com a devoção do entusiasmo, e com a sinceridade de uma crença profunda.

Falta-nos a vocação, temos a sympathia; fallee-nos o talento, teremos o esforço. E se chegarmos ao termo, os que nos accusarem de arrojados e de incompetentes, não hão de nunca negar-dos a — INDEPENDENCIA, e a IMPARCIALIDADE.



A ESCARLATINA E A ESPECULAÇÃO.

DIZIA certo velho, nosso amigo, que a — *pedra philosophal* — era uma verdade incontestavel, porque não havia nada n'este mundo, que se não pudesse transformar em ouro; o ponto era saber procurar-se o geito.

Ríamos sempre d'este dito do bom velho, pois sómente o julgavamos mero gracejo, e meio de fazer passar o tempo, que, quasi sempre, em avançada idade, torna-se importuno e incômodo.

Hoje, porém, que o volver dos janeiros nos hão tornado, senão avisados, ao menos mais experientes, conhecemos que aquelle excellent homem tinha carradas de razão.

Ainda não ha muito tempo descobriu-se que certos *sujeitinhos* tinham tal habilidade, que transmutavam palitos fulminantes, que se appellidam — *phosphoros* — em notas de 5.000 rs.

Mas esta *esperteza*, se tal nome pôde dar-se, era fraudulenta, e, por consequencia, criminosa; e não pactuaremos, em tempo algum, com o crime, nem com os seus autores.

Chegou a *escarlatina*.... oh! isso sim, é negocio de nova especie, em o qual pouco ou nada ha a arriscar-se, e onde o lucro é quasi certo.

Uma notabilidade medica — por amor da humanidade — declarou que a *escarlatina* grassava com mais furor do que em 1843; e, por isso, aconselhava o seu remedio, cuja receita publicára em um jornal d'aquelle anno, que citou; porém cremos que se enganou no mez e data, porque não a encontramos no logar indicado. — Felizmente a perda não foi grande, poisque uma velha, nossa vizinha, explicou-nos que o tal medicamento constava de um môlho bem feito de — pimenta, linão e sal. — Estes môlhos têm dado que fazer a muita gente; são optimos para peixe fresco... esse tambem servein para curar a *escarlatina*, é o que ignoramos completamente, e nenhum desejo temos de o verificar. Em todo o caso, louvamos o seu autor; pois elle bem sabe o que fez.

Surgiu após esse annuncio, logo outro, offeritando remedios de graça; o que achamos muito justo e louvavel, pois demonstra — sublimada philantropia, — se é que não ha algum fim occulto, que não podemos penetrar. Entretanto encarado esse procedimento, pelo lado da humanidade, mercede a nossa inteira approvação; pois cremos que seu autor não ignora o que pratica a tal respeito. — Oxalá que outros o imitassem.... porém em negocios taes, ha muitos escrupulos.... e quem possue um — *nome formado* — não deve praticar certos actos, que, em seu pensar, são *degradantes*!....

Já tinhamos, por tanto, uma boa receita, e medicamentos de graça contra a cruel epidemia; eis se não quando apparece terceiro annuncio de um medico, que vai firmando a

sua reputação, em o qual faz ver ao respeitavel público d'esta mui respeitavel e nobre capital, que a *camphora* é infallivel preservativo contra a fatal e mortifera *escarlatina*!.... Que achado!!... Quando Colombo descobriu a America não teve maior prazer, do que sentiram todos os droguistas e boticarios! — Saltaram de contentes; e quem sabe se não prometteram fazer uma ovação ao prestante mortal, que lhes proporcionava o meio de se livrarem de um grande embaraço commercial; porque a droga annunciada como preservativo do cruel flagello, se achava no mercado pelo vil preço de 900 rs. a libra.

Mas, vulgariza-se a noticia.... corre o povo em massa a comprar o milagroso *amuleto*, que o pôde livrar de uma morte quasi certa.... Aparecem artigos pomposos, elevando além das nuvens as preciosas virtudes da *camphora*, já sob a fórma de *cigarretas*, já para ser posta na sala, na alcova e na cozinha, em banhos, em pommada, em espirito, e, para dizer tudo de uma só vez, a *camphora* de todos os modos e em todos os logares; de maneira que, n'um abrir e fechar d'olhos, foram transformadas milhares de libras d'este genero, (e já por alto valor!) em bellas *notas do thesouro*, que, apezar de fracas, servem muito...

Agora respondam os homens de tino, se o nosso amigo velho tinha ou não razão uo que affirmava?....

Concluamos o nosso fastidioso aranzel com uma perguntazinha; e vem a ser:

Grassa a *escarlatina* com furor indomito?...

No caso affirmativo; que providencias se tem dado?...

No caso negativo; para que assustar ao povo?...

Todos sabem o que fazem, e é muito natural que sejamos nós os unicos que tudo ignoramos!!!



O MEU QUARTO.

Et toi... Julie..., soit toujours mon guide... mon soutien...

ALEX. DE LAVERGNE.

PARECERA' uma extravagancia, talvez mesmo uma semi-razão a resolução que tomei de dar ao prélo o consentimento de divulgar o que se passa entre quatro paredes tristes e silenciosas, despidas e solitarias, como os ramos da paineira quando o inverno se faz sentir: entretanto foi em uma d'essas noites calidas e abafadoras, que me occorreu tal pensamento para ser logo posto em evidencia. Eil-o ahí vai tal qual me suggeriu a solidão; o isolamento originou-o, a esperança deu-lhe vida: alimentadn nas trevas, só a luz da verdade lhe poderá dar algum valimento aos olhos do incredulo, por isso crede-me.

Definir o aposento de um rapaz solteiro, fóra repetir mais uma vez o que mil vezes se tem repetido; ser-me-ia facil dizer, principalmente si quizesse ostentar a indispensavel presumpção da mocidade, que *ali e acolá* existem raminhos e cartas mysteriosas; que, junto á cabeceira, distingue-se uma rosa pallida e myrrhada, a qual outr'ora presidin bella e corada o toucado de uma belleza — mesmo assim —; acrescentaria que um papel semi-aberto, escripto ás prcssas, e com caracteres tão pequenos e indecifraveis, que apenas se podem lêr, marca a pagina de um livro que parece condoer-se da flôrzinha sem viço, sem cheiro, sem alma, e que, vergonhosa, occulta-se no interior de suas desbotadas e emmurhecidas folhas. Porém, para isso avançar, mentiria por certo, e desde então, sempre que levantasse a voz para affirmar, julgar-se-ia que o fazia para negar.

O meu quarto offerece um quadro inverso d'aquelle que nos apresentam os do mancebos de hoje; não tem os seus attractivos, mas excede-os em *felicidade*. — *Ali*, n'aquel-

la caixinha, ha flôres; *acolá*, n'aquelle album, ha um bilhete cautelosamente guardado: as flôres formam um raminho delicado e seductor, o bi'hete encerra palavras siuecras e sem mysterio: o raminho compõe-se de AMORES-PERFEITOS, a sinccidade das palavras provém de sua franqueza.

Quem penetrar até o meu leito não verá esse abandono, esse deleixo que reina algures, não; porque quero sempre ser o unico depositario de meus segredos, quero viver á sós com elles, e não publical-os senão quando á par da realidade eu entrevir a ventura de gozal-a. De redor d'esse leito isolado, ha livros, papeis, jornaes... Entre os primeiros descobrem-se romances e poesias; no meio dos papeis, encontra-se o arrebatamento de uma imaginação allucinada, que se tem debatido com o infortunio; entre os ultimos realçam o BEIJA-FLÔR, o AMOR-PERFEITO... e nada mais.

— Então, me perguntareis, em que consiste a helleza do teu quarto? onde está essa felicidade que apregôas e que pareces fruir ao passo que a descreves? — Eil-a sobre aquella cama, *ali* onde reina o silencio dos tumulos, *ali*, onde não tenho por compulhia scuão o pensar, *ella* apparece-me, ora risonha e bella como o sorrir da aurora, ora apaixonada e amante como o beijo de uma mãe que acaricia seu filho: é um *sonho*, bem o sei; é uma *illusão* de mais á que se presta a minha imaginação; porém este sonho, esta illusão, têm o duplo valor de todas as ambições que são permittidas á mocidade. *Ali*, fallo a sós com *ella*, conto-lhe os meus pezares, narro-lhe os meus soffrimentos, abro-lhe a minha alma... e *ella*, boa e meiga, innocente e casta, prodigaliza-me consolações emanadas do céu, dá-me alento quando de mini se apossa o desanimo, tranquilliza-me quando sou victima do desespero, e por ultimo fecha a chaga que corrôe-me o coração, pronnunciando bem baixinho estas palavras cheias de vida: „*Eu te amo!*...

O Amor-Perfeito.

5

— E d'onde procedeu aquelle raminho que zeloso guardas? qual a sua significação?... — Foi *ella*, anjo ou mulher, que o fez passar das suas para as minhas mãos; e o anjo da guarda nunca offertou afflições, e a mulher que ama nunca ministrou traição: Deus mandou-a em meu auxilio... *ella* cumpre sua missão.

— E aquellas letras indecifráveis... quem as escreveu? o que querem dizer?... — Este é o meu segredo... a minha unica e verdadeira felicidade... *Ali*, n'aquellas duas linhas occultas aos olhos do mundo, encontro o gozo supremo da vida; *ali*, n'aquelles caracteres para vós inintelligíveis, leio a verdade do Evangelho, o unico amor que pôde felicitar o homem n'este mar de egoismo; de avareza, e de orgulho á que se chamou — vida —. As palavras que ouço em sonhos, creio vê-las esculpidas em letras de ouro sobre um campo de saphyra!

C. Ros...



VARIÉDADES.

QERTO trapaceiro vestido á rustica procurava a quem depennar na praça, quando viu apparecer um notario carregando um bem recheado sacco de escudos: era um bello homem, porém ainda mais bonito era o sacco que trazia. O ratoneiro, que já o tinha visto algumas vezes, abordou-o. Senhor, disse-lhe tomando os ares de um ingenho villão; perdoe se lhe tomo o tempo por alguns momentos. Venho de uma aldeia (nomeou-a) em minha qualidade de servente de parochia, procurar um notario para prover a grandes alterações, que nos sobrevieram, e uma capa para o senhor cura, que queimou a sua este inverno aqueitando-se na sacristia. Se tivesse a bondade de indicar-me como acabava de informar do roubo da capa de

« posso obter tudo isto dever-lhe-ia um grande favor.

O notario escancarou as orelhas, e respondeu com as melhores maneiras, que era elle o homem que se procurava, e que escreveria todas as actas, e arranjaria todos os negocios da freguezia pelo preço mais commo.

— Pelo que vejo, disse o velhaco, o Sr. é notario?

— Justamente.

— Muito bem; que fortuna! Sabe que vae ganhar 200, ou 300 escudos.

— Ainda melhor.

— Mas em recompensa do freguez que lhe dou, desejo que me faça um serviço. O nosso cura é exactamente da sua altura; leve-me á casa d'um algaribebe, prove a capa, o que irá ás mil maravilhas.

O notario não pôde esquivar-se a esta pequena condescendencia. Conduziu o pseudo-sacristião a um vestimentario, viu uma boa capa, e para provar-a, depoz o sacco de escudos no balcão.

Em quanto estava de costas viradas, o larpio *engalfinhou* o sacco, abriu a porta e fugiu.

O notario voltou-se bruscamente, e vendo partir o sacco, poz-se a urrar correndo para o lado por onde elle tinha visto desaparecer o tratante, gritando cada vez com mais força—pega ladrão.—

O alfaiate correu por seu turno, dando os mesmos gritos.

O trapaceiro que não deixava de correr seu risco, corria sempre gritando tambem: « Pega ladrão, é um sacrilego, roubou a capa de Santo Ambrosio! Está louco, peguem-no com cautella, em quanto vou buscar a « ronda. »

O populacho que via o notario correr pela rua com uma capa ás costas, suppoz que elle fosse o ladrão. Prenderam-no apressor de seus gritos, deram-lhe alguns pescoções; e a pobre gente a quem o ratoneiro acabava de informar do roubo da capa de

Santo Ambrosio, atirou-se a ella, fêl-a pedaçõs para ter reliquias, e de tal modo que ella desapareceu n'um abrir e feixar de olhos.

Foi levado a final outra vez o notario á casa do mercador; explicou-se o negocio; mas o ladrão tinha tido tempo de safar-se com o sacco, e o notario ainda foi obrigado a pagar a capa.

Não temos aqui d'estes larapios; mas entre os nossos pequenos gatunos, ha alguns tão espertos!...



Certo jacobino pregando em Veneza em dia de grande festa em honra do Rosario, contava a historia seguinte:—Um ladrão de estrada, matando, e assassinando quando a occasião se apresentava era muito exacto em resar todos os dias o seu rosario. Um viajor que elle atacára defendeu-se, e matou-o; morreu sem confissão, e seu corpo, de onde a alma não quiz partir, foi enterrado junto a um pé de carvalho pelos camaradas. Alguns mezes depois S. Domingos veio a este logar, e chamou o ladrão pelo nome. A esta voz, o defunto separou a terra que o cobria, saíu da cóva, caiu de joelhos ante S. Domingos, que o confessou, o absolveu, e encaminhou sua alma para o paraíso.



Os salteadores tambem tem differença de costumes conforme os paizes em que habitam. Não ha ninguem mais polido, e mais original do que um salteador inglez, é pouco commum que elle depenne de todo o viajor, deixa-lle sempre com que acabar a viagem. Sabe-se que uma senhora de Londres, tendo-se em horas muito adiantadas perdido no parque de S. James, e rodeada de alguns salteadores que nem lhe fallavam, mais que a seguiam com affectação, dirigiu-se a um

d'estes senhores, e pediu-lhe que a levasse a casa. Lisongeou-se o ladrão com este signal de confiança; deu o braço á dama, fez com o lenço um certo aceno aos collegas, que se apartaram, acompanhou a bella moça extraviada até á porta de sua casa, e teve a delicadeza de não accitar o convite que ella lhe fez de descançar um pouco.



POESIA.



O AMOR PERFEITO.

Nascido como a violeta,
Inclinado ao réz do chão,
Tu, ó flôr de nome lindo,
Não has medo do suão.

Sob a copa dos rosaes
Réstia de sol te acalora;
E esse calor tão almo
O tenro pé te vigora.

E's humilde, és acanhada,
Nem amostras teu matiz;
Mas assim mesmo occultada,
Linda flôr, como és feliz!

Tambem como tu, Carlinda,
Seus encantos não ostenta;
Mas o affecto que exprimes
Em seu peito ella apascenta.

Ella no peito te aquece,
Unida ao seu coração;
Ella é tua jardineira,
E tu és sua paixão.

Ahi não deves temer
Dos euros rijo açoitar,
Nem do sol de estio ardente
Fulmínea luz a vibrar.

Ahi terás um canteiro
Da bondade mais subida,
Tendo por auras suspiros,
E por cultor sua vida!



A UNS ANNOS.

Nasce a rosa no jardim,
Que esmaltam mimosas flôres:
Ninguém lhe sente os perfumes,
Ninguém lhe vê os primôres.

Pouco a pouco almo bafejo
Da fecunda criação
Lhe alinha a fôrma, e lhe imprime
A delicada feição.

O calix já se desdobra
Com viço, e em louçania;
Prende-se a um outro pétalo
Com graça e com symetria.

O fino aroma, que entorna,
Por entre a verde folhagem,
As auras vem procural-o
Como signal de homenagem.

Eis a flôr em todo o brilho;
Eil-a tudo namorando;
Eil-a desejos sem conta
Casta e innocente excitando.

Mas o fado que escarnece
Da ventura dos mortaes,
Dá ú aragem nova força,
Dá ao sol ardôr de mais.

Da gloria pois no apogéo
E' a infeliz desfolhada
Pelo ímpeto da briza,
Ou pelo sol é crestada.

Comn a rosa do jardim,
Tu nasceste, ó virgem linda!
Como ella cresceu nos dotes
Tu cresceste, e mais ainda!

Mas, praza ao céu que seu fado
Não, não seja o fado teu!
E que tu não emmurcheças
Como a flôr emmurcheceu!

Nem que na taça da vida
Bebas a negra amargura,
Que é tantas vezes no mundo
O premio da formosura.

MAGIEL MONTEIRO.



MOTTE.

*Entre suspiros saudosos
Hei de amar-te ate morrer.*

GLOSA.

Em momentos desditosos
Minha sorte foi dictada;
Foste de mim separada
Entre suspiros saudosos:
Os meus dias venturosos
Trocaram-se em padecer.
Mas, sem nunca m'esquecer
Dos instantes qu'hei gozado,
Mesmo de ti separado
Hei de amar-te ate morrer.

J. A. FERREIRA DA CUNHA.



MOTTE.

*Ausente de ti, Armia,
Passo os dias sempre triste.*

GLOSA.

Passo a noite, passo o dia
Soffrendo dura saudade,
Vivo em cruel anciedade;
Ausente de ti, Armia.
Fugiu de mim a alegria,
A tristeza só me assiste,
Nem meu peito já resiste,
A' fêra dôr qu'o atormenta;
E n'esta vida cruenta,
Passo os dias sempre triste.

J. B. DA CUNHA.



A MINHA AMADA.

(N'um Album.)

O anjo divino que alenta meus dias
E' doce e fagueiro no seu puro amôr,
Pois faz á minh'alma gozar venturosa
Da vida os effeitos em meigo fulgôr.

E' candida virgem de magnos encantos,
Seu rosto formoso a amar me induziu;
Seu ro-to formoso ao meu terno peito
Mil dictas outorga quaes nunca fruíu!

Dotada de uma alma singela, amorosa,
A minha existencia feliz faz tornar;
Em seus niveos braços me dá os prazeres
Com que meus desgostos me vem adoçar!

E em paga de tanta ternura e amor
Contente eu lhe entrego o meu coração:
E ambos gozamos de amor as delicias
Gostando os extremos de tal união !...

E' candida virgem de magnos encantos
Aquella a quem amo com todo o ardor:
O anjo divino que alenta os meus dias
A posse só tem do meu terno amor!

FLORIANO ALVES DA COSTA.



CHARADAS.

Uma letra tão sòmente
Me designa, e com razão; — 1
O sol é que me produz,
Na mais calmosa estação. — 1

Em Lysia todos os homens,
Que manejam a charrua,
Para o fim de seus labores,
Cada qual possui a sua. — 2

Sou ave bem conhecida,
Que habito mattas dispersas;
Porém tambem significo
Quatro cousas mui diversas.



A primeira e quarta é fructa,
Fructa é quarta e primeira;
Apreciavel se torna
A segunda co' a terceira.

De côres matizada, e mui flexivel;
Ora dormente, outr'ora em furia ardendo:
Foge d'ella, mortal.... não te approximes...
Porque boa não é, como estás vendo!



**A explicação da charada do
numero antecedente é:—COS-
MORAMA.**

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

DUAS PALAVRAS AO ARTISTA.

MAL pensavamos que haviamos de dar ao *Artista* tanto incommodo com a nossa apparição; mal pensavamos que o nosso mesquinho — prologo — havia de excitar a sua bilis, a derramar sobre nós o fel sarcastico; mal pensavamos que lhe causaria tamanha irritação o pobre artigo acerca do theatro, que nada mais foi do que a exhibição de um facto mais ou menos colorido, um d'esses enredos, que se nutrem nos bastidores theatraes, e que nunca deixam de pertencer ao dominio do publico.

Mas a sublimada sapiencia do contemporaneo, tocando a méta, e tomando, como deve, para si o *exclusivismo*, não consente que ninguém lhe véde a senda, e muito menos que se aventure a seguil-o, posto que de longe e com tardo passo.

O nosso modesto *prologo* foi obsequiado com estas animadoras palavras — *Que prologo!... Aquillo é que é escrever!...* Commettemos é verdade um grande crime em dizer que — o nome era uma voz com que se davam a conhecer as cousas, e muito maior, porque comparamos o nosso

jornal ao fragil baixel, que sulca o mar procelloso da imprensa; mas esperavamos que não houvesse hoje uma *inquisição* tão forte, que nos compellisse á fogueira. Além d'isso, estavamos no Rio de Janeiro, longe do dominio dos *Padres*.

Ainda mais; dá-nos licença para que digamos alguma cousa — a respeito das *botas de Napoleão*, do *chapeo de Henrique VIII*, da *cabelleira de Ganganelle*, de *Phebo*, *Phaeton*, etc., etc. Tudo o mais lhe pertence, por exclusivo privilegio!!!...

Após estas *bellezas*, felicita o director, e mais sucia, que elle conhece, lá do theatro pela apparição do nosso periodico.

Ora não ha duvida que o AMOR-PERFEITO foi bastante indiscreto. — Sahir á luz, fallar sobre o theatro, sem que primeiro houvesse de pedir venia ao *Artista*?! ao unico homem que sabe escrever, ao *Poeta por excellencia*, ao varão prestimoso, que só tem licença para tratar sobre o theatro?! ao ente, cujos principios tão rigidos, e cuja moral tão sublimada só em taes assumptos podem dar-lhe direito a decidir *ex-cathedra*?!

E' por certo mais do que arrojo, e

demasiada vaidade!... Em tempo algum devia o AMOR-PERFEITO tocar, nem levemente, n'esse thesouro, cujo exclusivo patrimonio pertencia ao *Artista*. Elle sim, homem experimentado,—ARTISTA eximio, pôde e deve francamente decretar sobre o theatro; fallar com toda a convicção que sóe outorgar a — sã verdade, e uma consciencia pura; porque o —ARTISTA NÃO SE VENDE!!!—

Afrontando porém todos os furores e sátiras do contemporaneo, e de outros, continuaremos em nossa enectada empreza, desprezando polemicas, que nada servem para o nosso fito, e muito menos incensando ou deprimindo injustamente falsas ou verdadeiras *divindades*, com o unico fim de attingir ao ponto de sordido ou mui legitimo interesse.

Estas mal tracadas linhas sirvam de resposta ao illustrado *Artista*, a quem nem de leve nos accusa a consciencia de haver offendido, e do qual não mereciamos, e nem esperamos a acrimoniosa e mordaz satyra, com que se dignou brindar-nos.



REVISTA DA SEMANA.

A TÉ hoje nada tem apparecido nos jornaes d'esta côrte que mereça extractar-se com utilidade para os leitores do AMOR-PERFEITO. O *Jornal do Commercio*, apesar do seu tamanho e largura, contenta-se e continúa a en-

cher-se com os seus — roga-se, aluga-se, precisa-se, etc., e faz bem.... O *Mercantil*, por este lado, é mais pobre, porém sempre rico em polemica, linguagem e estylo, menos nos *folhetins* que affogam os leitores entre vagalhões de sensaboria.

O *Liberal* e *Correio da Tarde* continuam empregando todas as forças para sustentarem o numero de seus assignantes: isto torna-se muito louvavel, por ser a conservação direito natural que se torna inviolavel, e é garantido pela lei de todos os codigos conhecidos.

Da *Marmota* nada podemos dizer além do que ella expende em seus annuncios:—Marmota! Marmota! Marmota! O que corresponde a — Bichas! Bichas!! Bichas!!!—Que pechincha!—Vamos á rua de tal a correr.... mesmo deitando os hofes pela bocca fóra!... Ahi ha objectos preciosos *par bon marché!*

O *Artista* esse — quis taliaẽ fandi tempere et lacrimis — sabe latim! — O seu mister é nobre: trata só do dó, ré, mim,—e de um *mysterioso amor de charada!* — declarando com um chiste inqualificavel e com uma pilheria engraçadissima:—O *Artista nunca dá explicação de suas charadas!*...—Prosiga no seu proposito.... não nos diga nada.... não.... e persuada-se que, em paga do seu sigilo, ha de obter uma boa *grinalda* composta de botelhas de *Salsaparrilha de Sands*, e *Xaroqe do Bosque*.

Não gostamos da caricatura—e com a devida venia diremos—que quando nos não apparecesse o cria-

do, que devia ser o J... ao menos o camarão devia estar alçado sobre o *Rafeiro*; e a *Dulcinéa*, com desprezo dos latidos, recebendo o *Jornal*, e entregando — *un petit bilhet doux* — cuidadosamente perfumado em *extrait de miel* para o redactor!...

No theatro não tem occorrido senão o costumado: a Sr.^a Ida continúa a *gaguejar*, — expressão de um *velhote da geral* — que não podendo dizer *trinado gorgeio* ou *som magico* — disse *gaguejar*, e lavrou tres tentos; porque elle, a nosso vêr, joga a partida com o *Artista*, e o A... Veremos quem ganha.

O Sr. Costa lá vai fazendo o que pôde; o Sr. Brunaci do mesmo modo, e assim por diante. O theatro de S. Pedro d'Alcantara é um completo muséu de numismatica. As coristas parecem moedas dos reis Macedonios; as bailarinas tem certo geito *by-santino*, que nol as faz crêr contemporaneas dos jogos do *Hippodomo*.

Sobre este montão *d'anciens Savoyards* vai proceder-se à reforma: chamamos n'esta reforma a attenção das authoridades, — *primo*, por que os contractos se acham assignados por quem os não pôde garantir; *secundo*, porque não é só por meio de uma escriptura que um homem extranho lhes assigna que os cantores se decidem a vir para longes terras, mas sim pela confiança e respeito que mereça o paiz na expressão geral do estrangeiro; — *tertio*, porque as authoridades não consentem fraudes, e muito mais quando ellas vão recahir sobre o infeliz Ar-

tista, a quem se paga com escasso premio o serviço, que elle muitas vezes presta á sociedade em cada baga de suor que derrama. — N'este ponto descançamos não nos empregarios, mas sim na dignidade sempre illeza das authoridades competentes.

Quanto á *Revista Theatral*, apenas diremos que o desforço é sempre justo, é muito nobre, e se torna sempre muito necessario quando se tem de moralisar e satisfazer á sociedade e ao público; mas é sempre muito torpe quando, apresentando esse montão de verdades a que quiz chamar *verdadeiras*, a *Revista Theatral*, desce á baixeza de — gritar ás armas — em um tempo de tanta tranquillidade e de uma paz tão completa! Isto quer dizer que o autor do tal — Artigo Nacional — nos não pôde dizer muitas verdades, sem as entremear de palavras que lhe sejam inteiramente oppostas.

Terminamos pois, reconhecendo que mais não devemos alongar os nossos raciocinios porque seria metter fonce em ceara alheia, sem comtudo deixarmos de confessar que hemos medo da *catastrophe* do tal grito, porque tememos que a Sr.^a Ida, cedendo ao espirito do seculo e desprezando mesmo os jornaes Austriacos, e a derrota dos *Hungaros* nos venha fazer gelar de susto, querendo imitar os altos feitos de certa heroina portugueza.!

O MONTANHEZ.



OS ESPECULADORES.

ESTE mundo é um aggregado de especulações.

Não duvidamos entretanto que haja alguém tão pretencioso, ou falto das lições da vida humana, que se abalance a contestar esta verdade; porém jámais o conseguirá, máu grado empregue todos os recursos da methaphysica, a mais intrincada, e ouse forçar a logica até os ultimos limites.

Eis aqui uma these:

— Um ente deve viver.

— Para viver, é mister occorrer ás necessidades da vida.

— Ora, para o conseguir, ha muitos meios, uns difficeis e trabalhosos, e outros brandos e moderados.

— De qual d'elles se deve lançar mão de preferença?

— Parece razoavel que deve empregar-se os meios menos arduos, e mais proficuos; com tanto que satisfaçam o *disideratum*, que se procura.

A necessidade, quasi sempre, força a imaginação, desenvolve recursos e descobre os meios pelos quaes possa ser satisfeita. A prova d'esta asserção, vemos nós todos os dias n'esta boa e nobre capital.

Entremos em materia.

Qual o desejo hoje dos nossos moços, apenas saíndo dos bancos, onde cursaram os primeiros estudos, e ainda muito proximos ás faixas da infancia?

Uma carta de bacharel em direito ou em medicina.

E quando, por qualquer circumstancia, (em a qual tem grande parte o bom dinheiro!) não pôdem satisfazer sua vontade, eil-os que mudam de rumo... eis que se lhes apresenta um campo vasto, — a carreira de empregado publico, — que, apezar de ter seus prós e precalços, tambem traz consigo seu bocado de máu caminho.

Até aqui tratamos de uma classe; vamos

agora ás outras; mas, antes disso, cumpre-nos revelar um dialogo, que ouvimos.

— Não tens de que viver?...

— Estou desempregado...

— Foste despedido, por não poderes supportar o desarrazoado patrão?...

— Assim foi. Esses homens são hoje — uns reis pequenos; — e julgam que ninguém mais lhes pôde subtrair o exclusivo.

— Isso não é nada; nem vale a pena de occupar-se com taes miserias, o pensamento por um instante.

— Mas, estou desarranjado....

— Põe uma fabrica de charutos.

— Não tenho fundos e muito menos credito.

— Faz-te *corretor* de algum *fabricante*.

— Isso é mais facil, porém não chegam os ganhos para a satisfação dos vicios, de que me apoderei, quando tinha frança a gaveta do patrão.

— Arvora-te *mascate volante*; diz que desembarcaste ha pouco de bordo, e que passaste as fazendas, que vendes — tão barato, por contrabando.

— Não acho máu o conselho; porém é muito incómodo andar a estender as pernas por essas ruas.

— Ah! queres sómente gozar o fructo, sem que te sujeites ao trabalho? — Não está máu.... mas julgo que o não poderás conseguir por muito tempo.

— Não é tanto pelo trabalho.... é tambem porque acho seus inconvenientes no conselho.

— E quaes são elles?

— Em primeiro lugar, os *Guardas, Fiscaes, Vigias* e todo esse enorme batalhão de exactores, que por ahi anda, sob variada nomenclatura, são de tal sorte vigilantes, que não deixam um — pobre diabo — pôr pés em ramo verde. Haja vista o que estão praticando com os pobres pretinhos de — cesto e corda, — e com aquelles que

O Amor-Perfeito.

5

vão pacificamente a serviço de seus Srs., muito antes das horas de recolher.

— Isso agora parece razoavel. Mas qual é o segundo obstaculo, que encontras?

— Eu te digo. Nem sempre os freguezes estão pelas nossas cantilenas; e quando algum se embala com taes lamurias, não trata de comprar-nos mais cousa alguma, assim que conhece o tremendo logro que lhe pregamos.

— Isso tem bom remedio.

— E qual é?

— Trata verdade, e sê homem honrado.

— Isso não é possivel.

— E por que motivo?

— Porque então deixaria o campo livre aos velhacos.

— N'esse caso emprega-te n'uma casa de vigesimos.

— Estás louco, amigo?!

— Pois é tamanho disparate o que acabo de aconselhar-te?!

— Disparate não; mas tem seus conformes.

— E quês são elles?

— Ha mais difficuldade em ser hoje admittido a uma casa de vender vigesimos, do que a ser empregado em uma — repartição pública.

— E qual é a razão d'isso?

— Não sei; mas contar-te-iei o que tenho podido colligir.

— Terci n'isso muita satisfação.

— A venda de vigesimos é hoje uma — *maçoneria impenetravel*; — e supponho que quem deseju pertencer-lhe tem de passar por provas horriveis.

— Oh! meu Deus! Que estás dizendo?!....

— Nada mais do que uma verdade.

— Explica-te.

— O negocio de vigesimos é um dos mais mysteriosos que existem: basta saber a gente com quem, pela maior parte, tem de lidar.

— E quem é — essa gente? — Não me forces tanto a paciencia.... explica-te.... senão adeus ...

— Ora, não dês cavaco....

— Mas então falla.

— São massas heterogenias... são *cousas*, pela maior parte.... são materias brutas.

— Não te julgava tão enigmatico; e por isso não quero mais acrisolar a paciencia...

— Deploro a tua innocencia....

— E eu me felicito por fruil-a....

— Olha que a innocencia, ás vezes, é o caminho mais certo para chegar-se ao vicio.

— Cada vez te entendo menos; e como estás agora philosophando, adeus....

— Então, não queres mais explicações, nem dar-me conselhos?...

— Nada, nada: vejo que não precisas d'elles.

— Pois bem: ouve sempre uma pequena explicação.

— Vamos a ella; mas sem rodeios.

— Pois te persuades que, com 80 reis de 400 ou 600 vigesimos, quando muito, se pagam casas, caixeiros, gasta-se *à la grande* e se enriquece em pouco tempo?!...

— Que diabo de enigma é esse? Estás mangando comigo....

— Está bom, amigo; mudemos de conversa. Em outra occasião te darei mais amplas explicações. Vamos agora tratar dos casamentos.

— Basta, basta.... já assás me fizeste a cabeça andar á roda....

— Então, adeus até outra vez.

E por este modo separaram-se os amigos; mas não perdemos de todo a esperanza de darmos ao prelo a continuação dos

— ESPERCUADORES.



O BAILE.

HA alguns annos, ouvi uma moça dizer que o baile era — um céu aberto —; hoje, ella mesma sustenta que é — um inferno fechado! — Não querendo suppor que seja a *falta* ou *sobra* do gosto, nem tão pouco a *inconstancia* com que as más linguas brindam o sexo feminino, a causa de opinião tão opposta, inclino-me á crêr que uma e outra tem seu cabimento conforme as circumstancias.

O baile civilisa, instrue e recreia, dizem estes; o baile desmoralisa, deslustra e enfada, accrescentam aquelles: no baile, adquirem-se amizades e relações, trata-se com a sociedade e conhece-se o mundo, affirmam os rapazes; no baile, bradam os velhos, perde-se o pundonor e o brio, estabelece-se o contacto com a pouca vergonha e desconhecem-se os deveres sociaes!.... Ora, ou eu não os entendo, ou não me fallam verdade: que uma coisa póde e não póde ser ao mesmo tempo, ninguém seia capaz de sustentar, e d'ahi parte o meu principio de ju'gar o baile *um céu* ou *um inferno*, segundo a maneira de encaral-o e nunca geralmente.

Desde já declaro-me contra o baile do nosso paiz: foi ahi que perdi a minha liberdade, foi d'ahi que comecei á arrastar os ferros da minha escravidão; porém não é este o principal motivo da minha queixa; ao contrario, capacitado estou de ser o menor e o que eu mais préso. Zeloso como um Beduíno, apaixonado como o Mouro de Veneza, não posso resistir ao desespero que de mim se apossa quando a vejo pelo braço de outro á percorrer os salões e sorrindo ás suas palavras sem expressão, ás suas phrases banaes e lisonjeiras que mil vezes têm sido empregadas n'aquella mesma noite.

Concordo que a mulher não deve ser uma estatua quando collocada entre dois

cavalheiros, cada qual mais solícito em prodigalisar-lhe attentões.... ridiculas attentões que em rigor, não valem um olhar; porém, não sabe ella que um riso seu é muitas vezes mais perigoso do que todas as respostas que necessarias pareçam ás innumeras questões que o *pedantismo* traz sempre estudadas? ignora que, cedendo aos caprichos de improvisado cavalheirismo, subinette-se a um exame presidido pela maledicencia? quem sabe?! Mas impossivel lhe é desconhecer a differença que ha no travar-se-lhe da mão: o homem que ama é gelo ou fogo, e soffre de febre ou calafrio, quando sente a ligeira pressão dos dedos da mulher amada; aquelle que a suppõe um passatempo, um desenfado para a sua vida de *conquistador imaginario*, é todo banalidade ou estupidez, e muitas vezes indifferentismo ou grosseria.

Si a nossa sociedade estivesse constituída debaixo das mesmas proporções que muitas outras, si os deveres á ella prescriptos fossem cumpridos em toda a sua extensão, pouco me custaria o sacrificio de que faço alarde; porém, entre nós, ainda a civilisação debate-se com os infamantes principios da devassidão; o homem licencioso e libertino ainda não foi excluido do recinto que só compete ao honesto, em razão de darmos por ora importancia aos effectos e não ás causas.

Uma mãe, ciosa da educação de sua filha, crendo como outros que o baile instrue, ao mesmo tempo que recreia, para lá guia seus passos e trata de cultivar-lhe o espirito nas doutrinas dos salões; um pai, deleixado no extravaganciar de seu filho, julgando tambem como outros que no baile adquirem-se relações e amizades, corre um véu por sobre as despesas á que o louco se entrega, e anima-o na carreira da ociosidade; uma moça, educada debaixo de principios, suppondo o baile *um céu aberto*, precipita-se ao encontro dos prazeres inces-

santes e sempre novos que agradam ao espirito, mas que fallam ao coração uma linguagem diversa da que ella até ntão ouvira; um mancebo, entregue á si mesmo desde a mais tenra idade, acreditando ver no baile a *morada da orgia*, accoinmette com as armas da estupidez a vaidade da mulher: lisonjeiro, prodigalisa-lhe um sem numero de termos escolhidos, porém de ordinario sem nexo, fal-a corar á principio, mas tem certeza de que mais tarde estarão de *accordo*: á esta classe pertence o galardão de transformar o baile em *inferno fechado*.

E d'ahi nasce o grande embaraço de estabelecer-se uma reunião sem mescla: o homem é ávido em adquirir renome, qualquer que elle seja; a mulher é por demais fraca em deixar-se incensar, qualquer que seja o thuribulo que o faça.

O baile perde para mim todo o effeito, toda a belleza, desde que a sociabilidade degenera em liberdade, em licença. Semlo a sua origem destinada á bõa organização de uma sociedade que, por assim dizer, forme uma só familia, impossivel lhe é prosperar emquanto se apresentarem em campo opiniões e mesmo acções tam heterogêneas. — A innocencia é ali posta em hasta; concorrem a infancia, a baixeza, a miseria, para d'ella assenhorearem-se, e então honra, reputação, dignidade, è tudo atassalhado no circulo dos ociosos, dos jogadores, dos bailarinos de nossos dias. Longe de mim a ideia de equiparar todos os mancebos que frequentam salões; seria uma injustiça tanto mais digna de censura, quanto mais limitado é o alcance da minha proposição. Até agora não me tenho referido, e nunca me refectirei, sempre que houver de arrancar mascaras, sinão á essa alluvião de semi-vagabundos que não fallam, não comem, não dormem sinão ao som de contradanças e valsas, e que despertam pronunciando ridiculas declarações de sentimentos, cuja

significação elles ignoram por se achar lóra do seu elemento.

E é por essa razão que a sociedade geme sob o peso do immoral: o baile não tem a forma que se lhe pertendeu dar na sua criação: é—um inferno fechado—, porque todas as suas portas acham-se guarnecidas pelo que ha de mais asqueroso e degradante: *a ociosidade e a infamia*.

C. Ros....

POESIA.

VI-A... E AMEI-A !...

Os olhos da minha bella
São negros e são vivaces;
Dão assim doce expressão
A's suas mimosas faces.

Quaes são seus olhos são negros
Os seus cabellos tambem;
Com tal composto, mais graça
O seu semblante contin.

A sua tez não é alva,
Mas de cor morena e linda;
Sua bocca é breve, em rosto
De belleza assaz infinda.

A expressão de seus olhos
E' tão doce, é tão fagueira,
Que de amores mata logo
C'uma força feiticeira !...

E eu morri apenas vi
O seu todo tão perfeito...
En senti ao vê-la assim
Um volcão dentro em meu peito !...

Senti que só adoral-a
Desejou n'eu coração,
Que elevado captivou-se
De tão rara perfeição.

E... adorei-a !... seus olhos
Voltaram-se então p'ra mim !
N'um mudo volver disseram
— Eu tambem te adoro assim.... —

Foi d'est'arte em nós nascido
Tão casto, tão puro amor...
Cresceu e com elle eu acho
Na minha vida doçôr.

Seus affectos, seus extremos,
Cheios todos de candura,
Foram p'ra minha existencia
A mais completa ventura.

FLORIANO ALVES DA COSTA.



LOGOGRIPO.

A minha primeira só
Designa-se certo instrumento
A cujo trabalho dão
Bem grande aproveitamento.

Porém se então me debrares
Verás sem nenhuma falta
Que mostro com tal junção
Dignidade mui alta.

E, ainda as duas juntas
(Muda em O o A segundo)
Me acharas em qualquer ave
Que vires por este mundo.

Inda ás duas se quizeres
O A primeiro em O trocar,
Sem muito custo me vês
Dos navios n'um logar.

Mrsmo se à minha primeira
Um U quizeres juntar,
Em bem diversos misteres
Me debes certo encontrar.

Minha primeira e segunda
Nos sapatos são achadas ;
Até mesmo nos ourives,
E nos brazões encontradas.

Mas a segunda e primeira
Bem mostra caverna ou cova ;
Tambem que é nome de santa
Facilmente isso se prova.

A terceira com a quarta
E' apropriado ensejo
Em que alguns animaes
Mitigão vital desejo.

Se a estas terceira e quarta
Inda um O antepozeres,
Que é falta de occupação
Concordarás se quizeres.

A quarta com a primeira
Certa vestidura é,
Em muitas corporações
Um accessorio da fé.

E nem só em certos dias
Percorro toda a cidade,
Como em propria occasião
Me verás em quantidade.

Finalmente, o todo meu
Existe nas grandes côrtes,
Os monarchas me possuem,
E homens de grande portes.

F. A. DA COSTA.



CHARADA.

Nas Igrejas se me encontra — 4
E em toda e qualquer parte — 1
Para que seja perfeito
Precisa de ter muita arte.

.....
A explicação das charadas
do n.º antecedente é: — 1.º
Capoeira — 2.º Jararaca.
.....

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O AMOR-PERFEITO.

QUANDO appareceu esta publicação periodica, no nosso prospecto compulsamos as difficuldades com que tinhamos de lutar, e apreciamos as vicissitudes por que passam as emprezas litterarias no nosso paiz. Fomos como o geognosta que explora o terreno para melhor conhecê-lo; e, com quanto n'este nosso presupposto attrahissemos as iras de um contemporaneo, todavia não temos arripiado carreira do alvo a que fitamos; vamos satisfazendo nossos compromissos com os nossos assignantes, vamos compendiando o que achamos de mais interessante no dominio do *utile dulce*, e, mercê de Deus, não desacoroçaremos, embora alguém nos pragueje, e busque empeeer a marcha que vamos indo. Não somos um fanal como o da antiga *Pharos*, na republica das letras; mas também não nos assemelhamos a esses fogos fatuos, que fugaces, illuminam o espaço para ao depois darem mais vulto ás trevas; damos a luz que podemos, e havemos de empregar todo o esforço para que ella não se embacie, conti-

nuando a não recuar na presença de qualquer embaraço que se nos opponha a conseguir esse desideratum.

O maior quinhão da felicidade que tem acompanhado esta nossa publicação, cabe por sem dúvida a nossos assignantes, e ás pessoas que nos têm generosamente obsequiado com os seus importantes trabalhos intellectuaes. Sem este poderoso auxilio, pouco caminháramos, sem o concurso de seus desvelos pouco fizemos; e por tanto fomos deseuídos de nossos deveres, e merecedores do stigma de ingratos, se de prompto não agradeessemos a benevolencia com que temos sido acolhidos. Continue-nos ella a favorecer, que temos para nós seguros garantos de longevidade, e assim poderemos tornar effectivos os desejos de progressivamente ir levando nossa empressa ao grão de aceitação que lhe almejamos, não para d'aqui colher vantagens pecuniarias, mas para ficarmos tranquillos, e convietos de que não fomos temerarios quando nos arremessamos ao mar das letras, e quando julgamos que de nossas luebrações poderia provir algum resultado de interesse para o público.

N'este intuito, é com a maior satisfação que começamos hoje a publicar o excellente poema — A SYLPUO, — produção de um joven e distincto Poeta Brasileiro, com que se dignou brindar-nos.

Accite elle a nossa sincera gratidão, e sirva o seu proedimento de incentivo a outros Vates e Autores, a quem offertimos de bom grado as nossas minguadas paginas.



HISTORIA DAS LOTERIAS.

MUITA gente crê que a origem das loterias data do ultimo seculo, ou, quando muito, do reinado de Luiz XIV, por isso que tem visto alguma cousa a este respeito nas memorias de fazer fortuna com os sonhos sobre as combinações de *Cagliostro*.

Os leitores não desgostarão talvez de aehar aqui um extracto rapido de um trabalho interessante por si mesmo, porém fastidioso, quanto ao comprimento, e poueo consultado, até hoje, pelos curiosos; bem que seja a loteria a moda mais vulgar da presente idade.

O jogo do acaso, a que se tem dado o nome de *loteria* foi estabelecido, em *Paris*, em 1644, por uma ordenança que o denominava — *banco*, ou *banco real*. Havia muito tempo que estas sortes de bancos existiam na *Hollanda*, e em toda a *Italia*; até havia um em *Lyon*, e então as loterias estavam tão em voga no *Egypto*, e principalmente no gran *Cairo*, que ninguem atinava com a origem d'ellas, sendo que quasi tudo ali se vendia por este meio.

Os *Italianos*, que as introduziram em *França*, quizeram em principio dar-lhes o nome de loteria que tinham em *Veneza*, e em *Genova*; mas *Faugelas*, que foi nomea-

do administrador d'ellas, oppoz se constantemente á introdução d'este nome na lingua franceza, e só com o seu fallecimento é que ellas receberam o nome pelo qual hoje se as conhece.

N'estes principios não era a loteria o que depois se tem tornado. Os lotes, que hoje são dinheiro, se compunham então de casas, baixellas, joias, quadros, e diversos objectos preciosos, vendendo-se assim innumerous bilhetes a um preço muito modico, e entregando-se o objecto sahido no número feliz.

No comêço do reinado de Luiz XIV, todas as damas da cõrte jogavam a loteria, haviam lotes na estimativa de 40, 50, 60, e 100 mil francos. *Sauval* diz que viu ganhar por alguns escudos bibliothecas numerosas, e bem escollidas, casas de campo, magnificas mobílias, e uma multidão de cousas de grande valor, como grandes diamantes, quadros de *Leonardo de Vinci*, de *Ticiano*, de *Poussin*, etc.

Os administradores d'este estabelecimento fizeram tão rapida fortuna, que viviam na maior ostentação de mesa, e trem de grandes personagens.

Pouco tardou em subjeitar-se a uma vigilante policia as loterias; e, para que ellas não dêssem occasião a promptas ruinas, foi fixado n'um escudo o preço de cada bilhete; marcou-se que haveria dois mezes de espaço entre a proposta, e a extracção dos lotes, e que os números seriam tirados da roda por um menino. A cousa ia em ordem, quando as seis corporações de mercadores se queixaram que a loteria lhes prejudicava o negocio. Chicanou-se, e foi abolida a loteria em 1657.

Restabelceu-se no anno seguinte, mas para não paralyzar o commercio, foram os premios propostos em dinheiro. Seu computo era de cem mil bilhetes, dos quaes noventa mil se vendiam por escudo cada um, quatro mil a dez francos, e o resto a preço intermediario.

Tendo comprado o rei, a rainha, e a rainha-mãe n'esta occasião lotes de cem luizes, que foram premiados, não perigou a loteria, antes proseguiu com a melhor ordem; e, para se mostrar ao público que não havia dólo, lembraram-se de fazer extrahir os bilhetes por seis meniños, escolhidos á sorte entre doze, que para tal fim eram trazidos d'um hospital de caridade.

(Continuar se ha.)



REVISTA DA SEMANA.

DOS jornaes d'esta côrte nada se pôde dizer, isto é, senão *mutatis mutandis* o que no numero antecedente em esboço referimos. As noticias estrangeiras asseveram que Veneza succumbiu aos Austriacos, e que os Hungaros no meio dos seus suffragios vão succumbindo. Na assemblea legislativa de França continuam as interpellações do Sr. Arnaud (de l'Ariège) sobre a expedição á Roma, com os quaes argumentos a assemblea se não congratulará porque a republica de França nasceu sem *lampiões*; e segundo o que temos ouvido expressar aos de puro sangue vermelho, não podia senão ser um aborto apressado do frenesi de vontades desregradas, e consequentemente sujeita a todas essas centenas de vicissitudes, por que tão malfadadamente já tem passado. — Os escriptos do historiador continuam por meio da imprensa a analysar a conducta do Sr. de Lamartine na revolução de fevereiro, e a tornal-o solidariamente responsavel sobre os males e desacertos dos seus actos como politico, e das suas inspirações como poeta: entretanto estamos na intima convicção, porque militam 99 probabilidades contra uma, que o historiador possa levar ao cabo o extremar com sincera verdade a culpabilidade do Sr. de

Lamartine, entre as effervescencias que se succediam a cada instante n'esses dias de fevereiro! Uma das cousas que occupa tambem uma grande parte dos jornaes lidos e conhecidos é a morte do grande Mehemet-Ali; e a sua nechrologia periodica é uma analyse de sua vida privada e publica para com os seus dominios, a que elle apparentou sempre ter uma decidida dedicação, e para sermos conscienciosos tanto quanto o devemos ser, todos os factos da sua vida o demonstravam, e ainda que se queira presuppôr que por dever fóros e obdiencia a alguém elle sancionou actos de summa barbaridade, é ainda caso negando que a balança se inclinasse para a ruina dos seus estados.

Em Buenos-Ayres continúa a apromptar-se á toda a pressa a expedição para o Paraguay. — O presidente da camara de Corrientes foi preso á sahida da igreja principal, e mais cinco pessoas, que passado uma hora já não existiam, fuzilados na praça á vontade de Rosas e pelas suas assas barbaras ordens.

Quanto á litteratura n'esta côrte, essa pôz o bonet phrygio, e levou á lanterna as aristocracias antigas.

O Robespierre desta quadra de terror é o *Artista* nos seus juizos criticos sobre o theatro dramatico; temos ainda a condescendencia de reconhecer que a penna que escreve sobre theatros não é a mesma das analyses aos dramaturgos e aos actores; assim como nos parece que o tal escrevinhador de bastidores, pilha o redactor em chefe descuidado, e parte a correr para a rua do Lavradio, para no dia seguinte nos dizer que o drama é o *Trapeiro*, e o *Trapeiro* é o drama!... e ver ondular sobre as cabeças dos passantes um como frenetico delirio de terem lido tão bons raciocinios, deduzidos de idéas preñhes de um não presta que enfastia. O arcabuz do tal critico enferruja-se e entupe-se cada vez que dispa-

O Amor-Perfeito.

ra duas linhas de satyras. Se assim continúa não será admittido nas forças belligerantes da critica; mas nem por isso deixará de ser arrumado nas ordenanças da litteratura. Pêsa-lhe o mosquete. Terá chuzço, e irá servir ás ordens dos capitães-mores da imprensa, que pela essencia do cargo propendem para a fossilisação, e para a cristalisação confusa. Diz-se pela bocca pequena que a Sr.^a Ida traja lucto pela morte do seu defunto esposo o conde de *Petipé-Carino!* e que esta Sr.^a se predispõe contrahir novos esponsaes, de que deve ser, por graça de Deus, madrinha a *Revisita Theatral*— e, por graça dos homens, o *Beija-flor*; e ha bem fundadas esperanças que este feliz consorcio se celebre no pinca-ro do Corcovado, onde se recitará a celebre e chistosa parodia— *Como és tolo— Dou-te um bolo. — Não!... não dou!... — A Lucia de Lamemoor* foi soffrivelmente, e della daremos um esboço no numero que se segue a este, se o tempo permittir!

Terminamos por hoje recommendando ás familias que por economia vão a pé em tempo molhado, de não consentirem que o escravo atravesse o salão do primeiro theatro desta côrte, com um molho de tamancos espetados na ponta de um páu e isto não lhes pedimos nós por interesse intimo de decencia e educação, mas sim porque nos fazem lembrar os nossos saudosos passeios á Viteleira, e ás romarias á Nossa Senhora do Rosario da nossa terra.

O MONTANHEZ.

O MARMOTEIRO.

PORQUE até aqui ninguem se tem animado a dizer pela imprensa alguma cousa a respeito da publicação periodica que corre por ahi com o nome de *Marmota*, e onde o Marmoteiro como um novo

Crates trata tudo tão de resto, que parece querer dar-se pelo mais singular parto da creação? Esta pergunta é feita por muita gente, mas ninguem ainda tem querido respondel-a, não sabemos se por considerar o Marmoteiro um verdadeiro truão, e como tal autorizado a dizer tudo quanto lhe vier á cabeça, ou por temer que esse *engraçado poeta*, e *faceto escriptor*, como elle mesmo com a mais *ingenua modestia* se chama, desabe alguma tremenda descompostura sobre quem ousar beliscal-o.

Quer o *faceto escriptor* seja um caturra, quer seja um Hercules publicista, cuja penna transformada em clava csinague tudo sôbre que caia, vamos atarefar-nos em fazer alguns reparos ácerca das suas publicações, embora nos exponhamos, no primeiro caso, a ouvir cynico palavreado, e no segundo a levar algum coque que nos faça ver as estrellas ao meio dia.

Logo no primeiro n.^o da *Marmota* o senhor Corregedor do que ha pelos arredores do theatro de S. Pedro, tratando da visita feita á pessoa de mais significação no paiz, usou de uma linguagem, que, por demasidado familiar e chula, era por sem duvida impropria da alta personagem a que se dirigia; no segundo n.^o, contando a viagem que fez da Bahia para esta Côrte, e omitindo o bom numero de *cacholetas* que levou durante a mesma viagem, e o haptismo de alcatrão, que lhe preparavam ao entrar desta barra com a competente solemnidade de *roda de travesseiros*, e alguns *amigaveis pontapés* espichou-se como um gato. Quiz triihar a vereda de Juvenal, Marcial, Boileau, e do nosso Tolentino, e coitado, cahiu nos atoleiros dos Bavios, e Mevios, onde se chafurda até os narizes. Sem instrucção, amigo e Sr. Corregedor, ninguem escreve duas linhas que prestem; e tendo a instrucção lhe mandado muitas recommendações, Vossa Corregedoria não pôde dizer senão ninharias, e tão anans,

meu caro Sr., que alguém tão desembaraçado como o Marmoteiro, as chismará de babuseitas.

Em outro numero, tratando Vossa Gaia-tice do jantar da Ponta d'Arca *il va sans dire* Vossa Gaia-tice sempre se acha onde ha *comezana*; comme como sybarita, ou turco no *Rhamadan*, e depois cospe no prato) de-audou uma tempestade de dicitérios contra uma senhora de idade para adular as moças, pensando assim que estas hão de pôl-o nos corações dos seus cabellos! Como se engana, meu trovão de pataratas! As nossas bellas patricias não são Hypparcas, tem muito bom paladar, e de certo, além do riso de mofa, não farão outro obsequio ao rabiscador de graçolas. Com a descompostura dada na tal senhora idosa mostrou Vossa Corregedoria que não quer ser velho; cunpra sen desejo, e se a Libitina não lhe descarregar o golpe, suicide-se por ali com alguma vela de sebo.

Para coroar a obra o tal senhor da *Marmota* ferra duas lograções famosas com a publicação das — Charadas sublimes —, e não podendo decifral-as, porque a primeira é um lógro, e a segunda é o diabo em carne e osso, promette a quem tal fizer um volume do drama do Sr. Dr. Macedo; do Sr. Dr. Macedo, cujos versos em um album, elle Marmoteiro achou mal feitos, sendo que faz tão bem versos na sua *Marmota* como nós pares de sapatos.

Não concluiremos sem dizer que não desejamos offender pessoalmente o redactor Prospero; fallamos de suas proesas, e como nos convencemos de que ellas em nada abonam o estado de civilisação da nossa terra, as unhamns como indignas da imprensa. Póde ser que não tenhamos razão, mas pensando,

Que o tal doutor formado em Marmotismo
Entre nós é o chefe do e nismo
temos para nós que fazemos bem em dar-
lhe este lembrete.

VARIÉDADES.

O PAI INDIGENTE.

EM 1662, Paris era assaltado de uma longa e cruel fome. Uma noite de estio, que Mr. de Salo, conselheiro no parlamento, vinha do passeio, seguido somente d'um laçao, um homem o abalroou, lhe apresentando uma pistola, pediu-lhe a bolça, porém, tremendo como quem ainda não tinha exercido este officio.

— Vós vos dirigis mal, disse-lhe Mr. de Salo: eu não vos farei rico, não tenho se não trinta francos, que vos darei de boa vontade.

E os entregou immediatamente.

— Segue com cautela aquelle homem, disse Mr. de Salo a seu criado; observa, o mais possível, onde elle entrar, e te não demores a vir dar-me parte.

O servo, fez o que seu amo lhe ordenou: seguiu o ladrão que percorreu tres ou quatro pequenas ruas, e o viu entrar em casa de um padeiro, onde comprou um pão de sete ou oito libras, e trocou uma das pistolas que tinha. A dez ou onze casias d'ali, entrou em um corredor, subiu ao quarto andar, e, chegando a um reducto esclarecido somente pelos raios da lua, deitou o pão no meio do aposento, e disse chorando á sua mulher e a seus filhos:

— Comei! eis ahí um pão que me custou caro; fartaí-vos, e não me atormenteis mais, como me tendes feito. Um d'estes dias serei enforcado, e sois vós a causa de tamanho infortunio.

Sua mulher banhada em prantos, e tratando de prestar consolações a seu infeliz marido, levantou o pão e deu a quatro pobres filhas que estavam inanidos pelo furor da fome.

Quando o criado acabou de observar esta

lamentosa scena, seguiu pressuroso a dar fiel e exacta conta a seu amo de tudo o que tinha visto e ouvido.

— Tomaste sentido onde elle habita? perguntou-lhe Mr. de Salo, e poderás conduzir-me lá amanhã cedo?

— Sim, senhor, respondeu-lhe; é na rua de... e lá vos conduzirei mui facilmente.

No dia seguinte ás 5 horas da manhã, Mr. de Salo dirigiu-se ao lugar indicado, e encontrou duas criadas vizinhas que já variam a rua. Perguntou a uma d'ellas quem era o individuo que occupava um aposento no quarto andar d'aquelle edificio.

— E, senhor, respondeu a criada, um sapateiro, bom homem, e bem servçal; porém, carregado d'uma consideravel familia, e tão pobre, que não se póde ser mais.

Dirigiu a mesma pergunta á outra, que lhe deu pouco mais ou menos igual resposta; subindo depois á casa do homem que buscava, bateu á porta. Este desgraçado, vestido apenas com uns máus calções, veio abri-la, e reconheceu logo aquelle a quem havia roubado em a noite precedente. Não é possível dizer qual foi sua surpresa. Lançou-se a seus pés implorando perdão do que havia feito, e supplicando, em nome de sua miseranda familia, que o não perdesse.

— Não faças bulha, disse-lhe Mr. de Salo; eu não venho aqui com tal designio. Vós exerceis, continuou elle, um máo officio, e ha pouco tempo que o professais. Convém portanto que pessoa alguma o saiba, para que vos não exponhais a severo castigo.

— Oh! senhor....

— Sei que sois sapateiro. Tomai esta bolsa, eis ahí trezentos francos que vos dou; comprareis couro, e trabalhareis para ganhar a vida, e manter vossos filhos.

O pobre sapateiro e sua familia cheios de pasmo e admiração prostraram-se ás plantas de Mr. de Salo, cobriram de ben-

ções tão magnanimo protector; e com o diluheiro que generosa e inesperadamente acabava de receber, o desgraçado pae estabeleceu-se, e conseguiu por este modo alimentar sua mulher e seus filhos, que se julgavam precipitados no horroroso abysmo da furibunda desgraça.

A necessidade, ás vezes, conduz ao crime; mas quanto não é digno de respeito e admiração do genero humano o ente virtuoso, que, similhante á Divindade, faz retroceder o misero mortal para a senda da virtude?!...

Trad. por M.



POESIA.



A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

Pour moi, dans ton cœur senti mon nom
desire un temple.

(Luce de Lancival.)

H.

AS MULHERES.

Ver um homem lançado entre os ruidos,
Entre o tumultear do vasto mundo
De omnimodas paixões theatro immenso;
Vê-o n'uma voragem de prazeres,
N'um pégo de emoções não afundir-se,
Não é crível, e até de ser verdade
Senão do verosimil perde os fóros.
Quem de ânimo ba hi tão frouxo, e exiguo
Que, vendo uma beldade desvelar-se
Em compôr o semblante de attractivos;
Em dar ao garbo o mais donoso esmalte;
Em abrir doces risos que só rocem
Dos labios a rosada superficie;

Em prover de languor irresistível
Os olhos que tiver conquistadores;
Em preparar as vozes, e fallal-as
Com todo o timbre de facundo alcance,
Quem ha hi, me dirá gran parte illustre
Da nossa sociedade, que resista
A tantas seducções, tantos enlêvos?
Xenocrates não ha em pouca idade,
E mesmo custa a havel-os na propecta!
As hellas são despoticas rainhas,
São despotas, tyrannas caprichosas.

Sabem reinar de maneira
Que, coroadas de amor,
Fazem o sceptro de egolsmo
Pesar sobre o amador,
E, estadeadas n'um throno
Que por subpedaneo tem
Os corações dos que as amam,
E as denominam seu bem.
Dão a lei, firman do turco,
Que ninguem sóe abrogar,
E, amando fracamente,
Fazem-se immenso adorar.

III.

OCCASIAO DE AMAR.

Um saráu, uma dança, uma partida,
Uma walsa walsada, de dois corpos
Formando um corpo só, e o passeio
Perdido entre o tumulto, e protegido
Por outros que não querem devassal-o,
E o borborinho de incessantes fallas,
Não são um melo prompto, um laço, um visco
Para a conquista de quem for sensível?
Quem pôde á amor fugir em tal ensejo?
Quem terá tal poder, tal energia,
Ou tão gélido o peito que não sinta
Por elle ensinar-se ou doce, ou rude
O farpão que debella a esquivaça,
E a transmuda em attenção solerte?
Quem então, junto ás aras da belleza
Seus braços de isempção, de liberdade
Não deporá como um trophéu devido
Ao triumpho da bella que o subjuga,
E lhe vai algeimar toda a vontade
De até sonhar um dia em libertar-se?
Qu'ê do sabio, do guerreiro,
Do nobre varão, do heróe
Que d'estas redes de amor
Escapar illeso sóe?
As Aspacias, as Lats,
Lindas só, mas sem pudór,
Não jungiram a seu carro
Tantos sabios de primór?

E Omphale, Briseis, Dalilla, Helena
Não venceram heróes da marcia arena?
De tal guisa argumenta o mundo todo,
Mundo de pretensões que não conhece
Quanto é fallaz, e sobremodo illuso!

(CONTINUAR-SE-HA)

O SUSPIRO.

Tu que és a expressão
Mais eloquente da dôr,
Tu que és o mensageiro
De saudades, e de anôr,
Parte, e guie-te ligeiro
De amena briza o fávôr.

Não te arreceies, suspiro,
Do encontro d'algun tuffão,
E se o topares, publica
Pelo ar tua missão,
E profere o grato nome
Que me occupa o coração.

Verás como o fero noto
Deixa logo de bramar,
E uma aragem perfumada
Te auxilia a proseguir
Na tua triste embaixada,
Que triste tens de cumprir.

Não te assiste o nevoeiro
Que o espaço escurecer;
Profere o nome de EULINA,
Has de a caligem romper:
— O nome de minha amada
Sôbre tudo tem poder! —

Assim pois, parte, suspiro,
A cumprir tua missão;
Dize tudo á bella EULINA
Que viste no coração,
D'onde partes por effeito
Da mais vehemente paixão.

Dize que eu serei constante
 Como o penedo no mar,
 Que quebra o furor das ondas,
 Que embalde o vão assaltar,
 E que em troca d'este amor
 Só lhe peço um meigo olhar.

Mas um olhar que reuna
 Toda a ventura terrena,
 Um olhar de languidez
 Da expressão mais amena
 Que n'e fica n'este mundo
 Ver do céu a luz serena.

J. B.

ÉS TÃO BELLA!...

Teu amante sou eu — tu és só minha

J. DE LEMOS — A ESTRELLA.

Um sorriso de ti, minha Josina,
 Um só volver dos olhos teus, formosos,
 Embriagam minh'alma, partilhando
 Dos mais gratos prazeres... venturosos!...

Teu rosto, aonde existe só primores,
 E' o mais doce enlevo do meu peito;
 Teu rosto, de candura tão divino,
 E' ao meu coração o mais perfeito!

E eu amo n'elle as perfeições, as graças,
 Com que sábia natura te ha brindado;
 Eu amo n'elle as expressões mais bellas,
 E em tal amar me chamo afortunado!...

Mil vezes para ti olhando attento,
 Em ti admitando a natureza,
 C'os mais puros arrouboz amorosos
 Meu coração bendiz tua belleza!...

E Deus que uniu a tanta formosura
 Esse genio singelo .. meigo... terno...
 Formou-te assim, em tudo o mais completo
 Typo, digno do amor mais sempiterno!

E a ti amando, eu amo o mesmo Deus;
 Pois esse teu composto tão divino
 E' obra só da sua Omnipotencia,
 E' um transumpto que só d'elle é dino!

FLORIANO ALVES DA COSTA.

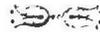


CHARADA.

Junta-lhe um S encontrarás a patria
 D'um varão Grego de eternal memoria.— 1
 Nasço da terra, e d'ella vou fugindo
 Té que pereço riqueza, fama e gloria.— 2

Orpheu, o mesmo Orphen, sem mim de balde
 Tangêra a lyra p'ra salvar a amante;— 1
 Sendo sagrado gran respeito inpiro
 Mas posso ser infame ou aviltante.— 1

Roma, não temas do patricio ingrato
 A vingança cruel, feroz rancor!
 Se a esposa e filhos com horror despreza,
 A's lagrimas da mãe cede o traidor.



Assim o rei das florestas
 Entonna a juba no ermo.— 2
 Tanto é Pariz como Londres,
 Veneza como Palermo.— 3

Nos irracionais atterra;
 Porém nos que tem razão
 Além de muito aterrar
 É improprio de christão.

**A explicação do logogripho
 do n.º antecedente é: — Pala-
 cio: — e a da charada: — Al-
 faiate.**

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
 rua da Valla, 141.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

AS MOÇAS FEIAS.

HA muita gente que ainda crê na existencia de moças feias; mas esta crença de dia a dia vai enfranquecendo e breve desaparecerá inteiramente; pois não ha maior disparate do que acreditar-se na belleza ou fealdade, principalmente do bello sexo.

Vemos uma dama, e, á primeira vista, nos parece encantadora, e a julgamos um composto de todas as perfeições; mas, se a examinarmos de perto, se analysarmos cuidadosamente as perfeições, que nos fascinaram, veremos, ás mais das vezes, que vão desaparecendo um a um esses fallazes encantos, que nos fizeram a cabeça andar á roda, de maneira que só restará do nosso lindo portento a mais triste e severa realidade.

Outras vezes ha que vemos uma donzella, viuva, ou mesmo casada, que nos parece extremamente feia; e dizemos com os nossos botões, na primeira hypothese:— Esta moça nunca ha de achar marido; na segunda:— Que *parvalhão* não devia ser o que almejou fazer-se metade d'esta *Gorgone*; e na terceira:— O marido d'esta Sra. naturalmente soffria muito dos órgãos visuaes, e deveria ter consultado, antes de celebrar o matrimonio, o *Boujean*, ou o *Ramaugé*.

Ora tudo quanto houvessemos dito, a este respeito, seria demasiada injustiça, e nada mais do que o effeito de uma não calculada e louca irreflexão.

Dona Clementina, é uma joven de faces de jasmims e rosas, como dizem os poetas, têtz aveludada, dentes de jaspe, labios de vermelhão da China, cabellos de ébano supercilios em semicirculo; tendo á flôr do rosto,

« Uns lindos olhos vivos, bem rasgados. »

Além d'estas perfeições, e de outras que não queremos referir, possui uma fallazinha tão encantadora, e mais doce do que melço, ou mel de jaty. Cada palavrinha é uma flexa que traspassa o peito, e vai enterrar-se inteirinha lá no âmago do coração. Quem a vê nos seus dias pacificos,

« Não pôde vê-la, sem deixar de amal-a; »

porém quando lhe chegam os fanequitos, vai tudo por esses ares!... Até o *papae*, (que bom é que o digamos, não mostra ser lá dos mais *bananas*) vê-se ás vezes em *calças pardas*, quando se não mette em *camiza de onze varas*!...

Se a menina pretende alguma cousa, por mais extravagante que seja, não a satisfazem, se são capazes!... Arma-se immediatamente uma tal celeuma, e tão estrondosa, que já em uma occasião acudiram as bombas, julgando que havia incendio na casa!

Dona Margarida tambem é bella como os amores, e, além de outras perfeições, tem uma cintura de palmo e meio de circumferencia, um pézinho de tres pollegadas e um quarto de comprimento;

tnca piano e canta, muito melhor do que qualquer das nossas *Deusas theatraes*, e, em conclusão, é a nona maravilha das prendas e da belleza:

N'um sorriso tão sómente
Prende ternos corações;
Despedindo de seus olhos
De amor os doces farpões.

E quem sabe se ao nosso peito, em o qual, conforme diz o bnm *Filinto*, para abrir brecha, talvez que o não podessem conseguir balas de 24, já não atirou ella algumas de suas setas mais hervadas?!... Mas isto fica entre nós... e vamos adiante. A tal menina tem o demoninho junto a si;

« Si é que o demonio não é ella mesma, »

segundo afirma *Garrett*, que, em negocios d'esta natureza, tem voto de qualidade.

Quando está de veia, a casa é um paraiso: não se ouve senão uma voz tão doce, que metteria n'um chinello, essas afamadas, carunchosas e *afabulizadas*... (perdoem o termo, que cahiu-nos da penna, e o não quizemos apanhar,) mas — nunca vistas — *seréas* d'outro tempo.

Maria não levou, ás horas do costume, á *Sinhá-zinha*, que ainda dorme, o café, bem temperado, e quente... *Engracia* não esperou com a jarra d'agua perfumada para o rosto... *Thomazia* não engommou bem os folhos do vestido de cassa adamscada... *Joaquina* não abainhou o lenço de seda comprado, hontem á tarde, ao *Filippe Italiano*, que é um dos cem freguezes da casa....

Eis que apparece Satanaz raivoso!... A menina tão meiga, tão flexivel, tão mimosa, grita mais do que um commandante da guarda nacional, á frente do seu corpo! E' amarrotado o lenço nas ventas de *Joaquina*.... pela cara de *Thomazia* anda o vestido n'uma dobadaoura.... Sofre entruído, fóra de tempo, a vagarosa *Engracia*, e

leva pela cabeça a dnrminhoca *Maria* com a chicara de café... e o que vale é já não estar muito quente!

No meio d'este borborinho, acode a velha visinha, trazendo uma tigela de agua benta em sabbado de alleluia, antes de salir o sol, e um secco ramo de arruda, colhido em noite de S. João, e quando ella se parte pelo meio, com a mão esquerda, e sem que o encare senão com um dos ollms, pois do contrario perde a virtude. Tenta exorcismar a casa... mas em balde!... Só depois de improbo trabalho, vai cessando a desordem, e acalma-se a tempestade... e *yá-yázinha* resolve-se ir almoçar... São duas horas da tarde!!!....

Respondam-nos agora: — Serão estas duas *Nymphas* verdadeiramente bellas?!....

Conhecemos, entre outras, duas jvens Senhoras, que hoje aqui particularisamos. São ellas D. Mariquinha e D. Amelia. Não podem ser consideradas como — *beldades*, — mas possui qualquer d'ellas um rosto agradável, e mil outros attributos, pelos quaes se tornam dignas de verdadeiro culto das pessoas de bom senso.

D. Mariquinha é a bondade em pessoa; e bem que ainda não tocasse o seu decimoquinto janeiro, é uma perfeita — dona de casa. — Trata com o maior desvelo e solididade, de seus tenrinhos irmãos, que tiveram a infelicidade de, no botão da vida, perder sua carinhosa mãe; de maneira que nenhuma falta encontra scu extremoso pae, nos arranjos dnmesticns.

Não é menos cuidadosa D. Amelia: é verdade que acaba de completar o seu vigésimo anniversario natalicio. Levanta-se ao romper da aurora; snlicita trata de fazer com que repouse sua mãe, já idosa; trata a todos com a maior affabilidade; nunca é ouvida a sua voz altiva ou iracunda; em clonclusão symboliza a candura e a honestidade.

Haverá alma tão estragada que possa

julgar feias estas Senhoras ?!... E' impossivel.

Uns amam a beleza das feições ; outros os encantos d'alma ; e até alguns prezam os defeitos.... E, em materia de gosto, todos têm razão.

Ora, em todas estas considerações, ainda não veio a terreiro uma grande *potencia*.

Que transmuda o preto em branco,
Sécca o mar, inunda a terra;
Torna o dia em noite cseura
Firma a paz, concita a guerra.

Quando impera esse senhor altivo, a quem chamam— ДИВНИКО — quem é que pôde crer na existencia de moças feias?!!

A rabugenta velha
Torna-se moça, bella e bem prendada!

D. Felicidade, por exemplo, é vesga, desdentada, tem uma perna adematosa, e já vai tocando aos quarenta ; mas possuie duzentos contos de reis ;— *ha de ser feia certamente*... E que neguem, se são capazes, os *correctores de casaamentos*, e os esfaimados *freguezes*. Não'o hão de fazer por certo; pois são muito *amigos da verdade*....

Apezar d'isso, temos cá nossas cósegas de que os taes *amigos* sabem optimamente que:

Muito mais vale um pau, que mil palitos;
Mais valem muitos pomos, do que um pomo;
Mais letras tem cem tomos, do que um tomo,
Muito mais pésa um boi, que cem mosquitos.

Está por tanto demonstrado que é erronea, e sem fundamento a crença, que ainda vaga ácerca da existencia de— MOÇAS FEIAS.



É UMA AGRADAVEL FLOR.

Illustré Redactor do Amor-Perfeito.

PERCORRENDO, por acaso, a rua de.... e, segundo o meu costume, indo a medir os astros, a pesar a terra e a calcular o valor intrinseco

do ar atmosphérico, passava por diante de uma optima propriedade, (que é ocioso declarar-lhe não ser minha — onde conversavam varias pessoas de ambos os sexos; e, no momento em que estava *vis-à-vis* com uma das janellas, ouvi uma voz melodiosa, que tratava do merito, primor e belleza das flôres, dizer :

E' uma agradavel flôr. »

Parei, de longe, para não ser indiscreto, nem pouco polido, como alguns que por ahí vagam ; mas assim mesmo pude observar quem era a pessoa que proferiu, com voz tão doce, aquellas encantadoras palavras.

Era uma beldade,

Tão bella, tão casta, tão meiga, tão pura,
Mais linda que Venus, que as Graças mais bella:
Não é certamente humana creatura....
Mas seja o que for, eu morro por ella.

Pude alfim arrancar-me do logar onde estava,

« Qual junto d'um penedo outro penedo, »

e ia na mente parafusando como havia de tomar conhecimento com a minha — sem igual deidade, quando sinto uma mão, não das mais leves, pousar-me no hombro esquerdo.

Não gostei da graça, e até a encarei como máo agouro ; mas, eis se não quando, voltei o rosto, (é verdade que com algum pavor, julgando ser alma do outro mundo, guarda municipal ou agente da policia,) e deparei com o meu amigo A.... poeta moderno, poeta como outros ; porém que até hoje não tem eseripto — *Poesias de sua alma, Livro de seus amores, Suspiros, Bosquejos*, — e outros nomezinhos que a modernice tem inventado. Faz seu verso, por desenfado ; ha de dar ás suas produções, (se as produzir algum dia) um nome, como deram ao AMOR-PERFEITO, e a outros que taes, assim como tambem se ha dado a muitos *livros poetas* ; porém fallando serio,

o meu amigo A.... não tem queda para as Musas.... Deus me livre que elle soubesse d'isto!!...

Vamos ao fim da historia.

O homem, poeta ou não, perguntou-me:

— Que tens, Fidelis, que estás tão con-
vulso?...

— Pouco mais do que nada, á excepção
do susto que me pregaste.

— Que susto?!... Pois causei-te algum
damno?!...

— Sim: pozeste-me a mão no hombro,
esquerdo (que é dos máus agouros) de uma
maneira tão significativa, que julguei estava
multado, e quiçá.... preso!...

— Estás brincando.

— Fallo muito serio....

— Mas que diabo de palavras inintelli-
gíveis, á semilhança de verso pronunciavas
ha pouco?...

N'isto despertei como de um profundo
lethargo:

— Ouviste?... Ouviste?!...

— Ouvi o que?!... Não ouvi nada.

— O' maldito! não me acabas de dizer
que ouviste recitar o verso?...

— Eu?!... Estás louco certamente.

— Então o que é que me dizias ha
pouco? ...

— Nada mais do que um simples gra-
cejo.

— E o verso casual da bella?!....

— Pelo que observo, estás viajando nos
vastos intermundios d'*Epicuro* ...

— Não zombes de mim.... senão dou o
cavaco....

— Jámais zombei de ti; pois te consa-
gro amizade.

— Ora falla serio. Não ouviste o verso
das flôres?....

— Nem uma só letra.

— Pois escuta.— Ali mora uma *Divin-
dade*; e, ha pouco, fallando de *floricultura*,
disse casualmente, ou de proposito:

E' uma agradavel flôr.

— Bravo! .. bravo!!... Já tenho um
motte! Queres que o glose?...

— Olá se quero!... Estou morrendo por
isso...

Pois lá vai, com licença dos Vates, e
principalmente d'aquelles que, conscios do
seu alto increcimento, vão dar novas do
seu talento, e vasta erudição em longas
terras.

E' uma agradavel flôr.

Amo as flôres porque n'ellas
Meu olfato s'extasia,
Exalta-se-me a alegria
Se as vejo em lindas capellas;
Mas, a ter um cento d'ellas
Do mais bello cheiro, e côr,
Por um suspiro de amôr
De prompto todas trocára,
Porque sendo essa flôr rara
E' uma agradavel flôr.

A ouvir este improviso, que, aqui para
nós, não me pareceu lá grande cousa, mas
que me cumpria dizer que estava optimo,
porque os taes dilectos das—nove irmãs
—não são para graças, saltei de contente,
abraçei o Vate e exclamci:

— Bravo! bravo! meu A.... Pelo que
observo, das esperanças para o futuro.

— Não manges comigo d'esta sorte....

— Sou incapaz d'isso.... E em quanto
estás com as idéas frescas, vamos escrever
o motte.

— Não é digno d'isso.

— Como te enganas!.... Póde ser que
ainda vejas os taes versinhos parodiados,
voltadas de traz para diante, de cima para
baixo e de baixo para cima; o que te hade
dar alto renome.

— Fu o dispenso.

Entramos em uma botica; e ahi fo-
ram escriptos os versos, pelos quaes tal-
vez ainda venha a fazer fortuna, pois tam-

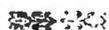
O Amor-Perfeito.

bem quero casar; mas não pelos meios que empregam muitos que por ahí andam, e com especialidade certo *besuntão*, que á força quer *fazer-se* de engraçado, sem que a graça nunca o tivesse visto.

Tocava o *Aragão*; e, para evitar dúvidas, recolhi-me aos patrios lares; mas ainda tenho esperança de dar-lhe noticias minhas.

Se o Illustre Redactor julgar que poderão apparecer em publico estas rabiscas, mande transformal-as em letra de forma, com o que muito obrigará, não só ao meu charo amigo A..... como a este que é seu criadinho.

FÉLIS.



AS PAIXÕES.

(EXTRACTO DO DIARIO DE UM ANCIÃO.)

Como és curiosa, criança!... para que te queres enmaranhar no hediondo labyrintho do mundo? com que fito dejas levantar o véu aos mysterios de que se acha rodeado o que se chama — *vida* —?... Queres vêr e gozar? queres amar e aborrecer?... Oh! não!... concentra-te antes no teu existir de anjo; guarda, occulta aos olhos de todos a tua innocencia; concilia-te com o teu pensamento de virgem; e quando a seducção, a ignominia e a infamia se te apresentarem, fuge-lhes e não lhes deis ouvidos; não creias nas suas palavras lisonjeiras, no seu trajar de gala, na sua felicidade apparente: tudo é ficticio, minha Julia, tudo astucia e ardil que o inferno gerou nas suas horas de repouso!... Escuta: a vida é uma peregrinação limitada pela mão do Creador; o que ella em si encerra de mais bello, de mais offascador, e sem divisão o que debes evitar com allinco, é de todos os precipicios o que á cada momento se abre ante

os passos da virtude: e o *amor*, minha filha, essa paixão por excellencia que *alenta e vivifica*, ao mesmo tempo que *suffoca e mata*.

« Na tua idade, desenvolve-se ella com a rapidez da seta tocada por mão vigorosa, percorrendo uma atmospherá limpida e pura; sobre os teus *quinze annos*, bellos, tão bellos como o teu rosto sereno; risinhos, tão risinhos como os teus labios cõr-de-rosa; meigos tão meigos como o teu coração de pomba, lança a paixão devastadora os seus pillos alicerces; mas, antes que uma só pedra seja collocada, antes que se erga a harreira que turva o olhar e que prohibe o ouvir, a tua physionomia perderá esses traços originaes que Deus tem reservado unicamente para as *suas electas*; a tua voz percorrerá toda a escala do sublime para acabar rouca e enfraquecida; o teu pensamento, depois de divagar por entre as mil creações do idealismo, terá horror da realidade!... Sim; porque a paixão que ora trato de descrever-te, não busca a solidão... La mesmo onde faz-se sentir o silencio dos tan ulos... ali onde reina a paz do sepulchro... n'aquelles centenares de disticos que significam — *passamento* —, não distingues bulicio, desordem? não lês em caracteres negros que o amor se tem disfarçado com a mascara da amizade e da saudade?...

— « Aqui descansam em *paz* os restos de uma mãe, ali os ultimos despojos de um pae, acolá estão de mistura uns e outros, e mais ainda os de um tuho!... — E quem lhes tributa estes monumentos?... quem revolve de sob a terra esse montão de pó, esses comoros de ruinas que caracterizam a importancia do homem?... — Lê Julia... e ainda o *amor*.

A mulher que ama tem perdido a paz e a serenidade da alma: entregue de continuo aos sobressaltos que lhe causam bem ou mal fundado ciume, inquieta pelo receio de

ser uma victima da inconstancia, assombrada pela linguagem que lhe dirigem, linguagem que ella não comprehende, mas que desperta sua curiosidade, atira-se ao *pensamentear*, forja mil planos de tranquillidade, procura refrear esse desespero que a tortura, aniquilando sua felicidade, e por fim prostra-se ante os caprichos da paixão que muitas vezes a tornam presa de loucuras que o mundo reprova e estigmatiza com suas viperinas expressões, mas que não soube apontal-as antes de serem postas em pratica.

« O homem, similhante a um animal bravo e feroz, não reconhece dique que se opponha á sua vontade, quando sente-se contaminado. Soberbo e avaro, inclemente e enraivecido corre á medida que se atéa a chamma interna, atira-se a todos os perigos, sacrifica posição, dignidade e honra, e mais de uma vez esbarra-se com o crime para sem demora vêr-se á braços com elle.....»

« Este quadro que ahi vês debuxado, minha Julia, nada tem de inverosmil: o amor, bem como todas as paixões que têm sua séde no coração, ou antes que abrangem o physico e o moral do ser a quem dominam, apresenta-se sempre de baixo de uma fórmula enriquecida pelos mais bellos attractivos; porém, apenas consegue apossar-se do espirito do individuo que, fraco, prestou-se ás suas exigencias, torna-se arrogante e audaz, e não cede senão depois de acabrunhado por uma serie de desgostos que embotam a razão e a fazem irreconciliavel com as proprias leis da natureza.

Attende-me: a experiencia permite-me que te illumine com a luz da verdade, e as minhas cans a attestam. Si algum dia te fôr dado a escolha entre o *amor* e a *amizade*, não desdenhes o sentimento pela paixão: a amizade garante um futuro esperançoso; o amor contenta-se em t'o apon-

tar, sem que nunca o possas attingir. Quando te fallarem uma linguagem impura e dirigida pelo cynismo do homem profuso na *arte de conquistar*, despreza-a; porque a amizade detesta a lisonja, e ama o verdadeiro.....» S. E. O.

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

III.

INDIFFERENÇA.

Vivia n'este mundo; era frequente
 Nos bailes, nas partidas, via as bellas
 Em motu de prazer, mais se alindarem,
 Um perfume de gozo me affectava,
 — Era homem, mas livre me sentia —
 Si uma bella, mais bella que outras bellas
 Eu contemplava, artista me julgava
 De um sublime cinzel julgando os feitos;
 Se lhe via pairar nos labios risos
 Suppunha lindas flôres agitadas
 Pelo soprar das auras docemente;
 Si as vozes lhe attendia, meditava
 No arfar da guzla, no soar da harpa!
 — Era feliz, gozava de prazeres
 No remanso da paz, na paz ditosa
 De toda a placidez d'alma tranquilla.—

Amando o bello
 Em toda a parte
 Como se fôra
 Só obra d'arte,
 O meu espirito,
 Meu coração
 Não receiavam
 Grave paixão;

Livres qual ave
De altanaria,
Tudo gosavam
Nada os prendia:
Eram as ondas
Do alto mar
Que nem penedos
Tem de encontrar.

IV.

LI NÃO AMAVA.

Eu não amava... amor!... ah! nem podia
Pensando qual pensava deparal-o
Para atavio de meus tristes dias.
Amor, doce sentir indifinivel,
Ora incendio, volcan, ora delicias,
Umaz vezes vertente de tormentos,
Outras vezes caudal fonte de gózos,
Esse amor que, para illuar a dita
Carece de outro amor de igual fervencia,
Por nao poder achal-o o não buscava.
Para mim esse amor era um diamante
De valia seia per, mas engastado
No vertice do mais alto cabço
De uma alta montanha inacessivel!
Nos meus sonhos elle me bruxuleava
Como o vesper claros de f'licidade;
Mas tentar conqur tal-o era loucura,
Conqulstal-o impossivel decidido!

V.

E' PRECISO AMAR.

Sem amor os meus dias iam indo
Caminho do sepulchro, e se esgotavam
Uniformes a arca assimilhando
No bojo da ampulheta, que se exhaure
No fim do tempo, que lhe foi marcado.
Ia a minha romaria
Pouco a pouco rematando
No bordão de caminheiro
A fadiga attenuando;
Caminhava para o termo
Do viver — a sepultura,
Ia morrer sem amor,
Sem d'este heim a ventura,
Ia morrer, e a lisongeira esp'rança
De que um ai, um suspiro de saudade
Me bafejasse a campá, e uma lagrima
Sobre ella cahida lhe esculpisse
De amor um epitaphio em triste nenia,
Este último anear d'homem sensivel
Nao me roçava o coração sem vida.

(CONTINUAR-SE-HA)

SONETO.

Mais força tem amor, que os juramentos.

Eis-me de novo no poder d'aquella
Ingrata, desleal, cruel, perjura,
Que sem cansar me cava a sepultura,
E vai-me collocar no fundo d'ella.

Agora mais que nunca se disvella,
Meu decidido amor, minha ternura,
Pela sua divina formosura,
Que sempre me parece iuda mais bella.

No furor de meus barbaros ciumes
No meio dos mais duros soffrimentos
Jurci abandonal-a em meus queixumes.

Mas, esp'ranças vãs, loucos intentos,
As promessas quebrei, faltei aos numes,
Mais força tem amor, que os juramentos.

J. A. FERREIRA DA CUNHA.



LOGOGRIPO.

A primeira, entre os do Lacio,
E' uma preposição;
A primeira, e a segunda
Tambem tem igual missão.

Ambas, e mais a terceira
E' acto religioso,
Feito ás vezes com pobreza,
Outras com luxo fastoso.

A terceira com a quarta
Indica necessidade,
E a quarta com a quinta
Um typo de liberdade.

A sexta, e a derradeira
Tambem ao Lethes pertence,
E por elle caminhando
Muitas distancias se vence.

A primeira com a quarta
E' rua bem conhecida
N'um cidade em que muitos
Vivem bem folgada vida.

A quinta junta á terceira
Pertence á phitologia,
Sendo uma cousa a que os noivos
Não deixam de dar valia.

A quinta ligada á quarta
Ao porte dá gravidade,
E nem sempre quem a traz,
A traz por idoneidade.

A sexta unida á quinta
Pertence á religião,
E pelos heresiarchas
Ha d'elles inda um bandão.

A setima e a terceira
Diz que eu me dirijo a Deus;
Oxalá, por este meio,
Ouça Elle os votos meus.

A setima com a quinta
Um nome de homem dá,
E quem folhear a historia
Mais d'um n'ella encontrará.

Toda esta moxinifada
Dá palavra bem commum
Que qualquer decifrará
Sem custo, e trabalho algum.

Passa por elle o innocente,
E por elle o criminoso;
Ambos acham que o petisco
Não é lá mui saboroso.

Este logogripho é offerecido ao redactor da *Marmota*, que, por gostar do bello sexo, se achar a palavra, terá por premio uma duzia de *pécegos* fechados hermeticamente n'um frasco de *xarope do bosque*, que lhe destina uma das velhas do jantar da Ponta d'Aréa.



CHARADAS.

Quem a tem quer ser valente — 2
Tem-a o crime, e a virtude; — 2
E eu que sou inda rapaz
O tenho da senectude. — 1

Anda d'aquíl para ali,
E d'aht para acolá;
Tamanha sollicitude,
Oh! meu Deus p'ra que será?



Lá p'ra pópa, lá p'ra pópa — 1
Ou então sobre a carneira; — 1
Lá p'ra pópa, lá p'ra pópa — 1
Ou de Góa sou primeira. — 1

Duas nuvens separei
Que raivosas pejevavam,
Produziu-me sua raiva
Quando ellas se chocavam.



Nome de homem — 1
E de cidade — 2
Lascivo e feio
Foi divuidade.

A significação das charadas do n.º antecedente é: — a 1.ª **Coriolano** — e a da 2.ª **Ferocidade**.

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

**MALDONATA,
OU A LEOA RECONHECIDA.
ROMANCE HISTORICO.**

BM 1535, fundando ns hespanhoes Buenos-Ayres, sentiu logo a nova colônia o effeito da fome; e todos aquelles que iam procurar mantimentos eram trucidados pelos selvagens, o que deu logar á prohibição, sob pena de morte, de sahirem das devesas do novo estabelecimento. Uma mulher, a quem a fome, sem dúvida, déra animo para afrontar a morte, illudiu a vigilancia dos guardas collocados derredor da colônia para preserval-a dos perigos que corria. Maldonata (era o nome da transfiga), depois de ter vagado por algum tempo por caminhos desconhecidos, e ermos, entrou em uma caverna a fim de repousar-se do cansaço. Qual foi seu terror encontrando ali uma leoa, e quanto não ficou maravilhada vendo esta temível fera approximar-se-lhe com passo tardo, affagel-a, e lamber-lhe as mãos com rugidos de dôr mais proprios a enternecer-a do que atterral-a! Brevemente a hespanhola reconheceu que a leoa estava prenhe, e que seus gemitos eram a linguagem de uma mãe que pede soccorro para depôr a carga que a opprime. Maldonata ajudou a natureza no momento dularoso em que ella concede pezarosa a todos os seres que nascem o dia, e a vida, cuja duração lhes deixa por tão pouco tempo. A leoa, felizmente soccorrida, foi em busca de abundante sustento, e

o depositou ans pés de sua benfeitora, que o repartia diariamente pelos recém-nascidos que pareciam reconhecer estes desvellos pnr dentadas innocentes, e saltos alegres. Mas quando a idade lhes apurou o instincto de por si mesmo obterem a alimentação, esta familia dispersou-se pelas matas, e a leoa, cuja ternura maternal já mais nada tinha a fazer na caverna, desapareceu tambem, e foi habitar n'um deserto. Maldonata só, e sem subsistencia, viu-se obrigar-a a deixar a furna, temível a tantos seres vivos, mas da qual a piedade lhe tinha feito um asylo. Esta mulher, privada com dôr da sociedade que lhe era tão cara, não conseguiu errar por muito tempo sem cahir entre as mãos dos indigenas. Uma leoa a tinha sustentado, e os homens a fizeram escrava! D'ali ha pouco ella foi tomada pelos hespanhoes, que a levaram a Buenos-Ayres. O governador, mais feroz do que os leões, e os selvagens, não a julgando bastante punida pelos perigos, e males que tinha soffrido, ordenou que ella fosse amarrada a uma arvore no meio dos matos para morrer de fome, ou ser pasto das feras. Dois dias depois, alguns soldados lotam saber o destino da desgraçada victima; acharam-a cheia de vida no meio de tigres esfamados, que de bocca aberta, não se atreviam a acnmmettel-a vendo-a protegida por um leoa que com pequenos leões que lhe estavam aos pes. Este espectáculo impressionou de tal modo os soldados, que ficaram immoveis de enternecimento,

e terror. A leão, vendo-os, separou-se da arvore como para deixar-lhes a liberdade de desatar a sua bemfeitora, mas quando elles a quizeram levar consigo, o animal veio a passos lentos confirmar por caricias,

dozes gemidos os prodigios do reconhecimento, que esta mulher contava a seus libertadores. A leão seguiu por algum tempo, acompanhada dos leões, as pegadas da hespanhola, dando todas as demonstrações de respeito, e da verdadeira dôr que uma familia faz sentir quando acompanha até o navio um pae, ou um filho querido que se embarca d'um porto da Europa para o novo mundo, de onde talvez não possa voltar. O governador, instruido de toda a aventura pelos soldados, e trazido por um habitante das florestas aos sentimentos de humaoidade, que seu coração feroz tinha calcado passando os mares, deixou viver uma mulher que o céu tinha tão visivelmente protegido.



HISTORIA DAS LOTERIAS.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 4.)

NOS lances felizes podia ganhar-se dezoito mil francos por um esudo. Os ciados, os avarentos e as beatas, ainda não se atiravam a este jogo por impulso de sonhos, porém os supersticiosos tinham todo o cuidado de comprar seu bilhete em dia de algum santo milagroso. Haviam nada menos de novecentos e noventa e nove mil sobre mil que perdiam seu dinheiro como hoje, e como hoje, as pessoas que queriam conservar a reputação de sensatez não jogavam na loteria, ou se tomavam algum bilhete, era com nome supposto. Foi assim que dois magistrados M. *Parisot*, e M. *Gilbert* tiraram duas sortes grandes, o primeiro com o nome de *Petit Jean*, e o segundo com o de *Muscarrillo*.

Pouco depois diferentes particulares ricos estabeleceram em suas casas pequenas loterias, pelo plano das grandes, e tanto gosto deu este jogo, que se espalhou por toda a França.

Então, como os *Italianos* alardeavam de ser os inventores d'este jogo, um antiquario, não satisfeito de lhes oppôr o *Egypto*, que d'elle usava como um recurso de seu commercio, desde tempo immemorial, confundiu o orgulho d'esses pedantes, publicando investigações em que fez ver que os *Centavros*, e os *Lapitas* tinham-se battido por causa da primeira loteria com que se depara na historia, e que tal partilha pela sorte era da mais remota antiguidade, pois que se pôde considerar como loterias a divisão da Terra Santa entre os *Israelitas*, a divisão que *Lycurgo* fez da *Laconia* em trinta e nove mil partes, o rapta das *Sabiuas*, que foram distribuidas á sorte, etc.

Vê-se ainda nos historiadores da antiga *Roma* que os imperadores dispeosaram grandes liberalidades ao povo, por meios identicos ás nossas loterias. Escreviam-se sobre pequenas taboas os dons que tinham de ser distribuidos, eram lançadas ao povo depois dos espectaculos, e os que podiam apanhar este genero de bilhetes recehiam o objecto de que elles traziam o nome.

Nero, e *Tito* fizeram muitas vezes d'estas prodigalidades, que consistiam em bestas de carga, escravos, sommas de dinheiro, vasos preciosos, vestidos de luxo, etc.

O imperador *Heliogaballo*, de odiosa memoria, intreteve-se tambem com estas sortes de loterias tanto com seus commensaes, como com o povo romano: mandava escrever em conchas o nome dos objectos que queria distribuir, e os officiaes as arrojavam á multidão; porém para melhor se divertir, eram esses objectos em parte de valor real, e em parte ridiculos, de sorte que em quanto um portador de uma concha recebia cem peças de ouro, outro cem

bonitos vasos, outro dez libras, etc., seus vizinhos recebiam, uns, dez ovos, outros dez libras de chunbu, e assim por diante, de modo que, como nossas loterias, era um verdadeiro jogo de acaso; e, segundo nota *Lampridius*, este divertimento tanto agradava aos romanos que só por isso elles se regozijavam de ter *Heliogaballo* por imperador, scudo, como se sabe, um desprezível louco, um tyranno, um monstro sedento de sangue e de carnagem.

Póde-se dizer que entre os antigos *Francos* a divisão dos despojos era uma especie de loteria, pois que se distribuia á sorte; porém este jogo propriamente dito só se estabeleceu em França no XVII século, e isto devido aos Italianos.

O cardeal *Mazarini*, que era apaixonado do jogo, e maiormente do ganho, foi, segundo se diz, quem primeiro deu á França o divertimento das loterias; permittiu pois o estabelecimento d'ellas, que teve logar, como já dissemos, em 1644, e logo que elle conheceu que este divertimento agradava, quiz tomar parte n'elle: comprou uma enorme quantidade de joias, e de fazendas que tinham mais apparencia do que valor real; fez lotes; o rei, a rainha, todos os empregados compraram bilhetes ao ministro, e esta loteria deu-lhe trezentos por cento, a crêr-se nos contemporaneos.

Em fim, uns por divertimento, outros por interesse todos os ricos fizeram loterias, a exemplo do cardeal; o joven Luiz XIV, a rainha mãe, e os principes tambem as estabeleceram em seus palacios. Mas ao passo que a maior parte da gente da moda se occupava com estes divertimentos frivolos, formavam-se algumas do mesmo genero com um fim mais respeitavel, como a loteria de *M.^{me} de Lamignon*, cujo producto era destinado para o resgate dos Francezes, captivos em *Argel*.

(Continuar-se-ha.)



RASGO DE GENEROSIDADE MARMOTAL.



QUANDO esboçamos um artigo para o AMOR-PERFEITO, compendiando algumas das gentilezas do engracado poeta, e faceto escriptor da *Marmota*, nem pela idéa nos passava que esse *hystrião* da imprensa fluminense se vingaria de nós, fazendo chover as setas de suas iras contra a extracção do AMOR-PERFEITO. Pois eramos demasiado generoso; de um mercenario garantujador tudo de máo devéramos esperar para ao depois não nos arrependermos de ainda suppor-o capaz de alguma cousa que esteja á cima de cuspir a baba de estolida truance em quem quer que bem lhe apraz, com tanto que d'ahi resulte tornar-se mais vendavel o tal *papeluxo marmotal*.

Vamos ao caso. Vendia-se o AMOR-PERFEITO na rua dos Ourives n.º 21, e no largo do Rocio n.º 54. A *prole pharmaceutica*, que tem cara do maior drastico, e o cheiro nauseabundo de *oleo de croton*, fez uma romaria por todas estas casas pedindo que continuassem a receber o AMOR-PERFEITO, mas que o não expozessem á venda!!! Na primeira o homem baldeado da Bahia para o Rio de Janeiro conseguiu seu fim, mas na outra honra seja feita aos senhores d'essa casa o requerimento inqualificavel do *jogral* foi indeferido!

Não faremos mais commentos a este rasgo de CAVATEIRISMO do *Corregedor das duzias*; elle falla por si, e em demasia mostra, sem ser por oculo de *Marmota*, o que é o tal redactor *Mormoteiro*!

Já que estamos com a mão na massa, façamos mais uns *bollos* para o *jocoso escriptor*.

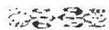
Em um dos números da *Marmota* deu o redactor como razão de a imprimir no estabelecimento do Sr. Paula Brito o ser a sua casa uma COCHFIRA cheia de folhetos, e que este nosso intelligente impressor, e importante cidadão, em recompensa da prefe-

rencia, dava-lhe *uma quarta de farinha, uma garrafa de cachuça*, e não sabemos quanto de *bacalhau* (peixe, ou azorrague, como melhor lhe agradar). Não tem tanta graça?... O que quereria dizer com isto o *Marmoteiro*?... Se não é um insulto, como costuma, então não passa de um d'esses pantos da sua tresloucada bola; porque a julgarmos facecia, seria ella de fazer arrebitar as ilhargas de riso, mas sómente ao *Marmoteiro*. Em qualquer dos casos, o Sr. Paula Brito que lhe dê os agradecimentos por tão estupenda recommendação a seu magnifico estabelecimento.

Consta, e nós o eremos, que o *engraçado*, em uma das bareas da carreira de *Nichteroy*, vendo uma senhora interessante, e bella, como são as nossas patricias, pediu ao marido que o deixasse applicar as *beizolas* na avelludada mão de sua respeitavel esposa!

Então não está tão bonito?!... O que merece aquelle que tem tão insolita ousadia?!....

Julgamos que a *gaiatada* do Rio de Janeiro deve tomar conta do *Prospero*, até arranjar-lhe na *Praia Vermelha* melhor comido do que o que elle desfructa, á *tripa forra*, no mosteiro de S. Bento.



THEATRO

DE S. PEDRO DE ALCANTARA.

COMPANHIA DRAMATICA.

No dia 30 de outubro foi o beneficio do Sr. Gusmão com o drama *Jacques Verdier*. Não diremos se a peça é boa ou má, porque não é esse o nosso fim. Quem a foi ver n'essa noite, chorou ou não chorou o seu dinheiro (conforme o gosto de cada um), e quem a não viu pouco se lhe dá com isso: demais, um communicante do *Artista* já nos pôz em pratos limpos e n'uma linguagem poetica a

biographia do protagonista, e os apaixonados d'este genero de descrições poderão no n.º 8 d'aquelle periodico saciar o appetite.

E' tão sómente da representação que vamos tratar.

O Sr. Reis (*Jacques Verdier*) comprehendeu o papel soffrivelmente: porém o seu methodo de declamar é pessimo, e até incommoda!...

Com tudo fazamos-lhe justiça, foi quem melhor entendeu o que fazia. Excepuamos o Sr. Gusmão e a Sra. Ludovina, porque eram papeis de pouca importancia, e não é em papeis taes que estes dois actores podem mostrar os grandes recursos artisticos de que podem dispor.

Se para ser hom actor, é preciso gritar desesperadamente, declaramos que o melhor actor que ha no Rio de Janeiro é o Sr. Pedro Joaquim. Na verdade, este Sr. firma toda a sua sciencia artistica nos gritos, em mexer com os braços acreamente, e tudo isto acompanhado de não saher *quasi* nunca aquillo que representa, tornando-se por sobre maneira insupportavel. No que o Sr. Pedro Joaquim mostra ser grande, é em inimica! é pena que não haja no Rio de Janeiro uma escola d'esta arte; porque não podiam achar um professor mais subline do que este Sr.—Perderia a companhia dramatica um dos seus melhores sustentaculos; mas o tempo apagar-lhe-ia as saudades.

A Sra. Adelaide Christina tem uma particularidade consigo, e é essa a unica pela qual gostamos d'ella: quando está fallando em scena (só em scena é que temos o gosto de ouvir a sua voz) faz-nos lembrar o estio na nossa terra; porque é no estio que cantam as cigarras.

Os seus *ah! ah!* têm mais similhaça com os gritos agudos de uma arara do que os *ais* soltados d'um peito martyrisado pela angustia. E' que esta Sra. conscia de que o seu declamar tem a virtude do nar-

cotico, e vendo o somno que se apodera dos espectadores, quer por força obrigar-os a estarem alerta para ouvirem, a seu pezar, o seu parvo methodo de declamação.

A mobilidade do rosto é-lhe desconhecida; ou na dôr, ou na alegria, o rosto da Sra. Adelaide Christina está sempre impassivel, como deveria ser o da estatua do *Convidado de Pedra*?

Nem toda a presunção d'esta Sra. fará com que o publico a applanda; e se *alguem* lhe diz que ella é excellente actriz fique certa de que isso não passa de um cumprimento banal, um galanteio de bastidores.

Com tudo a Sra. Adelaide teve n'esta noite tres pures (!) de mãos que lhe deram palmas!..

Não ha de ser por este caminho que a mesma Sra. hade levar o seu nome á posteridade! — Não; a sua fama hade *morrer forçada antes de nascer*.

O Sr. C. J. (o communicante do *Artista*) deve ir á typographia pedir que lhe emendem o artigo; não pôde deixar de ser erro d'imprensa o dizer que a Sra. Adelaide, representou — bem como nunca — ! Supponmos que o que o C. J. diz é que a dita Sra. — *nuca representou bem* —; e se com effeito quer dizer a primeira phrase permitta que lhe digamos que se não é por ironia é por ignorancia.

Gostamos do Sr. Jose Candido; desempenhou o seu papel magnificamente, inda que algumas vezes lhe fosse preciso estar á espera do ponto. — A maneira por que no primeiro acto (20 annos depois do prologo) vinha caracterizado, era magnifica, e nada tinha de exaggerada.

O Sr. Monteiro ridicularisou demais o seu papel. Nem tanto!

Não vale a pena fallar na Sra. Grata e Paula Dias, porque são papeis de pouca importancia. Com tudo fizeram o que puderam.

Finalizamos dizendo que o drama é bello

de semsaboria; com tudo o actor do communicado achou-lhe bellezas! — Talvez! elle que o diz, e por que tem seus motivos para assim o fazer. São gostos!.. O Sr. C. J. gosta de semsaborias, e apresenta como prova viva d'este seu gosto, o seu proprio artigo.



THEATRO

DE 8. JANUARIO.

O DOTE DE SUSANA.

A falta de tempo não nos permite fallar da primeira representação d'este drama, que teve logar na noite de 5 do corrente. Diremos somente que o publico foi illudido, porque julgan lo ir ver o papel de protagonista desempenhado por uma actriz, não teve noticia da mudança seão depois de ver em scena outra *Susana*. Peza-nos de não podermos elogiar nenhum dos actores; porque nenhum d'elles sabia o seu papel.

A Sra. Gabriella, além de não saber a sua parte não comprehendeu o pensamento dos autores do drama.



VARIÉDADE.

Os salteadores hespanhoes muitas vezes roubavam com a maior polidez, e ate com o chapéu na mão. Em França dezollavam os viandantes quando havia a pera de forea para o ladrão, e hoje contentam-se em esvasiar as bolsas, porque d'este modo não se expõem seão ás gales d'onde podem ser soltos. Na Italia matam ás vezes os pobres caminheiros, sendo raro que deixem de respeitar os ecclesiasticos. Em 1818 os salteadores que infestavam as in-

mediações de Terracina encontraram uma tarde alguns bispos, que apalparam cuidadosamente com o chapéu na mão, e a quem tomaram tudo quanto acharam; mas depois de lhe terem roubado até as franjas dos cintos, pediram-lhe de joelhos a absolvição, e a benção episcopal; os bispos commoveram-se com esta pia súplica, e os ladrões os deixaram passar, depois de lhes beijarem as mãos. Parece-nos que este facto caracteriza bem o saltador italiano.



A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

VI.

A SYLPHO.

Era assim minha vida, eram meus dias
 Todos iguaes monotonos vividos.
 A' hora do repouso ia lançar-me
 Entre os braços do somno que dormia
 Mal por elle chamava pressuroso;
 A' hora de accorder, eu despertava
 Alheio de prazeres, e alegrias.
 Indifferente a tudo, tudo via
 Pelos olhos de espirito tranquillo!
 Mas quando menos
 Eu esperava,
 Quando de amor
 Eu nem curava,
 Vejo uma bella,
 Um ideal
 De formosura
 Original.
 Morena de um moreno avelludado,
 Com olhos de fulgor ameno, e puro,
 E mais doce, e mais brando que a fulgencia
 De dous astros em céu de estiva noite;
 Rindo-se como um anjo se sorrisa,
 Desprendendo dos labios um perfume
 Subtil como o perfume que diffunde

A rosa que começa a desdobrar-se!
 Garbosa como a nuvem rarefeita
 Por suspiros de aragem matutina
 Gemendo ao retirar da argentea phebe,
 Comada por cabellos negros, bellos
 Como seus olhos só, e tão franzinos
 Como os fios de orvalho de uma noite
 Escura mas de horror não affeiada!

Eu a vi, e pelos poros
 Um fogo se me coou,
 Occulto incendio em meu peito
 Estragos rumorejou:

Perplexo, fascinado, louco, mudo
 A contemplei; absorto era o mendigo
 Que exausto de esmolar sem ter esmolas
 Depara c'um thesouro immensuravel!

VII.

MEU CAPTIVEIRO.

Eu não amava... amor!... não o sentia,
 Senti-o, de roldão outro senti-me!
 Esse immenso diamante que, incrustado
 No alto de montanha inaccessible
 Dardejava torrente de fulgores,
 Baldando hardido esforço em conquistal-o,
 Affeito o conquistei, fui arrancal-o
 Subindo em aeirostate d'esp'ranças.
 Amo, amo, oh meu Deus! e quanto, e quanto
 Mais vejo a causa d'este amor immenso
 Mais amo, mais padêço, mais espero.
 Fui livre, e a liberdade me pesava
 Como um fardo de insolito gravame
 Da indiff'rença em transumpto me tornando;
 Stou prêso pelos olhos de uma bella,
 Por seus risos geniaes, por seus agrados;
 E, beijando os grilhões que ella lançou-me,
 Ella faz-me reinar no captiveiro;
 Permuta meus suspiros por suspiros,
 Meus ais sentidos por seus ais de amante,
 Dá-me olhares de languidez de morte
 Que um balsamo de vida em mim derramam,
 E de sem par ternura m'eunebriam.

VIII.

O FUTURO.

Como era fallivel, insensata
 Minha crença de nunca ser ferido
 Por amante paixão profundamente!
 Via olhos moverem-se profusos
 Em lanços de ternura ameigadora,
 Via rostos aonde mil primores
 De graças se esbatiam, e por nunca
 De amor ficar sujeito, presumia
 Refractorio lhe ser, e sobranceiro!

Loucura ! Eu era ignaro navegante
 Dos mares de paisões tempestuosas !
 Meu balxel só surcava mansas agoas,
 E nunca dos tufões soffreu o encontro,
 E nunca vellejou pelo oceano
 Sôbre a cerviz das ondas a bramirem
 Rugidos de procellas, e naufragios !
 Via mulheres, mas mulher nem-uma,
 Via mil anjos, mas não via um anjo,
 Via bellezas que as felções darlam
 Para a estatua de Zeuxis, mas não via
 Um molde que podesse todas dar-lhe !

Essa mulher, esse anjo,
 Essa sylpho, esse modelo
 Que sonhava nos meus sonhos
 Sem jámais conseguir vel-o,

Eu achel, e é tão subido o gozo
 D'este achado feliz que, se não morro,
 Tambem vida não tenho que me basta
 Para tanto gozar, tanto aditar-me !
 De um por-vir de venturas só cogito,
 Um futuro me brilha esperançoso
 Em horizonte claro, em céu sereno
 De luzentes estrellas recamado
 Que as nuvens do pezar não embaciam,
 E o vapor da desgraça não marêa !

(CONTINUAR-SE-HA.)



A UNS OLHIOS.

Os olhos de MARCIA bella
 Não são uns olhos vulgares :
 Dão vida, paz e fortuna,
 Mas tambem causam pezares.

São olhos tão bellos
 De tanto brilhar,
 Que, só n'um lampejo,
 Fazem captivar !

São dois olhos tão brilhantes,
 Que outros iguaes nunca vi ;
 Nem posso agora contar
 A vel-os o que senti....

Têm certa magia,
 Que matam de amor :
 Causam mil delicias,
 Dão novo vigor !...

São olhos tão feiiceiros,
 Que se araso fossem meus,
 (Dados pela dona d'elles,
 Me julgava um semidens ! !

Mas ainda espero
 Que hei de os conquistar,
 Para então fruir
 Delicias sem par !...

F.



EPIGRAMMA.

Affirmam que ao *meu polido*
 Rabiscador da *Marmota*,
 Do mosteiro de S. Bento
 Forçam a batter a bota.

Uns presumem ser devida
 Esta súbita mudança
 A ir-se estancando a fonte
 Da conventual papança.

E, como prova segura
 D'esta célebre asserção,
 Dizem que o hospede come
 Por dia um quintal de pão.

Outros dizem que, se os monges
 A' margem o querem pôr,
 E' por já andarem tontos
 Do fartum do redactor.

Outros em fim asseguram
 Ser tudo isto devido
 A, sendo o enjo hediondo,
 Considerar-se um Cupido.

Porém eu penso melhor
 Do que estes amigos meus :
 — Os frades não querem ter
 O demo em casa de Deus. —

X. P. T. O.

CHARADAS.

Publicamos tambem hoje uma *charadilha sublime*, com licença do *polido*, e mui *desfructavel Marmota*; mas daremos a decifração d'ella, porque não costumamos a enganar ao público.

Bem que me occulte,
Sempre appareço;
Nem o estoico
Me nega apreço.

Fogem de mim,
Tambem me chamam:
Como sou util
Todos me amam.— 1

Um Nume antigo
Me transmudou,
Porque outro Nume
O avassallou.

Fiquei tal cousa,
Que enfurecida,
D'ella se afasta
Quem préza a vida.— 2

Vês no meu todo
Um elemento,
Que a qualquer parte
Dá incremento.

Outr'ora o Grego
Me abandonou,
Porque na honra
Quebra encontrou.

Os vates dizem
Que me hão de achar
No céu, no inferno,
Na terra e mar,

Ah! quantas vezes
Dou fama aos reis,
Prostro os tyrannos,
Desprezo as leis!

Qualquer pessoa
Por mim almeja:
Buscai-me dentro
Da Santa Igreja.

A. A.

A' ILLM.^a SRA.

D. A. T. D. A. B.

Eterno amor se concebe
Quando é tal um coração;— 2
Um — i — antepondo, sou
Vida, tempo, ou duração.— 2

Formosa Analia,
A natureza
Dotou meu peito
Com tal firmeza.

E a ti consagrando, oh! nympha adorada,
A prova te dou do mais puro amor;
A elle sensivel, farás, bella Analia,
Felices os dias de teu amador.

C. G. DE MATTOS.



Se o general assim é
Rara vez é derrotado— 2
Se é de ferro, ou de bronze é mui ruim,
Se é do aureo metal é bom bocado.— 3

É bom havel-a na guerra,
Havel-a na poesia;
E o que em alta escalla a tem
Possue de certo valia.



Que bello perfume eu dou — 2
Sou vasilha mui commum — 2
Nos lyceus, e nas scholas
Eu atérro a mais de um.

.....
A explicação do logogripho do
n.º antecedente é: — **Interro-**
gatorio— e a das charadas:— 1.º
Azafamado.— 2.º **Relampa-**
go.— 3.º **Satyro.**
.....

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O AMOR PERFEITO.

No empenho em que nos achamos de cada vez mais agradar ao respeitavel publico, que tão benignamente nos tem acolhido, começamos hoje a publicar o interessante romance de Alexandre Dumas intitulado — *AMAURY*, — traduzido pela joven Fluminense a Illm.^a Sra. D. JOAQUINA BOOM, a quem damos os nossos cordiaes agradecimentos pela offerta que se dignou fazer-nos do seu importante trabalho.

AMAURY
DE
Alexandre Dumas.
TRADUÇÃO
DA
JOVEN FLUMINENSE
A ILLM.^a SR.^a

D. Joaquina Boom.

PREFACIO.

Na em França uma cousa que lhe é particular e quasi desconhecida a todo o resto da Europa, é a conversação. Em todos os paizes discute-se, falla-se, perora-se; e em França sómente se conversa.

HISTORIA DAS LOTERIAS.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 6.)

Não sei se se deve admirar igualmente a loteria que instituíram, pouco tempo depois algumas devotas para seu confesor. Este feliz sacerdote, (era um religioso agostinho), acabava de ser elevado a bispo; ganhou na loteria de seus penitentes um bom carro, seis cavallos, um cajado, uma mitra, uma cruz, um anel, e tudo mais que era mister a equipagem d'um prelado.

Houve tambem uma loteria que se chamou a *Loteria da Paizão*. Aquelles que tiraram os lotes grandes receberam, um uma cruz, outro uma escada, outro disciplinas,

Quando eu estava na Italia, na Alemanha, ou na Inglaterra, e annunciava de repente que partiria no dia seguinte para Paris, alguns admiravam-se d'essa precipitada partida e me perguntavam: — Que ides vos fazer a Paris? — Vou conversar, respondia eu. Então todos pasmavam-se de que cansado de fallar, ou de ouvir fallar, fizesse 500 leguas, para conversar. Só os Francezes comprehendiam, e diziam: — Vos sois bem feliz! E algumas vezes um ou dois, dos menos occupados, se dispunham a acompanhar-me. Com effeito, conheceis alguma cousa mais encantadora do que essas pequenas reuniões, no canto de um elegante salão, entre 5 ou 6 pessoas, que deixam caprichosamente sahir as palavras conforme lhes apraz, seguindo e affagando uma idea,

e outros cordas, &c. Houve tambem casamentos por loteria; e, a julgar pelas chronicas, alguns foram bem felizes.

Conta *Sauval* que uma porção de rapazes folgasões de seu conhecimento, em numero de onze, dando uma pequena ceia a dez bellas moças, terminaram a festa por uma loteria, cujos premios eram elles mesmos: cada uma d'essas damas teve o seu patusco que lhe designou a sorte, e a que tirou a sorte grande teve dois um dos quaes ficou logrado, sujeitando-setambem á sorte. Este jogo foi considerado como um casamento em que as partes contractantes fizeram valer seus direitos; e o caso é que os conjuges viveram em optima harmonia. Chamou-se estas loterias—*loterias de amor*.

A galanteria do seculo XVII engendrou as *loterias galantes*.— As damas que ganhavam recebiam madrigaes, suspiros, votos, sonetos sentimentaes, declarações amorosas e mil outras ninharias deste genero, que pouco as enriqueciam, mas que lhes prognosticavam, ou preparavam certos prazeres.

Em fim crearam-se *loterias gastronomicas*, em que se ganhava pasteis, salsichas,

com tanto que ella lhes agrade, desprezando-a logo que tem perdido toda a belleza, para tomar outra idéa, que cresce e se desenvolve, a seu turno, por entre as zombarias de uns, os paradoxos de outros, e agrado de todos, pois que levada ao apogeu de seu brilhantismo, ao zenith de seu desenvolvimento, desaparece, evapora-se, volatilisa-se como uma bolha de sabão, tocada pela dona da casa, que com uma chitarra de chá na mão se approxima alegre e viva, levando de um a outro grupo o prateado fio da conversação geral, recolhendo os parceres, indagando opiniões, apresentando problemas e obrigando, de espaço a espaço, cada grupo a lançar suas palavras no tonel dos Danaides, que se chama conversação?!

pão azimo, empadas, e garrafas de Champagnac. Houve tambem, apezar da admiravel morigeração de nossos bons avós, uma multidão de loterias licenciosas, em que se renovava de alguma fôrma o rapto das *Sabinas*, com a differença de que as hellas raptadas tinham conhecimento do jogo. Em ultima analyse, as loterias de todas as especies estavam tão em moda, que *Mlle. Scudéri* tratou de quatro no grande romance de *Clelia*, tirado, segundo se diz, da Historia Romana.

Mas, posto que já então tivessem suprimido o effeito do commercio das loterias publicas, ellas não tinham ainda chegado á sua perfeição, por isso que nada, ou quasi nada produziam para o governo. Em 1720 um *genovez* reformou-a em Genova, e esta reforma pareceu tão acertada que foi adoptada em França em 1758. Melhoraram ainda ao depois, e são estes jogos hoje com tanto acerto regulados, que o estado ganha com elles sommas immensas emquanto que os particulares perdem a fortuna. Os prêços não devem passar de cincoenta centimos, mas como podem exce-

Ha em Paris 5 ou 6 salões iguaes a este que acabo de descrever, onde não se dança, não se canta, não se joga, e do qual não se sabe entretanto antes das 3 ou 4 horas da manhã. Um d'estes salões é o de um de meus bons amigos, o Sr. conde de M***, quando digo um dos meus bons amigos, deveria dizer um dos bons amigos de meu pae, porque o Sr. conde de M***, que guarda-se bem de dizer a sua idade, e a quem ninguem pensa em perguntal-o, deve ter de 65 a 68 annos, ainda que, graças ao extremo cuidado, que elle tem de sua pessoa, não parece ter mais de 50; é elle um dos ultimos, e dos mais amaveis representantes d'este pobre seculo tão calumniado; o que elle não julga grande cousa, sem que por isso a maior parte dos incredulos, te-

der, muitos millionarios se tem arruinado; e com as melhores intenções do mundo, prohibindo até que não se arrisque além de dez sollos o governo não poderá impedir que os insensatos tentem fortuna até que um formal desengano desacoroçoe, ou arruine de uma vez.

(Continuar-se-ha)



VATAPA' QUINTINHO.

Sr. Redactor do Amor-Perfeito:

NESTA época em que V. e seu collega COSMORAMA, com a mais justa indignação, tratam de revindicar a honra da imprensa fluminense, torpemente menoscabada pelo *acciadissimo* e *polido Marmoteiro*, tem muita cabida contar ao público um facto acontecido na Bahia, em presença de muitas pessoas que hoje se acham n'esta corte, porque então estava allí o batalhão d'artilhariã que d'aqui fóra destacado.

Era uma noite de espectáculo no theatro; a mania de querer impedir os outros de o julgar.

Ha n'elle dois principios: um que lhe vem do coração, outro do espirito, os quacs se combattem continuamente. Egoista por systema, generoso por temperamento. Nascido na época dos gentis-homens e philosophos, o aristocrata corrige n'elle o philosopho; elle ainda pôde ver o que havia de grande e de espirital no ultimo seculo.

Rosseau o baptisou com o titulo de cidadão; Voltaire lhe predisse que seria poeta; Franklin lhe recommendou ser homem de bem. Elle falla d'esse implacavel 93, como o conde S. Germano fallava das proscriptões de Sylla e da carnificina de Nero. Elle viu passar por sua vez com o mesmo scepticismo os matadores, os setembristas,

tro; a platéa regorgitava de gente, e os camarotes estavam cada um como um quadro das onze mil virgens, menos o do *Marmoteiro*, que era occupado por elle só, pois que sendo em demasia ataralhão, insinuando-se no camarote, como piolho por costura, os donos retiraram-se, e deixaram o sordido gauderio como — villão em casa do sogro. Acabava de se representar um acto da peça, estirou-se o grande *Marmoteiro* pelo camarote fóra, com todo o *horresco referens* de seu individuo, puchou d'um papel, e abrindo a bocca rival dos antigos vehiculos de *salubridade pública*, principiou uma cousa chamada *versos*, que começou assim:

« É justo que se acendam duas vellas. »

— Fóra tolo! fóra basbaque! interrompeu a platéa.

Reina a maior hilaridade; mas o *Prospero*, com a habitual — *sem cerimonia*, — depois de um pouco acalmada a celeuma, diz:

— Ora, Senhores!... Oçam; e se não estiver bom, depois pateiem.

— Vá feito! torna o povo; diga lá, vamos a essa corja de asneiras....

os guillotineiros primeiramente em seus carros, depois em suas carretas. Conheceu Florian e Andre Chernier, Demoustier e M.^{me} de Stael, o cavalleiro de Bertin e Chatcaubriand; beijou a mão de M.^{mo} Tallien, de M.^{mo} Recamier, da princeza Berghèse, de Josephina, e da duqueza de Berri. Elle viu elevar-se Bonaparte e calir Napoleão. O abade Maury o chamava seu escolar, e o Sr. Tallegrand seu discipulo: é um dictionario de datas, um repertorio de factos, um manual de anedotas, uma mina de palavras. Para conservação de sua superioridade, nunca quiz escrever; conta, eis tudo. Tambem como o dizia ainda agora, seu salão é um dos 5 ou 6 de Paris, nos quacs ainda que não haja nem jogo, nem musica, nem dança fica-se até as

« É justo que se acendam duas velas. »

— Fóra! fóra! fiú! fiú! lobo! desearado!... e d'esta vez animou-se tanto a assuada, que a policia quiz intervir; não podendo todavia impedir que uma meia duzia de bollos de *ucassá*, e *aberé* fossem comprimentar, descrevendo parabolás, as ventas *do vate das duas velas*. Conjurada a tormenta, batte palmas o Sr. MUNIZ BARRETO, o querido das *nove irmãs*; e, no meio do maior silencio, recita o seguinte

SONETO.

« É justo que se acendam duas velas »
Um poeta bradava ao povo um dia;
Mas o povo que velas não queria
Do poeta zombou, deu fóra a ellas.

O poeta insistiu, e ir-lhe ás guellas
O povo quasi, quasi já queria:
A *Marmota* mudada em poesia
Quasi leva tambem esmurradellas!

Có as velas apagadas, e corrido
Qual nunca succedeu nem ao BARRETO,
Foi-se o poeta a entreméz vestido.

O povo que o tratou peor que a um preto,
Veio em fim a saber, arrependido,
Que das velas a teima era soneto!

3 ou 4 horas da manhã. E' verdade que nos seus bilhetes de convite elle escrevia: Conversar-se-ha, como outros fazem imprimir: Dansar-se-ha....

A formula affasta geralmente os banqueiros e os corretores, e attahé as pessoas de espirito que gostam de fallar, os artistas que gostam de ouvir, e os misantropos de todas as classes, que apezar dos rogos das donas de casa, não tem querido arrisear-se a um solo de cavalleiro, e sustentam que a contradansa é assim chamada, por ser o contrario da dansa. Quanto ao mais, tem elle um talento admiravel para sustentar com a palavra as theorias que podem offender as opiniões, ou discussões que ameaçam tornar-se fastidiosas. Um dia, um moço de compridos cabellos e longa bar-

Agora, Sr. Redactor, convém que diga ao *Marmoteiro*, que tendo-o *exotudo* a terra onde viu a luz, por julgal-o uma — *almaria venenosa*, — cumpre que elle n'esta idade, ou trate de corrigir-se, ou prepare-se então para, depois de ver-se repellido de toda a casa honesta, ficar á mercê da tapaziada solta, e dar nas praças publicas um espectáculo que muito agradará ao povo, substituindo, por este modo ao *Lucas*, e ao *Praia Grande*. UM TAMOYO.



POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

IX.

RECEIOS.

O avaro é solerte, é preevido,
E mais que muito véla no thesouro
Que elle avulta, avultando na avareza,

ba, fallava diante d'elle de Robespierre, do qual exaltava o systema, e deplorava a prematura morte, predizendo sua rehabilitação. E' um homem que não foi julgado, dizia elle. Felizmente foi elle executado, respondeu o Sr. conde de M***; e a conversação ficou n'isto. Ha um mez, pouco mais ou menos, que me achei n'um d'estes soirées, no qual, depois de ter-se quasi esgotado todos os assumptos, chegou-se sem dúvida por não haver mais que dizer, a fallar-se de amor. Era justamente em um d'estes momentos em que a conversação se torna geral e em que as palavras se dirigem de uma a outra extremidade do salão.

— Quem falla de amor? perguntou o conde de M***.

— E' o doutor P***, disse uma voz.

E apesar de seguro ter os cofres
Um intimo receio o punge, e anceia.

Assim minha alma
Vella, volteia
Junto da Sylpho
Que a abraza, e enleia;
Assim minha alma
Sente o terror
De que quetrem possa
Leve favor
Feliz obter
De quem a faz
De amor morrer.

Mulher! Ah quanto euerra de sublime
Da criação este prodigio immenso!
Companheira do homem nos prazeres,
Companheira do homem na desgraça:
Elle, amando-a, lhe traz pendente o nome
Dos labios como pende o som d'um hymno
Da corda mais harmonica da harpa
De um hardo todo amor, todo ternura;
E, amando-a com vero estremezimento,
Embevecido nos encantos d'ella,
Receia a todo o instante que outros vendo-a
A belleza lhe inquinem com as vistas,
E o coração lhe movam de piedade,
Tão nobre sentimento, mas stúplicio
Para quem ama como eu amo a Sylpho!

X.

CIUME.

Oh! paixão das paixões a mais nefasta,

— É que diz elle d'isso?

— Diz que é uma congestão cerebral benigna, que se pôde curar com diéta, bichas e sangrias.

— Pensais isto, doutor?

— Sim; depois da exaltação a cura é mais rapida e ao mesmo tempo mais segura.

— Mas, doutor, supponde que se não possue, supponde mesmo que não se dirigem a vós, que descobriste a panacéa universal, porém a algum de vossos collegas, menos versado do que vós na clinica: morre-se de amor?

— Por Deus, Sr. conde, é uma questão esta que não se deve propôr aos medicos, replicou o doutor, mas sim aos doentes. Respondei, Srs., dizei, Sras.

Tormento per-luravel, dôr indomita,
Sentimento cruel, que desnatura-
O homem que te soffre, crú ciume,
Longe, longe de mim, não me laceres
O coração que tenho tão sensivel!
Abrigado no peito, és qual incendio
Que o proprio esforço d'extinguil-o ouaugmenta,
Ou és qual o aspid enreclado
Que mata quem pretende acaloral-o!
Tu desairas, rebaixas quem te soffre,
Importuno sentir, tu es o poste
Em que amantes phreneticos se matam
Tendo da vida toda a força ingente!

Não me conturbes
A paz que gózo
Sentir ferino
Tão tormentoso,
E os socios teus
Odio, vin cança
Não atormentem
Os dias meus...

Mas debalde te exconjuro,

Eu frustraneo te exorciso;

Imprecações, exorcismos

Acolhes com negro riso

E lava de atuo volcão,

Me abraças o coração!

Eu confesso, sou fraco; eu sacrificio
Meu orgulho ante a Sylpho, que idolatro:
Vendo-a tão bella, em juvenude ardendo
Como arde o aloe, e a myrrha no aposento
De valida sultana, vendo-a rir-se

Imagina-se bem, que sobre uma tão grave questão, as opiniões se dividiram. Os moços, que tinham tempo bastante para morrer de desespero, responderam que sim; os velhos, que não podiam succumbir senão aos defluxos, em gottas, responderam que não, as senhoras sacudiram as cabeças em ar de dúvida, sem se pronunciarem, pois eram muito altivas para dizer não, e muito sinceras para dizer sim. Todas occuparam-se de tal sorte a se explicarem, que acabaram por não se poderem entender.

— Pois bem, disse o conde, eu quero vos tirar d'este embaraço.

— Vos?

— Sim, eu

— E como?

Como o primeiro albor da madrugada,
E volver-se como a ave mais esvelta,
Se me enlévo também sinto enlevarem-se
Outros muitos. Então se me comprime
O coração; arquejo, gemo, anseio
Como de baixo de gravame immenso!
Si ella olha, os olhares lhe acompanho,
Se falla, esse olhar me vibra estranhos
Sons no ouvido, e se risonha, e meiga
Mais se apresenta, um frio se me cõa
Por todo o ser, e o cerebro enfermo
Desatina, delira, e me amargura!
Quero-a só minha como eu sou só d'ella,
D'ella, d'ella somente porque amando-a
Entreguei-me ao poder de seus encantos!
Mas ella diz-me amar-me, e são contestes
Seus beijos, seus agrados em provar-m'o.
Que importa? Esses carinhos, esses beijos
Que eu permuta por outros de minha alma,
Esses beijos tão meus, ella perjura
Não pôde a outro dar, e assim traidora

Pollir-lhe a vida
De alma ventura,
E me cavar
A sepultura?

Quem sabe?... mas paixão contradictoria,
Ou deixa de rallar-me, ou já de prompto,
Extinguindo meu mal m'extingue os dias.

(CONTINUAR-SE-HA.)



— Dizendo-vos o amor de que se morre e aquelle de que se não morre.

— Ha então muitas sortes de amor? perguntou uma senhora, que talvez tivesse menos direito do que as outras, a fazer esta pergunta.

— Sim, Sra., respondeu o conde; e mesmo agora seria um tanto longo enumerar-as. Voltemos pois á proposição que vos fiz: é quasi meia noite, temos ainda duas, ou tres horas por nossas. Estais assentados em boas cadeiras; o fogo arde alegremente na lareira. Fóra a noite é fria e cáe a neve. Vós estais pois nas circumstancias, em que eu desejava achar um auditorio. Não vos fatigo mais: Augusto mandai fechar as portas e voltai com o manuscrito, que bem sabeis.

LOGOGRIPO.

Se a minha primeira só
Tu me quizeres tomar,
A deves ter no teu fato,
Ou entre os sons m'encontrar.

Porém, unindo esta á quarta
Certo tens no corpo teu;
Pois ainda o muito pobre
Sempre tem isto de seu.

Ainda a primeira e quarta,
Se um R se accrescentar,
E' cousa que todos pedem,
Quer grande, quer popular.

Reúne primeira e segunda;
E' trabalho de animal:
O seu conteúdo é doce,
Prestimoso, e não faz mal.

A segunda com a quarta
Faz o frade e faz a freira:
Os povos também o dão
Em tempo — d'outra maneira.

Um moço levantou-se, era o secretario do conde, rapaz encantador e cheio de distincção, que dizia em particular, estar na casa sob um titulo mais chegado do que o que acabamos de indicar, o que faria crer a affeição paternal que lhe consagrava o conde.

A' palavra manuscrito romperam exclamações e infinidade de instancias.

— Perdoai, disse o conde; não ha romance sem prefacio, e ainda não acabei o meu. Vós podereis suppôr que fosse eu o inventor d'esta historia, e occupo-me em affirmar antes de tudo, que nada inventei. Eis como a sobredita historia veio a minhas mãos: sendo eu executor testamenteiro d'um meu amigo, morto ha 18 mezes, achei entre seus papeis, as memorias, que

A minha terceira só
Se a vejo em Nize adorada,
E' prova de que sua alma
Não existe amargurada.

A terceira co'a primeira
E' jogo particular;
Mas a policia *atrevida*
Não o deixa prosperar.

A quarta com a terceira
Acharás em Albion:
Fórma rixas, gasta *libras*,
Porque o *petisco* é bom.

A terceira com a quarta
Verás na religião;
Tambem na Maçoneria
Bem certo me encontrarão.

Tens aqui as partes minhas,
Decifra agora o meu todo;
Que por certo está bem facil
Penso eu, cá a meu modo.

elle escrevia, não sobre a vida de outros, devo dizer-vos, mas sobre a sua propria. Era um medico. Tambem vos peço perdão por que essas memorias não são mais que uma autopsia moral. Oh! não vos assusteis, Senhoras, autopsia moral, autopsia, não feita com exalpelco, mas com a penna; uma d'estas autopsias de coração, ás quaes gostais tanto de assistir. Outro escripto, que não é de seu punho, estava junto ás suas lembranças, como a biographia de Kressler, as meditações de Murr. Eu reconheci essa letra, era de um moço que muitas vezes encontrei em sua casa, e de quem era tutor. Estes dois manuscritos, que separados não faziam mais que uma historia inintelligivel, completavam-se um ao outro; eu os li e achei a historia muito... como o

Ao rei, ao principe, ao grande,
Hei meu serviço votado:
Se d'elles sou tão querido,
Por outros sou mal olhado.

F. A. COSTA.



CHARADAS.

Brilham as letras lá na culta Europa
Das artes a ascendencia é portentosa!
Mas onde a natureza é mais brilhante,
Mais ingente, mais bella, mais formosa?— 1

Um toiro sobre os hombros sustentando,
C'uma punhada a vida lhe arrancava!
E logo com feroz voracidade
Ali mesmo no circo o devorava! 2

Vilcza! a paz comprada a pezo d'ouro!
Com a espada de Brenno na balança!
Embora a ingrata patria me banisse
Da infamia a liberta a minha laça.

X.

direi? muito humana. Tomei por ella um grande interesse; e como, em minha qualidade de sceptico (vós sabeis que é a reputação que tenho, felizes aquelles que têm uma reputação qualquer), eu não tomo grande interesse em tudo, pensei que se esta narração, que me tocou o coração, perdão, doutor, se me sirvo d'esta expressão, eu sei que n'este sentido o coração não existe, porém é necessario servir-me das locuções usadas, sem isso tornaino-nos inintelligiveis) eu pensei pois, que se esta narração me tocava o coração a mim sceptico, poderia facilmente produzir o mesmo effeito em meus contemporaneos, pois é preciso dizer-vos, uma pequena vaidade me lisonjeou, era de render, escrevendo, minha reputação de homem de espirito, como

De pedra ou de ferro,
Em moinho regular,
Debaixo do eixo
Se ha de encontrar.— 2
A ti me dirijo,
Vou comtigo falar.— 1

Desfruta da terra
Que não semeiou,
Que p'ra seu beneficio
Nada empregou.

E' um meia cara
Qu'em casas a'beias,
Desfruta jantares,
Almoços e ceias.

E' folgazão,
Enganador,
Aventureiro,
Defraudador.

POR A. DE M.



Principio, primasia,
Origem, preeminencia,— 2
Infausto, aziago dia.— 2
Medico por excellencia,
Antes da homocopathia.

POR A. DE M.

aconteceu a M.; não me recordo mais de seu nome; vós sabeis que veio elle a ser conselheiro de estado. Puz-me então a classificar os dois jornaes e a numeral-os, conforme o logar que deviam occupar, para que a narração tivesse um sentido; depois risquei os nomes proprios para substituil-os por outros; em fim fallei na terceira pessoa, em logar de os deixar fallar na primeira, e n'uma bella manhã, sem que o pressentisse, me achei á frente de dois volumes...

— Que não mandaste imprimir, talvez por que algumas das personagens ainda vive?

— Por Deus que não, não é esta a razão: das duas principaes personagens, uma é morta ha 18 mezes, e a outra deixou Paris

A primeira com a terceira
E' dinheiro, e avultado;
A segunda com a terceira
E' o ar quando agitado.

Todas tres são asylo mui profundo
De quem não quer viver cá n'este mundo.

POR UMA JOVEN.



Sou da morte percursor — 2
Bello nome de mulher, — 2
Toda paixão, toda amor
A quem ella o pcito der
Póde crêr-se tão ditoso
Como o maior fortunoso.

A explicação das charadas do n.º antecedente é : — 1. **Solio** — 2. **Lealdade** — 3. **Habilidade** — e 4.ª **Sabatina**.

ha 15 dias. Oia, vós sois muitissimo occu-
pados e esquecidos, para reconhecerdes um
morto e um ausente, por mais semelhantes
que sejam seus retratos. E' pois outro mo-
tivo quem me reteve.

— E qual é?

— Caluda! não digais isto nem a Lamennais, nem a Beranger, nem a Alfred de Vigny, nem a Soulié, nem a Belzac, nem a Deschamp, nem a S^{te} Beuve, nem a Dumas; mas eu tenho promessa d'uma das primeiras cadeiras vagas da academia se continuo a nada dizer. E pois só quando o houver recebido fallarei livremente. Augusto, meu amigo, continuou o conde de M***, dirigindo-se ao moço, que acabava de entrar com o manuscripto: assentai-vos e lêde, nós vos escutamos.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O AMOR PERFEITO.

Com este n.º finalisa o prazo das assignaturas d'este periodico, e por isso rogamos aos Srs. assignantes que hajam de mandar renovar-as, n'esta typographia, para, d'este modo, não haver demora na entrega da folha. Aquelles Srs., porém, que não quizerem continuar, terão a bondade de o prevenir aos entregadores, ou n'este estabelecimento.

Augusto assentou-se, uns tossiram, outros moveram as cadeiras, encostaram-se nos divans, e logo que houve silencio o moço leu que se segue:

CAPITULO I.

Em principio de maio de 1838, quando acabava de soar 10 horas da manhã, o portão de um pequeno hotel da rua dos Mallurinos se abriu e deu passagem a um moço, montado em um soberbo cavallo alazão, cujas pernas finas e pescoco um tanto alongado desmentiam a origem ingleza: atraz d'elle e pelo mesmo portão sahio em devida distancia um criado vestido de preto, montado como elle em um cavallo de raça, mas

AO SR. C. J. DO "ARTISTA.

As cousas que parecem lousas! Pissaram no rabo do communicante do *Artista* C. J. e este senhor deu um salto, mostrou as orelhas, arreganhou os dentes, e enterrou as unhas com raiva felina!

Mal pensamos nós quando rabiscamos o nosso artigo que por tal arrojo seriamos condemnados a barão e pregão!! Sinto breve da Marca! Tão furibunda sanha tirou-nos o somno, e demos tratos a imaginação, querendo encarnar as iniçias que nos fulminam!

Quem será pois o lobis-homem litterario

que a vista de um experiente devia reconhecer o menos logozo do que o primeiro.

Este cavalleiro, que não tinha necessidade de se mostrar, para ser logo collocado n'essa classe de individuos, aos quaes a imitação dos nossos vizinhos de além mar, a lingua do mundo deu o titulo de leões, era um moço de 23 e 24 annos, de presença tão distincta e ao mesmo tempo tão affectada, que denunciava n'elle esses costumes aristocraticas, e que nenhuma educação pôde crear onde não existe naturalmente. E' justo dizer tambem que sua phisionomia correspondia admiravelmente a esse porte, que teria sido difficil o imaginar, cousa mais elegante e mais delicada do que esse rosto moldurado por cabellos e negras suissas, ao qual uma pallidez juvenil

que nos quer reduzir a cinzas *cadavericas*? Será algum capitão mata moiros descendente da *padeira* d'Aljubarrota por linha recta? Será algum poeta d'agna doce que meca os seus versos com uma tira de borrhacha? Será... será... e que nos importa quem seja,

« Se Gallego, Judeu, Algarve, ou Moiro? »

Que temos nós com o enigma animal se deciframos o pedante, o charlatão semsaborico, miseravel artista d'absurdos que moldou uma agulha, e fundiu uma bola?

Dizei-nos *cavalleiro andante* das princezas do palco, conheceis por ventura os primeiros rudimentos da Arte Dramatica para decidir ácerca d'ella com emphaê dogmatica? pois—

Quem da cachola vã t'inflamma o gaz?

Miserias das miserias! E ousaes dizer que copiamos as vossas ideias! As vossas ideias?! A' fê! que se as columnas do AMOR-PERFEITO fossem de mais larga dimensão copiavamos o vosso artigo para dar aos seus leitores um narcotico que lhe cerrace as palpebras, nas suas horas de insomnia!

dava um caracter de particular distincção. Tambem este moço, ultinia vergontea de uma das mais antigas familias da monarchia sustentava um d'estes velhos nomes que se vão extinguido de dia em dia, e que cedo só se encontrarão na historia: chamava-se Amaury de Leoville.

Agora se das investigações exteriores passamos a interior, e do aspecto physico ao sentimento moral, das apparencias á realidade veremos que a serenidade d'esse semblante está em harmonia com a situação do coração de que é o espelho. O sorriso que de vez em quando pairava em seus labios respondendo ao pensamento de sua alma, é o do homem feliz. Sigamos pois este homem tão largamente dotado, que recebeu a uma nascimento e fortuna, mo-

Em que parte do nosso artigo vistes que achassemos na Sra. Adelaide-Christina merito artistico? Euguaae-vos, Sr. C. J., nós não cahiamos em dizer semelbaute cousa,— seria uma barbaridade!

Pôde ser que essa Sra. ainda venha a ter esse merito que vós, Sr. C. J., lhe quereis dar; que estude primeiro então lá para 1870 fallaremos (se lá chegarmos.)

A final o Sr. C. J. não defende a Sra. Adelaide dos defeitos que lho notamos no nosso artigo inserto no n. 6 d'este periodico; limita-se sómente a chamar-nos seis vezes *saborosissimo* em grifo! ao menos valhamos isso! Quanto a nós continuaremos a chamar-lhe SEMSABOR; mas desta vez será em versaletes.

Em todo o aranzel do Sr. C. J. só lia uma cousa em que acertou;— foi em dizer que julgamos ter achado a quadratura do circulo:— é um facto! custou-nos mas descobrimos um *quadrado!*...

Acreditamos piamente que o Sr. C. J. não escreve por dinheiro, por que felizmente já lá vae o tempo em que se vendiam parvoices!!— Entretanto, parece ser

cidade e distincção, belleza e felicidade, por que é o heroe da nossa historia.

Depois de ter sahido de sua casa, posto seu cavallo a trote curto, depois de ter, caminhando sempre ao mesmo passo, alcançado o boulevard, ganhado a Magdalena, seguido pelo arrabalde S. Honorato chegou á rua de Angouleme. Ali um encurtar de redeas deu a seu cavallo andar mais vagaroso, e seus olhos que até então vagaram indifferentes começaram a fixar-se sobre um ponto da rua em que entrou. Esse ponto era um encantador hotel situado entre um pateo guarnecido de flôres, fechado por uma grade, e por um d'esses vastos jardins que nosso industrioso Paris vê de dia em dia desaparecer para dar logar a essas massas de pedras sem ar, sem espaço e sem

mosia da *Artista*, e de seus correspondentes o continuo pregão de que—*não se vendem, e nem se escreve por dinheiro!*— As illações de suas palavras, tirem-nas quem quizer...

Desgraça das desgraças, como são recompensados os serviços d'um mal-aventurado! Eu vão se esforça o eloquente gamenbo por agradar á castissima *vestal*; depõe a corneta com que apregoa o seu merito artistico, pulsa a bandurra e gagueja canção dulcissima exaltando-lhe as graças e... vai... senão quando... é raptada infiel Helena pelo feliz Paris, e o babão de Meneláo fica olhando ao signal!... ah!... ah!... ah!... entende Sr. C. J.? Veiu-nos á ideia uma reflexão quando estavamos a ler o artigo do Sr. C. J.— Eil-a: Se o diaho inspirasse ao autor da *Pedreira* a ideia de escrever em prosa não poderia achar melhor modello do que o Sr. C. J.; a differença no estilo não havia de ser grande: o do primeiro causar-nos-lia somno, o do segundo *chloroformisa-nos!*

Finalizamos dizendo que no apontado de rodilhas, e aranzel de sandices que o

verdura a que tão impropriamente chamam casca; chegada a esse lugar o cavallo parou como obedecendo a um antigo costume; porém o moço depois de ter lançado um extenso olhar para as duas janelas, cujas cortinas hermeticamente serradas impediam qualquer indiscreta investigação, continuou seu caminho não sem voltar para traz muitas vezes a cabeça, não sem certificar-se em seu relógio se ainda não era a hora em que sem duvida deviam lhe ser abertas as portas desse hotel.

Desde então tratava-se visivelmente para nosso joven de matar o tempo; apeon-se logo em casa de Lepage, aonde entreteve-se em destrahir algumas bonecas, passou a ovos e de ovos ás moscas. Todo o exercicio de destreza desperta o amor proprio.

nosso catuirra vasou no *Artista*, envolveu o AMOR-PERFEITO, parece-nos que o communicante deu mais uma patada: os nossos artigos são communicados e nada temos com a redacção d'esta folha; d'est'arte consideramos o *Artista* com relação ao Sr. C. J.— São campos neutros convém respeitar— isto é simples e accessivel aos mais rombudos cascos; deveria pois-tello comprehendido o contemporaneo, salvo se elle é fatalista e vê no AMOR-PERFEITO o fantasma de Bruto! Y.



AO CHRONISTA

DA

ROSA BRASILEIRA.

O *Chronista* da Rosa engana-se, quando nos suppõe injustos para com os actores que representaram no *Dote de Suzana*. Vimos a primeira representação d'este drama, e se o collega a viu tambem ha de concordar connosco, que nenhum dos actores (note bem) nenhum sabia o seu

Ora, ainda que o nosso heróe não tivesse por espectadores mais que rapazes, como era destro e elles nada tivessem que fazer, ficaram ali grupados para vel-o, n'este exercicio elle empregou quasi tres quartos de hora, depois do que tornou a montar a cavallo tomou a trote o caminho do bosque e alguns minutos depois arhou-se na alameda de Madrid. Aqui encontrou um de seus amigos com quem conversou a respeito das proximas corridas de Chaatilly, tomou-lhe mais meia hora. Por fim um terceiro passeador que encontrou á porta de S. James, que tinha chegado do Oriente havia tres dias, fallou com tanto interesse da vida interior que passava em Caire e em Constantinopla que uma hora passou ainda sem muita impaciencia. Mas decorrida

papel, e a Sra. Gabriella menos que nenhum. Não sabemos se é habito que esta senhora adoptou; pois o mesmo succedeu na ultima representação da *Moreniha*, em que ella era a protagonista. O *Chronista* da *Rosa* sem duvida é apaixonado do sentimentalismo; a Sra. Gabriella com as suas contínuas choradeiras internee o seu coração e eis o motivo por que elle achou que esta Sra. comprehendeu o pensamento dos autores da drama!

Se a nossa oppinião não fosse outra, havia de ser a do amavel *Chronista*.

O collega ficou admirado, diz, de ver o papel de *Suzana* desempenhado pela Sra. Gabriella, tendo sido anunciado nos jornaes e cartazes que ia ser feito pela Sra. Jespina Montani!; e com tudo o collega nem uma palavra escreve sobre este insulto feito ao publico e a actriz! á actriz, por lhe tirarem a parte no mesmo dia em que o drama foi anunciado que devia ir á scena; e ao publico, por lhe terem anunciado a Sra. Montani, e apresentarem a Sra. Gabriella!

O collega se fosse imparcial devia stigma-

a hoi a o nosso heroe não pôde por mais tempo conter-se e despedindo-se de seus dous amigos pôz seu cavallo a galope, e sem parar nem mudar de andadura até á extremidade da rua Angoulême, que dá nos Campos-Elyseos. Aqui parou, consultou seu relógio, e vendo que marcava uma hora apeou-se, atirou as redeas a seu pagem e encaminhou-se para a casa, diante da qual havia elle parado de manhã, e bateu.

Se Amaury tivesse experimentado algum receio, deveria este parecer bizarro, porque aos sorrisos successivos que á sua vista appareciam nos labios dos criados, desde o guarda portão, que lhe abriu a porta da grade, até o criado grave que occupava o vestibulo, podia ver-se que o moço era familiar da casa. Assim que o visitador per-

tizar esta injustiça do director: entretanto desculpainol-o por não fazer. Nós podemos fallar francamente, porque compramos o passaporte de entrada ao bilheteiro; e o collega talvez tenha entrada franca: por consequencia tem obrigação de baratear elogios, embora a sua consciencia lhe repugne representar semelhaute papel.

O *Chronista* responder-nos-ha que o papel era forte de mais para as forças da Sra. Montani. Oh! pois só depois d'essa Sra. o ter estudado, ensaiado, e já estar annunciada a sua representação, é que viram que ella o não podia desempenhar? Pois a leitura que do drama haviam de fazer, antes da distribuição das partes, não era sufficiente para verem se ella podia ou não fazer o papel? Para que lh'o deram então, e para que lh'o tiraram depois?!...

São mysterios de bastidores que talvez o collega nos possa revelar.

O amavel *Chronista* embirrou com a Sra. Velluti, ou antes com as suas desafinações de voz e esquesito vestuario; com tudo ousamos affirmar que esta Sra. vinha perfeitamente caracterizada, e desempenhou o

guntou se M. d'Avrigny estava em casa, o criado respondeu-lhe como a quem pôde ir além de certas conveniencias sociaes:

— Não, Sr. conde; mas as senhoras estão no pequeno salão.

Depois como ia elle adiantar-se para annunciá-lo, este fez-lhe signal de que esta formalidade era inutil. Amaury, como quem conhecia o lugar, encaminhou-se por um pequeno corredor, sobre o qual se abriam todas as portas particulares, e em um instante chegou á porta do pequeno salão, que não obstante estar entre-aberta, consentiu que seu olhar penetrasse livremente até o interior.

Elle parou um momento na soleira.

Duas moças de 18 a 19 annos estavam assentadas quasi defronte uma da outra,

seu papel melhores do que todos os outros. O *Chronista* pelo que se deprehende do seu artigo não é affeição à Sra. Vellutti, por isso enterra-a o mais que pôde: quanto a nós nunca negamos o merecimento a quem o merece; ha peças em que a Sra. Vellutti nos causa somno, — na *Suzana* e no *Trapeiro* gostamos muito d'ella.

O *Chronista* põe o Sr. Pedro Joaquim em tal altura que ficamos admirados! De duas nun, ou o collega nunca o viu representar ou então a sua tolerancia passa os limites da possibilidade: — lembre-se que os seus elogios em vez de fazerem com que esse Sr. se corrija dos immensos defeitos que possui não farão mais que augmentul-os.

Y.

VARIÉDADE.

CHUVAS MARAVILHOSAS.

O povo colloca as chuvas de sapos, e de rãs em o numero dos phenomenos os mais espantosos; e ainda

bordando no mesmo bastidor, em quanto no vão de uma janella, uma velha governante ingleza, em vez de ler, observava suas discipulas. Nunca a pintura, essa rainha das artes, havia produzido grupo mais encantador, do que formava as duas cabeças das moças, quasi tocando-se, tão perfeitamente diferentes de aspecto e de caracteres, que se poderia dizer que o mesmo Raphael, as approximava uma da outra, para fazer um estudo de dous typos igualmente graciosos, ainda que contrastando um com outro.

Com effeito, uma d'ellas era loura e pallida, de longos cabellos annellados á ingleza, de olhos azues, de pescoço um tanto comprido, parecia uma debil e transparente virgem oceanica, feita para deslisar-se

não ha muito tempo que eram ellas attribuidas aos horribis maleficios dos feiticeiros. Não e entretanto difficil de comprehender qual a sua verdadeira causa; e por isso aqui damos um pequeno e fraco esboço, conscios de que haveriam de agradar aos nossos leitores.

E' sabido que as rãs, e os sapos depositam seus germen, em grande abundancia nos lugares paludozas, e, com especialidade nas aguas estagnadas. Se, por acaso, estes germen são arrebataados pelos vapores, que constantemente a terra exhala, ficam expostos por muito tempo aos raios do sol, que os desenvolve, — faz nescer os reptis, que vemos cahir com a chuva, principalmente depois de uma grande sêcca.

As chuvas de fogo não são outra coisa mais do que a successão mui rapida dos relampagos, e dos trovões, no meio de uma desabrida tempestade.

Sábios houveram, que não trepidaram em avançar que as chuvas de pedra provinham da lua; e esta lexiana opinão veiu ainda engrossar a massa enorme dos erros populares! Estas chuvas são causadas or-

nos vapores, que o vento do norte enrola por cima das montanhas aridas da Escocchia, ou nubladas plauicies da Grã Bretanha; era uma d'essas visões semi-humanas, e encantadas, como só teve Shakspere, e que a força de genio e trabalho chegou a passar de phantastico, á realidade; deliciosas ereações que ninguem havia advinhado antes de seu nascimento, nem alcançado depois de sua morte, e que elle baptisou com doces nomes de *Cerdetis*, d'*Ophelia*, ou de *Miranda*.

A outra, pelo contrario, de cabellos negros e entrecachados, cuja dupla madeixa moldurava o rosto corado, de olhos brilhantes de purpureos labios, de movimentos vivos e decididos parecia uma d'essas moças de tez dourada pelo sol da Italia, que

dinariamente por materias volcavicas, terras e arêas queimadas, que são conduzidas, pelo impeto dos ventos, a mui grande distancia. Tem-se visto cabir as cinzas do vesúvio até nas costas d'Africa. A quantidade d'estas materias, a maneira por que se espalham pelos campos, quasi sempre mui longe de sua origem, e os desastres que, algumas vezes, tem occasionado, dão eausa a que sejam collocadas na orden das chuvas as mais terríveis.

É porém, entre todas as chuvas maravilhosas, a de sangue a mais assustadora; e entretanto a sua existencia é ehmérica. Não haue, em tempo algum, verdadeira chuva de sangue; e todas aquellas que têm appareido rubras, ou approximando-se á esta côr, hão sido tintas por terras, poeiras de mineraes, ou materias semelhantes, conduzidas pelos ventos á atmosphaera, onde se misturam com a agua que cahe das nuvens.

Muitas vezes ainda, este phenomeno, em apparencia tão extraordinario, tem sido occasionado por myriadas de pequenos insectos alados, que derramam gotas de um

Boccace reúne na cidade de Palmeira para ouvir as alegres fabulas de Decameron. N'ella tudo era vida e saude; o espirito que não podia sahir por sua boeca, brilhava em seu olhar; sua tristeza, pois não ha phisionomia alegre que de tempos a tempos não se annaxie, sua tristeza não podia inteiramente encobrir a expressão habitualmente risonha do semblante. Atraves de sua melancolia se divisava seu sorriso como em nuvem de estio se sente o sol.

Taes eram as duas moças que como o havemos dito, assentadas uma defronte da outra e inclinadas sobre o mesmo bastidor, faziam apparecer com suas agulhas um ramalhete de flores, no qual sempre ficis a seu caracter, uma bordára o lis e pallidas ja-

liquor vermelho sobre os logares por onde passam.

Nossos antepassados, que, pela maior parte, eram *muito instrudos*, viam n'estes phenomenos, como em todos os mais que não comprehendiam, os signaes precursores da colera Divina; como se Deus, tão grande como é, quizesse enfurecer se contra o homem, mesquinho ente, tão fraco, e sempre acurvado sob o peso de mil necessidade, e afflicções!

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

XI.

A VIAGEM.

Duvidoso clarão mal assomava
De matinal crepúsculo, quando presto

cintas, e a outra animava com vivas côres as tulipas e os cravos.

Depois de um ou dois minutos de muda contemplação, Amaury empurrou a porta. Ao ruido que elle fez as duas moças se voltaram, e soltaram um pequeno grito, como fariam duas gazellas surprehendidas; sómente um vivo mas fugitivo rubor corou a loura, em quanto que sua companheira empallideceu impereceptivelmente.

— Bem vejo que fiz mal em não me annunciar, disse o moço adiantando-se vivamente para a moça loura, sem se occupar de sua amiga; pois vos assustei, Magdalenina. Perdoai-me, ereio-me sempre o filho adoptivo de M. d'Avrigny, e pórtome n'esta casa como se ainda tivesse o direito de ser um de seus commensaes.

Por ligeiro baixel demando a praia.
Um amigo leal me segue os passos,
E arfando o latel nos leva ás plagas
Da minha Sylpho em busca, e de outra bella

Que reina,
Governa
Tão terna
A vida

De quem por ella
A cruz perdida,

Perdida por amor, e tão perdida
Que nem quer lutar recuperar-a!
Recche ufano o leuho a nava carga,
E mais esolto, e menos louco singra
Já mar em fóra da bahia vasta.

De tansas brisas só frescór soprava,
Era banzeiro o mar, e levemente
As espaldas das ondas se agitavam
Como sóe ondular em brando somno
O seio de uma bella que adormece
Na rezaça da paz em que deitou-se!
Compacta cerração cobertava
Os gigantes de pedra que namoram
Da gentil Nietheroy a magestade;
O soberbo Pão de Assucar
Tambem não se divisava,
Vasto fruçal de neblina
Como que o agasalhava.

Parecia que adrede os panoramas
De nosso patria rio nos fugiam
Para enfermar-nos de saulades suas.
Se assim foi, foi irritó seu tentame!

— E fazeis bem, Amaury, respondeu
Magdalena. De mais ainda que quizesseis
proceder de outro modo não o poderíeis,
assim o creio; não se perde em seis semanas
costumes de 18 annos. Mas, dai hom dia a
Antonieta....

O moço estendeu, sorrindo-se, a mão
para a moça morena.

— Desculpai-me, disse elle, cara Anto-
nieta; devia logo pedir perdão de mi-
nha falta a aquella, a quem irreflectidamente
havia assustado. Ouvi o grito de Magdale-
na, e corri a ella.

Voltando-se depois para a governante.

— Mistress Brown, disse, recebei meus
cumprimentos....

Antonieta sorriu-se com tristeza, aper-
tando a mão do moço, pois pensou com-

Juntos das bellas que nos amam ternas
Esses véus de vapores melancolicos
A louçan Nietheroy mais alindavam:
Seus olhos dando a luz aos nossos olhos
Para n's tudo e bello to natura!

Vae correndo o madero; a quem já deixa
Ville canon, recórdo triste, eterno
Para a gloria dos francos mareada!
Apróa o Gravata, e vae caminho
Do escalvado penedo aonde o culto
Da Virgem mãe dos nautas se celebra!
Eil-o arfando no sacco decantado
Do apostolo das Indias, luz cimmenso
Por bardo inimitavel ja descripto
Em versos de harmonia encantadora!

As simidades das serras
Dos vapores das nidadas,
Verde escuras, e molhadas
Ainda da cerração,
Já enclugam a espessura
N'um sol de amena sasão,
E do primevo nevoeiro
Apenas alguns listões
De vários ondulações
Chameitam as encostas
Das pedregosas vizias
Do lago, espelho das drias.

Entrados do prazer mais soberano
Alicamos no cões, e eis-nos co' as bellas
Em doce parceria instituidos
Em salão povoado de uma turba
Que, para as contemplar, se abalroava.

— sigo mesmo, que tambem havia sultado
um grito igual ao de Magdalena, porém que
Amaury o não ouviu. Quanto a Mistress
Brown, nada havia visto, ou antes, tudo
havia visto, mas seu olhar havia parado na
superficie das cousas.

— Não vos desculpeis, Sr. conde, disse
ella, pelo contrario, seria bom que fizessem
muitas vezes o que acabais de fazer, ainda
que não fosse senão para curar esta bella
menina de seus loucos terrores, e continuos
sobresaltos. Sabeis do que provém isso?
de suas distrações. Ella imagina um mun-
do, no qual se recolhe logo que cessam de
a entreter no mundo real. Que se passa n'este
mundo? Não o sei, porém o que sei é que
se isto continúa, ella acabará por abandon-
ar um pelo outro, e então serão as distrações

XIII.

O SARAU.

Pelos ares se insinúa
Celestial harmonia,
Em cujas azas se libra
Univers d'alegria;
O aspecto mercencorio
Despe o senho da tristura,
Ninguém parece infeliz.
Todos exalham ventura.

Quatro lados de pares se completam,
É o genio da dança esvoaçando
Per sobre os dançarinos os ungião
Do atletico balsamo que imprime
Nos membros genial flexibilidade.
Era com elles, e a meu lado estava
Com todo o alardo de seu porte esvelto
A mais gentil mulher, a gentil Sylpho!
Junto d'ella de mim nem eu curava,
Todos dançavam, a ninguém eu via,
A ella via só... via? que digo?
Absorto a contemplava como um ente
Ethereo, vaporoso em movimento
De graça tão subida, que eu enidava
Estor no Olympo da poesia antiga
Ao lado de Hebe, ou da venusta dea!
Attentos olhos lhe seguiam passos
Que ella fazia com donoso esmero,
E do extase o silencio a victoriava
Como rainha do sarau ruidoso!

sua vida, em quanto que sua vida será uma distração.

Magdalena dirigiu para o moço um longo e doce olhar que queria dizer: vós bem sabeis porque me distraio, não é, Amaury? Antonieta viu esse olhar, e ficou um instante de pé e hesitante, depois em vez de tomar para seu bastidor, foi se assentar ao piano deixando comecar os dedos sobre as teclas, tocando de cór uma phantasia de Taubert.

Magdalena tornou a seu trabalho, e Amaury se assentou junto d'ella.

— Que supplicio, cara Magdalena, disse baixo Amaury, estar agora tão raramente vós, e livres! É pois o acaso que dispõe assim das cousas, ou uma ordem dada por vosso pae?

Acaba-se a final das contradanças,
E da walsa começa já de ouvir-se
A musica sonora, seductora.

Quem ganha às vezes victoria
Na regular contradança,
Nem sempre na bella walsa
Uma igual victoria aleança.

Sóa a walsa, ó prazer! a minha Sylpho
Volteiando extasia, encanta, arroula;
Sen tão breve pesinho roça apenas
E o chão a superficie, e do seu corpo
O garbo requintando, firma a er'ça
De rainha do baile que lhe deram
Sem competencia de outra que a emulasse.

(CONTINUAR-SE-HA.)

A explicação do logogrypho do n.º antecedente é:— **F**avorito — e a das charadas — 1.º **C**amillo — 2.º **G**uilhote — 3.º **A**rchiatro — 4.º **C**onvento — 5.º **C**arolina.

No logogrypho sahiu a 3.ª quadra inexacta, devendo ler-se:— Ainda a prima, e segunda— A 1.ª charada tambem sahiu em alguns exemplares, com falta das ultimas syllabas, em consequencia de ter-se quebrado a fórma. Pedimos desculpa aos nossos assignantes e leitores.

— Ai de mim! nada sei, meu amigo, respondeu a moça; mas crede que soffro tanto com vós. Quando nós podiamos ver todos os dias e á toda hora, não conheciamos nossa felicidade; precisamos das trevas para desjarmos a luz.

— Mas não poderieis vós dizer a Antonieta, ou ao menos dar-lhe a entender que ella nos faria um grande serviço afastando de vez em quando esta boa mistress Brown, que fica aqui mais por habito do que por prudencia, que aliás, eu o creio, não recebeu ordem expressa de nos vigiar?

— Tenho tido muitas vezes desejos de fazel-o, Amaury, mas não sei verdadeiramente a que attribuir o sentimento que me retém. No momento em que abro a bocca para fallar de vós, a minha prima, a voz

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O AMOR PERFEITO.

É hoje o Dia Dois DE DEZEMBRO! Dia memorado, que outorgou ao Brasil um PENHOR de paz, grandeza e felicidade! Salve Lão Fausto, quanto Magestoso Dia!!

Completa n'este prazo o JOVEN MONARCHA BRASILEIRO o Seu vigesimo-quarto Anniversario Natalicio!

Ah! possa ELLE contar, em tranquillã e animadora paz, muitos dias como este!!... Possa o Brasil vel-O, Circundado da Augusta PROLE, sem-

me falta; e entretanto que lhe direi de novo? ella bem sabe que vos amo.

— E eu tambem o sei, Magdalena; mas preciso ouvir-o sempre de vossa bocca. Attendei: sinto-me feliz quando vos vejo, mas em verdade creio que gostaria mais de me privar d'esta felicidade, do que ver-vos diante de estranhos, de pessoas frias e indifferentes, que vos obrigam a disfarçar a voz, a compôr o rosto, e mesmo agora não vos posso dizer o que soffro com este constrangimento.

Magdalena levantou-se sorrindo-se.

— Amaury, disse ella, quereis ajudar-me a colher algumas flôres no jardim? principiei a pintar um ramallete, e como o de bontem marchou, queria reuval-o.

Antonieta levantou-se vivamente.

pre Dictando sabias leis, e promovendo o seu engrandecimento, a fim de que possa tomar logar distincto que, por tantos titulos lhe compete, entre as Nações cultas!

Salve! Salve, Dia Dois DE DEZEMBRO!!.... Trazes sempre ao coração dos Brasileiros o mais jubileoso sentimento, e derramas em sua alma os effluvios da mais prospera alegria!! Has de atravessar os seculos, risonho e brilhante, e existiras perpetuamente, sempre glorioso, nos annos Brasileos!!!

— Magdalena, disse ella, tocando com a moça um olhar de intelligencia, fazes mal em sahir com este tempo turvo e frio. Tu me encarrega d'este cuidado, e desempenhal-o-hei com uma intelligencia que me fará honra: minha cara mistress Brown, disse ella, fazei-me o favor de ir buscar no quarto de Magdalena um ramallete, que achareis sobre a pequena mesa redonda, em um vaso do Japão e trazei-m'o para o jardim; só vendo-o poderei fazer outro signal.

Ditas estas palavras, Antonieta sahiu por uma das portas do salão que dava para o patamar da escada, e desceu para o jardim, em quanto mistress Brown que não tinha recebido ordem alguma da parte dos moços, e que conhecia os laços que os unia

AO EPAMINONDAS

DA

ROSA BR ZILBEIRA

The very first
Of human life must spring from woman's breast,
Your first small words are taught your from her lips,
Your first tears quenched by her, and your last sighs
To often breathed out in a woman's hearing,
When men have shrunk from the ignoble care
Of watching the last hour of him who led them.

(BEAUTIES OF BYRON.)

Esta a voz da natureza; é esta a epigraphe que deve esmagar a um ente, que, apartando-se da classe dos humanos, onsa constituir-se o inimigo do osso de seus ossos, e da carne de sua carne.

A fragilidade de mulher, é verdade que não nos permite revestir grosseiras armaduras, únicas capazes de resistir aos golpes insanos do Peão que nos assalta; porém, resta-nos o valor de chamar-lhe face á face — covarde!

E com razão
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão. (1)

1 Camões. — Lusíadas.

desde a infancia, sahiu pela porta lateral sem alguma objecção fazer. Amaury seguiu com os olhos a boa governante, e assim que se viu a sós com a moça apertou-lhe a mão.

— Em fim, cara Magdalena, lhe disse, com a expressão do mais ardente amor, eis-nos sós por um instante. Apressai-vos a olhar-me e dizer que me amais sempre; na verdade depois da estranha mudança de vosso pae a meu respeito, começo a duvidar de tudo. Oh! quanto a mim bem sabeis que sou vosso em corpo e alma, sabeis em fim que vos amo.

— Oh sim, disse a moça com um d'esses suspiros azeiros que tanto alliviam um coração opprimido, sim, dizei-me que me amais pois parece-me que fraeca como sou,

Assegurar que a mulher pactou com o demonio para perder o homem, preparando-lhe a morte e a toda a sua geração, é estabelecer um sophisma que redmida em eterna condemnação do homem. Quem corrompeu primeira mulher enganando-a astutamente? foi o demonio; e o demonio e do sexo masculino. A pureza e simplicidade de Eva, compelliu a dar credito ás seductoras palavras d'esse ente malfazejo, que conhecendo o amor e bons sentimentos que ella nutria para com Adão, induziu-a a crer que se este comesse do fructo prohibido, seria como um Deus pelo conhecimento que teria do bem e do mal; Eva desejou ver seu marido similhante a um Deus, tomou um fructo e comeu-o para que Adão a imitasse, e assim peccou por amor do homem, julgando que para bem d'elle devia desobedecer a Deus. Mas, quem a levou ao peccado? O demonio, que ninguem dirá ser mulher.

Como os homens são máus! O primeiro crime foi insinuado por um ente de seu sexo que abusando da fraqueza da mulher enganou-a com doces palavras, ensinando aos

sós vosso amor me faz viver. Vêde, Amaury, quando aqui estás, eu respiro e sinto-me forte. Antes de vossa chegada, ou depois de vossa partida o ar me falta. E depois que deixaste a nossa morada, estás effectivamente ausente. Quando terci o direito de não vos deixar mais, vós meu alento, e minha alma!

— Ouvi, Magdalena, talvez que esta noite mesma, eu escreva a vosso pae, aconteça o que acontecer.

— E que esperais vós que aconteça, se não que nossos projectos de infancia se realisem em fim! Depois que vós tiveste 20 annos e eu 15, não nos acostunamos a considerar-nos como pertencentes um ao outro? Escreve sem receio a meu pae, Amaury, e vereis que elle não resistirá, de um

homens a seducção e falsidade, que até hoje conservam, a despeito da nossa credulidade, repetindo sempre

Y tal es mi Preciosa,
Que lo menos que tiene, es ser hermosa,
Dulce regalo mio,
Corona del donayre, honor del brio. (2)

Percorram-se as paginas das historias das nações todas, e ver-se ha que atrozes crimes hão sido perpetrados por amor do homem: Ingrato Eneas, porque tornaste fiel Dido a mais impudica, e miseravel das mulheres, reduzindo-a ao suicidio?

Pauvre Dilon, où t'a reduite
De tes maris le triste sort?
L'un en mourant causa ta fuite,
L'autre en fuyant causa ta mort. (3)

Deshumano Tiberio, quantas victimas de tuas devassidões!

Feroz Nero, desempenhaste fielmente a tua missão de homem, dilacerando as entranhas de tua mãe!

Eis o que são os homens. E a mulher?
É formada para amar. (4)

(2) Cervantes.—La Gitanilla.

(3) Lord Chesterfield.—Lettres a son fils.

(4) M. de Mariva.—Max. e pensamentos.

lado á vossa carta, por outro ás minhas supplicas.

— Quizera partilhar vossa confiança, Magdalena, mas na verdade, algum tempo ha que vosso pae tem-se singularmente mudado a meu respeito. Depois de me ter 15 annos tratado como seu filho, não chegou pouco a pouco, a considerar-me como um estranho? Depois de ter estado n'esta casa como vosso irmão, não cheguei a vos fazer soltar um grito, por não ter sido annuciado?

— Ah! esse grito foi de alegria, Amaury, vossa presença nunca me surprehende, eu espero-a sempre, mas sou tão nervosa, e tão fraca, que todas as minhas sensações se manifestam por movimentos extraordinarios. E' preciso não dar attenção a isso,

Para amar, e soffrer o jugo encarnicado dos homens, esmagada sob o peso da espionagem, e perseguição, victima do seu orgulho amor-proprio, mesmo expirando innocente aos golpes vingativos do ciume!

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No côlo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores
A' aquelle que depois a fez rainha. (5)

E quando perpetrado o crime, a voz da natureza os força a reconhecer que em flôr cortára a vida de um anjo terrestre: quando philosophia lhes brada estas palavras:

Tire-se de nossos corações o amor do bello,
e tirou-se da vida todo o encanto! (6)

Um grito de remorso lhes surge então da alma já corrupta, e momentaneamente os faz exclamar:

Eis aqui ainda o odôr do sangue, todos os perfumes da Arabia jámais embalsamarão esta mão! (7)

(5) Camões.—Lusiadas.

(6) Rousseau.—Profissão de Fé do vigario Saboianno.

(7) Shakespeare.—Macbeth.

e tambem tratar-me como essa sensitiva que n'outros dias nos divertimos em atormentar, sem lembrar-nos que ella tambem tem sua vida, como nós temos a nossa, e que talvez lhe fizessimos muito mal. Eu sou como ella, vossa presença me faz experimentar a felicidade que outr'ora sentia, menina, nos joelhos de minha mãe. Deus tirando-m'a deixou-vos em seu lugar. A' ella devo a primeira vida, e á vós a segunda. Ella me fez ver a luz do dia, e vós a luz da alma. Amaury, para que eu renasça sempre olhai-me muitas vezes.

—Oh! sempre, sempre, exclamou Amaury apertando a mão da moça, e n'ella encostando seus ardentes labios. Oh! Magdalena, eu te amo, eu te amo!

Mas ao contacto d'esse beijo a pobre me-

O Amor-Perfeito.

Porém, é pouco duradouro este sentimento em seus corações, porque

O mal dá mais occupação, e que fazer aos homens do que o bem, (8)

e proseguem na perseguição da mulher, como lobos encaraçados

Uhm hunger drives to seem new haunt for prey. (9)

Quantas vezes, abatido pelos vícios, empalidecido pelo deboche, onde esquecêra a esposa, os filhos, e a própria honra, entra o homem em sua casa,

Como um Prato mil fôrmas ruins tomando, e ahí encontra um rosto de anjo que o aguarda anciosamente, e que vendo-o assim furibundo se lança de joelhos, rogando-lhe que para sempre renuncie o jogo, a orgia e todos os seus crimes, pois que estes os lançam na miséria, comparando a sua presente situação áquella dos dias felizes, em quanto gozava do doce amor de uma terna mãe, das carícias de seu bom paé, quando

(8) Marquez de Marica, — Maximas e pensamentos.

(9) Milton, — Paradise lost.

nina levantou-se toda tremula e febril, e pondo a mão sobre seu coração:

— Oh! isso não, isso não, disse ella; vossa voz é muito apaixonada e me transforma toda a natureza, vossos labios me abraçam. Poupei-me, eu vos peço. Recordai-vos da pobre sensitiva, fui vê-la hontem, e estava morta.

— Como o quizerdes, Magdalena, como quizerdes. Assentai-vos e deixai-me colocar n'essa almofada a vossos pés, e pois que meu amor vos offende contentar-me-hei com conversarmos fraternalmente e amigavelmente. Oh! obrigado, meu Deus! Eis que vossas faces recobram suas côres naturaes; já não tem o brilho estranho que me feria, nem a sombria pallidez que as cobria, á minha chegada. Estás melhor,

foi por elle apagado esse doce sonho da vida, para precipital-a em um pelago de desventuras! Então é que o homem sem reflectir em seus malefícios, desconhecendo a verdade das palavras de sua esposa,

Ruge como o leão,

e fita olhos de dragão n'essa victima que jaz seus pés, exclamando desapiedadamente:

« Away! Away! » (10)

É a mulher cuja confiança forçou-a a receber-o por esposo, reconhece já tarde, que esse perjuro mil vezes lhe jurando eterno amor, só tinha para dar-lhe odio inveterado, e

Falso como Judas

venderá em pleno jogo a sua própria esposa!

Oh, é horrivel a posição da mulher: sua vida apresenta um dilemma indestructivel que a torna desgraçada; se aos laços de hymen se entrega docil, milhões de males tem de supportar, sempre muda, porque a benção nupcial destruiu-lhe a liberdade

(10) Epaminondas, — Rosa Brasileira.

estás boa, Magdalena, minha irmã, minha amiga.

A moça deixou-se antes cair sobre a cadeira do que assentou-se, encostada em seu braço inclinado para diante seu rosto encoberto pelos longos e anelados cabellos louros, cujas extremidades vinham brincar nas faces do moço. Assim inclinada sua respiração se confundia com a de seu amante.

— Sim, disse ella, sim, Amaury, vós me fazeis corar e descorar á vossa vontade! Sois para mim o que é o sol para as flôres.

— Oh! embriaga-me e vivificar-vos assim com um só olhar! e reanimar-vos com uma só palavra! Magdalema, eu vos amo, eu vos amo.

Houve entre os dois moços um momento de silencio, durante o qual suas almas pa-

como se fôra eterna maldição! E se ao contrario ella recusa escravisar-se, um grito de ciúme foijado por algum coração magoado pelo desprezo, e pela raiva de ver evaporar a sua victima, echôa de serra em serra

Mulher pura e fiel não ha nem houve. (11)

Por estas razões é que a mulher deve esperar achar gravadas sobre o solo da estrada de delicias que conduz ao templo de hymineo, as palavras de Dante :

Per me se va tra perduta gente!

Em quanto ao pezar que afflige ao Epaminondas, por não possuir uma California, não é inteiramente irremediavel; porque, ainda que a não poderia empregar como deseja, ha quem se propozia a comprar o seu pensamento, e fazer-lhe mudar de termos, por isso mesmo que

La richesse a des attrait, (12)

e a ambição, e cobiça são partilhas do homem, porque

(11) Castilho, — Ciúmes do Bardo.

(12) Epaminondas, — Rosa Brasileira.

reciam terem concentrado em seus olhares. De repente um ruido se fez ouvir por de traz d'elles. Magdalena levantou a cabeça, Amaury voltou-se. M. d'Avrigny em pe atraz d'elles os examinava em uma attitudede severa.

— Meu pae! exclamou Magdalena lançando-se para traz.

— Caro tutor, disse com embaraço Amaury levantando-se e saudando-o.

M. d'Avrigny sem responder tirou lentamente suas luvas, pôz seu chapén sobre uma cadeira, e do mesmo lugar, depois de um momento de silencio, que foi para os moços uma hora de supplicio, disse com voz grave e soffreada :

— Ainda vós, Amaury, sabeí que vos tornareis um habilissimo diplomata se con-

Onde ha homens ha cobiça,
Cá e li tudo ella atica,
Se a santa, se a igual justiça
Não laça, ou não desenlica
O que a uma malicia enlica. 13

Aqui finalizamos, affirmando ao Epaminondas que d'esta vez fallou o seu conhecimento dos sentimentos mulheris, e fazendo-lhe lembrar que antes de vera dizer com Lamartine

Notre crime est d'être homme, e de vouloir connaitre.

UMA SENHORA.

POESIA.

AO DIA 2 DE DEZEMBRO

ANNIVERSARIO NATALICIO DO NOSSO ADORAD^o
MONARCHA

O SER. D. PEDRO II.

Surge, surge feliz, ó Dia amavel,

Dia Dors DE DEZEMBRO

Vem entornar em nós prazer infinito

Vem coroar de um anno mais a fronte

Do Inclito Monarcha

Adorado Penhor do Brasil todo!

(13) Não nos recordamos do nome do autor.

tinuades assim a applicar-vos na politica, nos bastidores e em tomar contas da necessidade e interesses dos povos; vindo fazer tapessarias não fiareis muito tempo desempregado e passareis logo a secretario em Londres ou S. Petersburg se aprofundades tão a proposito os recursos do pensamento dos Talleyrands e dos Methernichs em compaunia de uma pensionaria.

— Senhor, tornou Amaury com uma mistura de amor filial e de altivez offendida; pôde ser que a vossos olhos me deseni-de um poneo dos estudos da carreira a que vós me quizeste destinar, mas o ministro não tem percebido esta negligencia, e hon-tem sobre a leitura de um trabalho que elle me pediu....

— O ministro vos pediu de fazer um tra-

Surge ditoso, ó Dia memorando!
 Vem radiante e amigo
 Garantir mais os votos incessantes
 Que nas aras da Patria nossa, amada.
 Pressurosos votamos
 D'um PEDRO a copia amando n'outro PEDRO!
 Dia DOIS DE DEZEMBRO! eu te saúdo!
 Oxala que cem vezes
 Tenhas tu de volver constante sempre!
 Oxalá que os irmãos nossos, queridos,
 Ten valor estimando
 Possam dizer comigo — Salve! salve!

FLORIANO ALVES DA COSTA.



A JURA.

Eu vos offerto esta flór,
 Trazei-a sempre no peito;
 É imagem de minha alma
 O mimoso Amor-perfeito:
 De falsidades isempto
 Preside o meu pensamento.
 Por ella juro constancia
 De perjurar incapaz...

balho; e sobre que? sobre a formação de um segundo Jockey-club, sobre o jogo dos murros, ou de esgrima? Oh! então não me adinro de sua satisfação.

— Mas, meu caro tutor, replicou Amaury com um ligeiro sorriso, ousarei fazer-vos observar que todos estes talentos divertidos a cuja entrega me censurais, é á vossa sollicitude quasi paternal que eu os devo: as armas e a equitação são, segundo me tendes dito, com algumas linguas estranhas que fallo, o complemento da educação de um gentil-homem no seculo XIX.

— Sim, eu o sei, senhor, quando se faz d'estes talentos uma distração de trabalhos serios, mas não de trabalhos serios sem especie de pretexto para prazer. Oh! que sois o typo dos homeus de nossa época, que

Eis aqui a minha mão
 « Serci tua, meu serás... »
 (Até no imperio de amor
 Se jura por uma flor!)

A flor empriu seu fadario,
 Desmaiava... emnuhecia...
 Ao passo tambem que a bella
 De mim (triste!) se esquecia!...
 (Adeus flor, quão pouco aturas!
 Tal foram de Nize as jura!)
 Assim, ó bellas, ó anjos,
 São os vossos juramentos!
 Que germinam-se em prazeres,
 Que definham-se em tormentos!...
 Sois flores, como flores
 Duram os vossos amores!

L. CUNHA E CRUZ.



FABULA.

O ASNO ENGANADO.

(OFFERECIDA AO SR. ***)

Lá n'outras eras, diz antiga lenda,
 Tres animaes gozavam de prebenda,
 Em amena planicie e delectosa

pensam saber tudo da sciencia impura sem ter nada apprendido e que por estarem uma hora de manhã no seu quarto, uma em Sorbonne depois do meio dia, e outra ao espectaculo á noite se põe a par de Mirabeau, Cuvier, Geoffroy, julgando seu genio superior á tudo, e deixando cahir desdenhosamente suas sentenças de salão na balança em que se pezam os destinos do mundo! O ministro fez-vos hontem cumprimentos dizeis vós, está bem. Ide viver n'essas gloriosas esperanças! descontai esses elogios pomposos e no dia do veneimento a sorte vos fará fallir. Porque aos 23 annos, dirigido por um amado tutor, vos achaste doutor em direito, bacharel em letras, encarregado de embaixadas, porque ides ás festas da eôrte com uma farda de

Ali passando vida milagrosa;
 Eram tres os convivas; uma burra,
 Um cavallo, e um asno, de quem zurra
 A fama burrival os altos leitos!
 Todos os tres quadrupedes perfectos!
 — A burra era d'origem Castellana
 Faccira como impudica sultana!
 De tenra idade, esbelta, e com tal graça,
 Que o sceptro disputava á sua raça!
 — O cavallo, ginete impetuoso,
 Belo, altivo, ligeiro e gracioso:
 Nas veias puro sangue lhe girava
 Oriundo d'Arabia! — O asno andava
 Pesado, e vagaroso; animal feio,
 Como nenhum talvez que leva freio!
 Tinha a cabeça horrenda, e mal formada,
 Sem um pello, sequer, pela queixada!
 Orelhas — sem mentir — de palmo e meio,
 Assentava-lhe mal qualquer arreio;
 Pernas arcadas; patas moustruosas!
 E mil outras *bellezas primorosas!*
 E' verdade, — uma cousa me esquecia, —
 Em rabo nenhum burro a excedia!....
 Quando pequeno, fora bonitinho
 Mas, burro de — *padeira ou de moinho,* —
 Muito cedo a albarda lhe deitaram,

gola bordada, porque vos prometteram a cruz da legião de honra, talvez como a aquelle que ainda a não tem; parece-vos por tanto que tudo está concluído e que nada mais tendes a esperar da fortuna. Sou rico, pensais vós, por tanto devo ficar inutil; e depois d'este bello raciocinio vosso titulo de gentil-homem será para vós uma patente de ociosidade.

— Mas, querido pae, exclamou Magdalena assustada da crescente exaltação de M. d'Avrigny, o que estás dizendo? Nunca vos vi fallar assim a Amarry.

— Senhor! Senhor! balbuciou o moço.

— Sim, continuou M. d'Avrigny com accento mais calmo porém mais amargo, minhas censuras vos offendem tanto quanto são merecidas, não e assim? E entretanto

A asnatica natura lhe estragaram!
 — Mas que raro talento o asno era,
 Que erudição profunda! Quem dissera!...
 — O burro era poeta sublimado,
 Versos fazia, ate por atacado!!!
 Ouvindo-o relinchar, gritava áleria
 O mundo burrival de boca aberta!!!
 — Eil-o pois a burrinha namorando!
 Por toda a parte a segue, elogiando
 As graças, o donaire e o talento
 Da burra, d'entre as burrias o portento!!
 — Se alguém acerca d'ella desdenhava
 Uma duzia de coices lhe prezava!
 — Gaguejava da bella as perfeições,
 Em rinchos omecendo-lhe canções!!
 — A burrinha os requebros recebendo
 Com bestial amor ia lambendo
 As orelhas do burro: sempre honesta
 Como sel-o podia uma tal! esta;
 Promettendo pagar-lhe taes favores,
 Chamando-lhe o seu bem os seus amores!!
 O burro de contente se lambia
 Contando mastigar grossa fatia!
 — Ciumes d'outro burro quem diz tal?...
 O asno não sonhava com rival;
 Ao cavallo saza, e petulante

preciso acostumar-vos a isso se continuais a levar uma vida sem fim como a tendes, ou então renunciar a ver um tutor insipido e exigente. Oh! foi hontem sómente que vos emancipaste, meu caro pupilo. Os direitos que meu velho amigo o conde de Leville legou-me sobre vós não mais existem, segundo a lei, mas ainda não cessaram segundo a moral, e vos advirto que em nossos tempos de desordens em que os bens e honras só dependem de um caprixo da multidão ou motim popular, só se pôde contar consigo mesmo, e que milionario e conde que sois, um pae de familia, de elevada posição obraria prudentemente recusando-vos sua filha, e considerando vossos triumphos nas alamedas, e vossas gradações no Jockey-club como bem pouco solidas garantias.

A zurrar alcunhava de pedante
 — Ora pois — Será fácil comprehender
 Que o cavallo nem mal sabia ler!
 Mas se o burro era nu sabio consummado,
 Era o cavallo bello e delicado!
 Este *cujo*, rendeu suas finezas,
 Fez valer suas raras gentilezas,
 A burrinha venceu.... enfim ganhou!...
 Ao burro litterato supplantou!!
 Este pobre coitado que julgava
 Que a burra ternamente o adorava,
 Um dia ouviu dizer-lhe a infiel:

— « Burro orgulhoso, não se fez o mel
 P'ra tua boca horrenda.... Esta lição
 « Que a fortuna te dá por minha mão,
 « Te sirva de escarmento, e d'experiencia
 Que toda a tua fofa sapiencia
 É zero, quando posta em parallelo
 .. A's ternas graças d'um cavallo bello! »

— O burro, em taiva acceso, quiz ferrar-lhe,
 Mas sentiu o cavallo pespegar-lhe
 Pelas ventas dois coices estrondosos
 E galopou co'a burra, ambos airosos!
 Ficando o pobre burro consternado,
 Inconsólavel, triste e maltratado!

M. d'Avrigny se exaltava com suas palavras e passeiava a passos largos sem olhar nem para sua filha tremula como a folha, nem para Amaury, em pé com as sombran-cellas serradas. Os olhos do moço que o respeito mal podia conter erravam de M. d'Avrigny irritado, sem poder comprehender a causa d'esta irritação, para Magdalena attonita como elle.

— Mas vós ainda não comprehendeste, continuou M. d'Avrigny parando defronte dos dois moços então mudos á vista d'essa colera inesperada; não comprehendeste, meu caro Amaury, porque vos pedi que não morasseis por mais tempo comnosco? É porque não convém a um moço de nome e fortuna consumir seu tempo em entretenimentos com as moças, isso que convém

— Dizem que voto fez de continencia,
 E morreu professando penitencia!!

Eis aqui um espelho bem frisante
 Em que se deve ver todo o pedante!
 — Tal como o burro inchado e orgulhoso
 Ha por hi muito tolo presumpso,
 Que queira namorar e ser amado
 Porque *poeta* sendo improvisado,
 Embora que aleijado ou torto seja
 Quer que o amor ás regas o proteja?!
 Mas ha sempre um cavallo para um burro,
 E p'ras ventas d'um asno um forte murro.
 Y.

GUARADA.

A' UM AMIGO.

Origem da caridade;—2
 Em mim haveis de encontrar;—1
 Na Europa, certa pera
 Saborosa haveis de achar.

E d'ella o nome
 Por appellido,
 És tu, Josino,
 Reconhecido.

C. G. DE MATTOS.

aos 12 annos torna-se ridiculo aos 23; e com tudo o futuro de minha filha, ainda que nenhuma relação tenha com o vosso, póde soffrer com elles por vossas contínuas visitas.

— Oh! Senhor! Senhor! bradou Amaury, tende piedade de Magdalena, vós a matais.

Com effeito, mais branca que uma estatua Magdalena tinha cahido sem movimento sobre uma cadeira, fulminada pelas terriveis palavras de seu pae.

— Minha filha, minha filha!... exclamou M. d'Avrigny tornando-se tão pallido como ella, minha filha!... Ah! vós é que a fareis morrer, Amaury.

E arremecendo-se para Magdalena tomou-a em seus braços como o teria feito a

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

AO CHRONISTA

DA

ROSA BRASILEIRA.

Chronista da Rosa desempenha o mister de escriptor publico maravilhosamente! Diz que o papel de *Suzana* não estava nas forças da Sra. Jesuina Montani, e por isso que o director lho tirou no dia da sua representação!... O *Chronista* não se lembra que essa manciara de escrever pôde muitas vezes ser prejudicial a um actor, e é sempre uma baixesa, por qualquer insinuação perfida desacreditar um artista seja elle quem for?

uma criança, e levou-a para o quarto immediato.

Amaury quiz seguil-o.

— Ficai, senhor, disse-lhe retendo-o na porta, ficai eu vol-o ordeno.

-- Mas ella! exclamou Amaury com as mãos postas, não vêdes que tem necessidade de soccorros!

— Por ventura não sou eu medico, disse M. d'Avrigny.

— Perdão, senhor, balneiou Amaury, eu suppunha, não desejava ausentar-me sem saber....

— Obrigadissimo, meu caro.... obrigadissimo pelo vosso interesse. Porém, ficai tranquillo, Magdalena está comigo e os cuidados de um pae nunca faltam. Por tanto, passai bem, e adens!

Para não faltarmos á verdade n'aquillo que escrevemos, foi-nos preciso indagar como as cousas se passaram, para darmos ao collega o exemplo do reflectir antes de escrever.

Para domingo 28 de outubro foi anunciado o drama *Dote de Suzana*, desempenhando o papel de protagonista a Sra. Montani. No dia antecedente (sabbado de manhã) esta Sra. deu parte de doente, por que na realidade ha muito tempo o estava; entretanto no domingo os jornaes de manhã, e cartazes de tarde, annunciaram ao publico a representação do drama. Como a

— Até outra occasião, disse o mancebo

— Adeus! repetiu M. d'Avrigny com olhar gelado; e com o pé empurrou a porta que se fechou sobre elle e Magdalena.

— Amaury ficou no mesmo lugar immovel e aniquilado.

Ouvin-se no mesmo instante soar a campainha, e immediatamente entrou Antonieta com mistress Brown.

— Meu Deus! exclamou Antonieta, o que tens, Amaury? como estás tão pallido e desfigurado! Onde está Magdalena?

— Moribunda, moribunda, exclamou Amaury. Ide depressa, mistress Brown, ide vel-a; os vossos soccorros são-lhe muito precisos.

Mistress Brown precipitou-se para o quarto que Amaury lhe indicava.

Sra. Montani não podia desempenhar a parte, nessa noite, foi o drama transferido.

Na segunda feira foi dado o papel à Sra. Gabriella, talvez na persuasão de que a doença da Sra. Montani fosse longa; esta Sra. para não prolongar por mais tempo a representação de uma peça que já estava annunciada, e em que ella fazia o principal papel, deu parte de prompta na terça feira, no dia immediato àquelle em que o papel foi dado à Sra. Gabriella!! E note o collega, deu parte de prompta apesar de não estar boa!...

Comtudo esta circumstancia não valeu nada para o director do theatro de S. Januario. S. S. deu o papel a quem muito bem lhe pareceu: — não lhe contestamos esse direito; — o que censuramos foi que enganasse o publico; foi que mudasse a protagonista do drama sem ao menos annunciar (ainda que fosse em typo mudo) que o papel ia ser leito por outra actriz!

E para que a obra não ficasse imperfeita Sra. Montani foi n'essa mesma noite, no fim do drama, fazer parte de um quarteto

— E porque não entras tambem, Amaury? disse Antonieta.

— Porque elle me repelliu, Antonieta! exclamou Amanny.

— Mas quem?

— M. d'Avrigny, o pae de Magdalena!

E tomando o chapêu e as luvas, sahiu como um louco.

CAPITULO II.

AMAURY entrando em casa, encontrou um dos seus amigos que o esperava: era um joven advogado que fôra seu collega em Santa Barbara, e depois na escola de direi-

com as Sras. Vellutti, Ricciolini e o Sr. De Vecchy!

O publico comprou bilhete para ir ver a Sra. Jesuina Montani alcançar mais um triumpho, ganhar mais um diamante para engastar na sua já tão brilhante corôa artistica, e não havia de ficar muito satisfeito (como nos aconteceu) de lhe *impingirem* gato por lebre!

O *Chronista* se reflectisse quando escreveu o seu artigo não diria o barbarismo — de que o papel não estava nas forças da Sra. Montani. — Diga-nos: O papel de *Maria na Graça de Deus*, de *Luiza na Filha do Cego*, e o de *Maria no Frey Luiz de Souza*, são por ventura menos fortes do que o de *Suzana*? O collega se não tem a consciencia muito elastica ha de concordar connosco, que a Sra. Montani não deixou nada a desejar no desempenho d'esses papeis, por conseguinte o de *Suzana* não seria peor desempenhado.

O collega pãde dizer o que quizer; a reputação artistica que esta Sra. tem alcançado está muito superior ás intrigas

to, e como elle bacharel. Tinha pouco mais ou menos a mesma idade que Amaury; apesar, porém, de possuir uma fortuna independente, isto é, que rendia vinte mil libras pouco mais ou menos, descendia de uma familia plebéa e sem illustração alguma. Chamava-se Philippe Auvray.

Amaury foi prevenido por seu criado grave d'esta intempestiva visita; a sua primeira idéa foi subir directamente para o seu quarto e deixal-o esperar até aborrecer-se. Porém Philippe, era tão bom moço que Amaury julgou não dever destratal-o assim. Entrou pois, no pequeno gabinete de trabalho onde seu amigo o esperava. Assim que o avistou, Philippe levantou-se e foi ao seu encontro.

— Por Deus, meu caro amigo, disse-lhe

mesquinhas e insinuações perdidas de qual-quer jornalista parcial.

Por ultimo o contemporaneo quiz desmentir a sua *innocencia* atirando-nos uma rapada que pouco nos abalou: a nossa birola, collega, só mede — imparcialidade — logo, a adulação e a servilismo nao podem ser por ella medidos!

Sr. *Chronista*, sympathisamos tanto com a sua pessoa que ainda mesmo que nos pedisse que o crucificassemos nas columnas do AMOR PERFEITO não o faziamos, porque — ficaria a *Rosa* sem um chronista tão noticioso, os bailes sem um historiador tão profundo, os theatros sem um apreciador de tão bom gosto, os actores sem um pa-negerista que tanto entende da arte de declamar, e finalmente o publico sem annunci-
cios com oito dias de atrazo. Demais a pena do *Chronista* nos é tão inoffensiva que seria cobardia atirarmo-nos *com furor* á sua chronica, mesmo porque nenhuma gloria nos resulta em combater um adversario que procura com afan mostrar-nos os calcauhares.

F.

o joven advogado, ha mais de uma hora que te espero. Já começava a impacientar-me e ia retirar-me, o que de certo teria feito ha muito tempo se não tivesse um serviço da mais alta importancia a pedir-te.

— Meu caro Philippe, disse Amaury, sabes como te estimo, não te enfades pois pela que te vou dizer: perdeste ao jogo ou tens um duella? são as duas unicas cousas que não se podem adiar; precisas pagar hoje? tens de bater-te amanhã? N'estes dois casos, minha bolsa e pessoa estão á tua disposição.

— Não, disse Philippe, é para uma cousa ainda mais importante, porém de muito menos urgencia.

— Escuta, meu amigo, disse Amaury,

AO VATE DAS DUAS VELLAS.

Q UANDO o incomparavel e delicado *Marmoteiro* passar da vida presente, terá quem houver de lhe fazer o funeral, mais de um epitaphio a escolher, porque lhe offerecemos este, e o *Cosmorama* já lhe fez offerta de outro. Póde mesmo o *faceto* da *Marmota* fazer em vida a opção; e, como é provavel que ainda appareçam outros, terá muito onde escolher; com isto não lhe desejamos a morte, pois somos christão, e temos força bastante para atmar mais um *mouturo*, no meio de tantos que ha por aqui por este nosso mundo.

Eis aqui o epitaphio, sem mais aquellas...

SONETO.

É justo que se acendam duas vellas »

GLOSA.

Na Bahia levei muita pancada,
Por eu não respeitar nem um estado;
Insultava o solteiro, e o casado,
Ultrajava a donzella, e a casada.

acaba de arontecer-me uma d'essas cousas que transtornam um homem completamente. Apenas sei onde tenho a cabeça. Assim, tudo quanto me disseres serão palavras perdidas, e apesar da extrema amisade que te consagro não te poderei prestar attenção n'este momento.

— Pobre amigo, disse Philippe; mas posso de minha parte servir-te para alguma cousa?

— Não te peço senão que transfiras para d'aqui a dois ou tres dias a confidencia que vihas fazer-me; deixa-me só com a minha dôr!

— Tu infeliz!... Amaury, infeliz quando tens um dos nomes mais illustres e a mais bella fortuna de França? Infeliz quando és conde de Leoville e quando tens cem mil

Em casa alguma ali já tinha entrada,
Era mesmo dos *sambes* enchutado;
Não comia vivia n'um cortado
Padecendo de *rafa* desesp'rada.

Vim p'ro Rio; passo como um *nababo*;
E se as miúdas fortissimas mazellas
D'este *pôdre canastro* derem cabo;

Bem sôbre a minha campá, em honra d'ellas,
De cera dos ouvidos do diabo
« É justo que se acendam duas vellas. »

X***



CHAMOS tão *sublime* o seguinte soneto, que foi distribuído no theatro de S. Pedro d'Alcaotara na noite de 2 de dezembro, anniversario natalicio de S. M. I., e por seu autor offerecido ao mesmo Augusto Senhor, que não nos podemos furtar á tentação de o reproduzir nas columnas do AMOR PERFEITO. Chamamos a attenção dos vates, para que modelem as suas produções por

libras de renda! Bofê! confesso-te que é preciso ouvil-o de tua bocca para o acreditar.

— E entretanto assim é, meu caro, sim... sim... infeliz... bem infeliz! e parece-me que quando nossos amigos têm desgostos deve-se deixal-os sós com suas dôres. Philippe, tu nunca foste infeliz, pois que não comprehendes isto.

— Quer comprehenda ou não, Amaury, quando me pedes alguma coisa bem sabes que é meu costume satisfazer-te. Queres ficar só, desditoso amigo, adeus, adeus!

— Adeus, disse Amaury, deixando-se cahir em uma cadeira. E como Philippe sabia disse-lhe:

— Philippe, dize a meu criado grave que não estou em casa para ninguem, e que lhe

este chefe d'obra. (A orthographia é do autor.)

SONETO.

Com prazer vejo brilhar hoje o dia
De Dezembro dois no aureo Janeiro,
No Brasil entre todos o primeiro,
Pelos Brasileiros aliado com elle ia.

A Côte se enche de gloria,
Os canhões annunciam o globo inteiro,
Teu anniversario lisongeiro
De PEDRO O NOME traz a memoria.

Se Roma na historia um Trajano
Conta factos que abyssma o mundo,
O Brasil acha em seu Soberano

Um outro em virtudes tão fecundo;
Entoando sonoras vozes o arcado
Ouve-se bradar — *Viva Pedro Segundo!!*

Por J. H. S. P. DA NOBREGA.

Este verso é allusivo ao saudoso nome do
Immortal Senhor D. Pedro 1.^o
(N. DO AUTOR.)

prohibo de aqui entrar sem minha ordem.
Não quero ver ninguem.

Philippe fez signal a seu amigo que des-empenhará a commissão, e depois abstou-se procurando em vão descobrir que estranha circumstancia poderia ter feito Amaury cahir em tão profundo accesso de misantropia.

Quanto a Amaury desde que heou só, deixou cahir a cabeça sobre os mões procurando lembrar-se em que poderia ter merecido a ira de seu tutor; mas nada pôde encontrar em sua memoria, que tão escrupulosamente interrogava, que lhe podesse dar a explicação d'essa ira inesperada que sobre elle havia descarrugado; e entretanto toda a sua vida passada esteve diante d'elle, dia por dia.

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 8.)

XIII.

O REPOISO DE TODOS, E A VIGILIA DE UM.

Desenvolta corren tola a partida,
E deshoras já eram bem subilas
Quando os rouvivas de folgar caucados
Demandaram repouso em doce leito.

Só ao somno não se curva
Quem ama com muito ardor,
E tem na sua presença,
O objecto do seu amor.

Todos dormiam, eu velando estava,
O compassado respirar sentindo
Dos felizes dormientes. Minha Sylpho
Tambem buscou repouso, mas reclusa
Entre quatro tyrannicas paredes
Ni m me o calor do ouvido bafejava
Com seu tenro arquejar, que de fadiga
Sem dúvida arquejava onde dormia!

Amaury, como o dissemos, era um d'esses honcens que o capricho da sorte enriquece de todos os dotes. A natureza criando-o fel-o bello, elegante e distincto, e seu pai morreu deixando-lhe um antigo nome, que tinha firmado seu lustre monarchico nas guerras do imperio, e uma fortuna de mais de milhão e meio confiada aos cuidados de M. d'Avrigny, um dos medicens mais distinctos da época, e a quem uma antiga amizade ligava a seu pai. Demais tinha visto sua fortuna, habilmente dirigida por seu tutor, augmentar-se quasi de um terço em suas mãos. Mas não obstante ter-se M. de Avrigny occupado cuidadosamente dos interesses pecuniarios de seu pupilo, quiz ainda velar em sua educação como si fôra seu proprio filho. Resultou pois, que Amau-

E eu solerte
Tu não velava
Juncto do leito
Em que ella estava!
Com seu descanso
Não descançei,
E do remanço
De seu socêgo
Eu não gozei

Gemia, e meus ais solicitando
Uma mensage ao bem que me roubava
Quia porta hem fragil, mas feixada
Pelas aldravas de pudo, da honra
Que a gazua do anhele abrir não tenta!
Pobre de mim, da minha Sylpho peito
Era mais insolfrivel meu suppho
Do que se enchorasse em longe estada!
Meus ais porém perdiam-se no ambito
Da vasta sala meu descanso dala.
Irriso! Descançar quem não se cansa?
O amor não fadiga, mata o amante
Sem não lhe as forças abatter com que ama!

XIV.

O LAGO.

De seus purpureos hotcens
Desabrocha a madruzada,
E lacvira, e namorada
Como a mais donosa fada,
A cor com o céu tingia
Da do lago a peret'ria.

ry educado junto de Magdalena, mais velho do que ella 3 ou 4 annos, sentia uma profunda ternura por aquella que o considerava como irmão, e um amor mais que fraternal crescia diurnamente em seu coração por aquella a quem por muito tempo chamára sua irmã.

As duas crianças, desde sua infancia, haviam formado na innocencia de suas almas, e na pureza de seus corações, o bello projecto de nunca se deixarem. O immenso amor que M. d'Avrigny tivera a sua mulher, morta aos vinte e deus annos, concentrou todo em sua unica fillia; este amor, pois, e o sentimento quasi paternal que Amaury conhecia ter-lhe inspirado fazia com que os jovens não duvidassem um unico momento do consentimento de M. de

Que pomposo espectáculo? Que magia,
Que sortilegio esta visão promove!
Era o lago um vasto espelho
Onde do céu se miravam
As estrellas que restavam
As raras nuvens que estavam
Com a cor do arrebol
Agonizando ante o sol,
Que lentamente subia

Por occultos degraus da serrania
Estava o lago quieto; as mansas ondas
Pregniosas dormiam nas aréas,
E mal leve marulho resomando,
Das aves as canções ouvir deixavam
Fazendo-lhes compasso primoroso!
Do meu peito era a antithese completa!
No seu leito dormi sem receio
Do genio das tormentas, doces cantos,
Almo sol, tudo tudo o emballava
E mais lhe o somno de prazer doirava!

En, agitado
gestaltecido,
E pelo espirito
So protegido,

O contemplava absorto a Deus rogando
O pompasse ao furor de nobre infando!
Ja lá alto dia, e os convidados,
Que já tinham nos braços do repouso
Haurido as forças que perdido haviam,
Começavam d'erguer-se de seus leitos.
Volvo os olhos do lago em que os fitava
Cada vez mais sedente em admirar-o,

Avrigny. Tudo havia finalmente concorrido para embalar-os na esperança do mesmo porvir, e era o objecto eterno de seus entretenimentos desde que ambos haviam soudado seus corações; as continuas ausências de M. d'Avrigny, que se via obrigado a votar quasi todo o seu tempo á sua clinica no hospital de que era director, e ao instituto de que era membro, deixavam-lhe entretanto todo o tempo de levantar esses agradaveis castellos no ar, aos quaes a lembrança do passado e a esperança do futuro, davam a apparente solidez de edificios collossaes. Estavam elles pois n'esse ponto de sua vida, Magdalena tendo feito seus 17 annos e Amaury 22, quando o humor ordinariamente brando e affavel de M. de Avrigny se alterou. Acreditou-se a princi-

Vejo aquella por quem velára a noite
No meio de outras bellas a aguardar-me,
Vão a cumprimental a, e esquecer-me
Da vigilia, e tormentos que passara.
(CONTINUAR-SE-HA.)

O MEU GOSTO.

Um semblante que escurece
A candidez do jasmim,
Uns olhos pretos, bem pretos,
Que encantos não tem p'ra mim !?

A côr morena me enleva,
E' sympathica, engraçada;
Uns olhos pardos, bem pardos
Tem não sei que, que me agrada !

Gósto de negras madeixas
Que vencem do ebano a côr;
Os olhos garços estimo,
Quando desmaiam de amor...

Louros cabellos ondados
Tem p'ra mim muita magia;
A pallidez n'um semblante
— E' doce melancolia... —

pio que esta mudança de caracter era motivada pela morte de uma irmã que elle muito amava, e que deixára uma filha da idade de Magdalena, sua amiga constante e companheira de seus estudos e divertimentos. Porém os dias e os mezes decorreram, e o tempo longe de desanuviar o semblante de M. d'Avrigny, o entristecia pelo contrario cada vez mais; e por uma singularidade, era quasi sempre sobre Amaury que descarregava esse máu humor, que de tempos a tempos recahia sem que se soubesse como nem porque sobre Magdalena, essa filha adorada por cuja mocidade elle havia espalhado esse thesouro de amor que encerra só o coração de uma mãe; depois por uma singularidade tão estranha como a que havemos dito, era a estouvada e alegre An-

Na escolha vacillo, todas
São bellas por excellencia:
Não sei qual rainha d'ellas
Terá minha preferencia!

Todas são encantadoras,
Quasi em perfeições iguaes;
Como hei de escolher a uma,
Si temo offender as mais?...

Si gosto da côr morena,
Si préso negros cabellos,
E captivam-me olhos pardos,
E sempre suspiro vê-las:

A côr rosiclea-jasminea?
Louros fios annelados?
A pallidez, olhos garços
Não rendem peitos gelados?

Mas se tu, ó natureza,
Tens thesouros exaurisses...
E de todas a belleza
A' uma só conferisses...

Por fim, ó bellas, ó anjos,
Me eximido do conflito,
A causa de tanto empenho
Em vossas mãos deposito:

Cada uma dê-me um beijo ..
A' porfia... os que quizer,
E depois... a preferencia
Tem aquella que *mais der*...

LUIZ DA CUNHA F. CRUZ.



CHARADAS.

Por atravez, por meio, — 2
Bens moveis em de raiz. — 2
Mulher resabida p'ra o mal:
Em geral toda a actriz.



Atraz sendo eu pôsta,
Adiante indico estar — 1
Adiante a mandatos von,
Atraz cumpre-me ficar. — 2

Em girau me não encontras,
Mergulhada m'has de achar.

tonieta quem parecia ter-se tornado a favorita de M. d'Avrigny, e que havia herdado de Magdalena o privilegio de tudo dizer-lhe. Demais, M. d'Avrigny elogiava sem cessar Antonieta na presença de Amaury, e mais de uma vez tinha dado a entender que Amaury concordaria com elle abandonando os projectos que elle mesmo outr'ora havia formado sobre seu pupilo e Magdalena, para voltar suas vistas para aquella sobrinha que trouxera para casa, e sobre a qual parecia ter encontrado todo o lado visível de suas affeições.

Entretanto Amaury e Magdalena, cegos pelo costume não tinham visto n'essas singularidades de M. d'Avrigny mais do que contrariedades momentaneas, e não uma dôr real. Elles tinham pois ficado com sua

convicção, e um dia brincavam como crianças que eram, coccendo em redor do bilhar Magdalena para defender uma flôr que Amaury queria tirar-lhe, quando de repente a porta se abriu, e M. d'Avrigny appareceu:

— Muito bem, disse elle, com certa amargura que começava a notar-se em suas palavras, o que significa esta criança? ainda estas nos teus dez annos, Magdalena? E tu, Amaury, ainda estás no tempo dos quinze? Acaso julgam este o tempo em que corriam sobre a relva do castello de Leoville? porque queres tomar essa flôr que Magdalena tem razão em recusar-te? Eu suppunha que só os pastores e pastoras da opera faziam d'esses passos choregraphicos, parece que me enganei.

Sou a primeira.—1
 Ainda a primeira — 1
 Agora a terceira — 1
 E agora? a primeira.—1

O conceito?
 Eu já o explico:
 Sou bis mulher,
 E n'isto fico.

POR A. DE M.

Stou no reino vegetal—4
 Entre seis também estou—4
 Com tal nome a humanidade
 Certo tempo appellidou—2

Sou nome de homem,
 Parei nas Folhinhas
 Não has de encontral-o;
 Vê lá se adivinhas.

Perto—1
 Depressa—1
 Sentimento.—1

Em certo santo
 Vai procurar;
 Eu te affianço
 Que has de encontrar.

F. A. COSTA.

— Mas, meu pae, aventurou Magdalena, que julgava até então que M. d'Avrigny gracejava, e que acabava de perceber que elle nunca estivera tão serio; mas, meu pae, ainda hontem....

— Hontem não é hoje, Magdalena, tornou seccamente M. d'Avrigny: obedecer assim ao passado é renunciar ao futuro; na verdade, não sei porque razão renunciaste aos brinquedos e ás bonecas; se não queres reconhecer que com a idade os deveres e as conveniências mudam eu me encarregarei de fazel-o lembrado.

— Porém, meu bom tutor, tornou Amaury, parece-me que sois bem severo para nós; iratai-nos como muito crianças. Ah! meu Deus, tantas vezes me dissestes que uma das bondades de nosso

Pendo garbosa d'animal valente
 Augmentando-lhe a graça e formosura.—2
 Milito sem mim a vida amargurada
 Passara inda mais triste, inda mais dura.—2

Dizei, homem valente e corajoso,
 O que em Roma vos fez republicano?
 Se foi affronta vil que recebestes
 Se horror a monarchia ou ao sob'rano!
 X.

No Vademeccum das damas
 Esta letra é a primeira.— 2
 Caminha por uma estrada
 Que não consente poeira — 3

Lida c'o o pobre, c'o o rico,
 Com o rei, com o villão,
 E para agradar a todos
 Precisa ter perfeição.

A explicação da charada do p.^o antecedente é — **Amorim**.

seculo era os meninos julgaem-se homens.

— Talvez lhe dissesse isto, Sr., mas a respeito d'essa rapaziada de collegio que se occupa da politica, para esses Richelieu de vinte annos, que se fazem homens de estado, para esses poetas que fazem do desencanto uma decima musa. Se nada d'isso é na realidade, conserve-lhe ao menos as apparencias; demais venho para fallar-lhe de cousas graves. Retira-te, Magdalena.

Magdalena sahio lançando para seu pae um d'esses bellos olhares supplicantes, que outr'ora alirandava sua colera, mas sem dúvida elle lembrou-se por quem esses bellos olhos supplicavam, e conservou-se indifferente e irritado.

Ficando só com Amaury, M. d'Avrigny





